

Ana Maria Paim Camardelo
Mara de Oliveira
Nilva Lucia Rech Stedile

Tempos Rudes:

a identidade atribuída e sentida pelos
catadores e pelas catadoras de resíduos de
Caxias do Sul-RS



Tempos rudes: a identidade
atribuída e sentida pelos
catadores e pelas catadoras
de resíduos de Caxias do
Sul-RS

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Presidente:

José Quadros dos Santos

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Evaldo Antonio Kuiava

Vice-Reitor:

Odacir Deonísio Graciólli

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Juliano Rodrigues Gimenez

Pró-Reitora Acadêmica:

Flávia Fernanda Costa

Chefe de Gabinete:

Gelson Leonardo Rech

Coordenadora da Educs:

Simone Côrte Real Barbieri

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldo Rech (UCS)

Asdrubal Falavigna (UCS) – presidente

Cleide Calgaro (UCS)

Gelson Leonardo Rech (UCS)

Jayme Paviani (UCS)

Juliano Rodrigues Gimenez (UCS)

Nilda Stecanela (UCS)

Simone Côrte Real Barbieri (UCS)

Terciane Ângela Luchese (UCS)

Vania Elisabete Schneider (UCS)

Tempos rudes: a identidade atribuída e sentida pelos catadores e pelas catadoras de resíduos de Caxias do Sul-RS

Ana Maria Paim Camardelo
Mara de Oliveira
Nilva Lucia Rech Stedile



© do autor
1ª edição 2021

Revisão: Izabete Polidoro Lima
Editoração: Giovana Letícia Reolon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

C172t	Camardelo, Ana Maria Paim Tempos rudes [recurso eletrônico]: a identidade atribuída e sentida pelos catadores e pelas catadoras de resíduos de Caxias do Sul-RS / Ana Maria Paim Camardelo, Mara de Oliveira, Nilva Lúcia Rech Stedile. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2021. 184 p.; 14x21 cm. Dados eletrônicos (1 arquivo) ISBN 78-65-5807-119-8 (impresso) 978-65-5807-120-4 (on-line) Apresenta bibliografia. 1. Catadores de lixo. 2. Estratificação social. 3. Exclusão social. I. Oliveira, Mara de. II. Stedile, Nilva Lúcia Rech. III. Título. CDU 2.ed.: 316.344.24
-------	--

Índice para o catálogo sistemático:

1. Catadores de lixo	316.344.24
2. Estratificação social	316.343
3. Exclusão social	316.34

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Márcia Servi Gonçalves – CRB 10/1500



Direitos reservados a:

EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197

Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Dedicamos esta obra a todos(as) os(as) catadores e catadoras do Brasil e, em especial, aos de Caxias do Sul, os quais disponibilizaram suas percepções e seus conhecimentos que a tornaram possível.

“Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento e gente de fogo louco que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos não alumiam nem queimam: mas outros incendiam a vida com tamanha vontade, que é impossível olhar para eles sem pestanejar e quem chegar perto pega fogo.”

(Eduardo Galeano)

Sumário

Prefácio / 9

Introdução: por que contar histórias que não são de carochinhas / 13

A trilha seguida: o porquê e o como caminhamos / 17

Os sujeitos entrevistados: os(as) protagonistas do livro / 30

A estrutura do livro / 34

1 O mirante utilizado pelas autoras / 39

2 Tempos rudes: a identidade atribuída e sentida / 79

As pedras dirigidas aos catadores e às catadoras / 82

Metade indiferença, metade ruindade / 101

3 A esperança de equilibristas / 119

Fé na vida, fé no que virá / 125

O direito de sonhar cotidianamente usurpado / 134

Considerações finais: a inacabada possibilidade de outras respostas / 153

Referências / 169

Prefácio

Sobre os *Tricholoma Matsutake*

Em *The Mushroom at the End of the World*, a antropóloga sino-americana Anna Lowenhaupt Tsing investiga o *Tricholoma Matsutake*, espécie de cogumelo micorrizo, isto é, que estabelece relações de simbiose com as raízes de tipos específicos de plantas. Encontrado na Ásia, Europa e América do Norte, o Matsutake é uma iguaria muito valorizada, especialmente na culinária japonesa, chegando a custar mais de mil dólares o quilograma, servindo como marcador do início do outono, em razão do odor característico, perturbador para alguns, agradável para outros. Ao seguir a trilha desses cogumelos, passando por aspectos históricos e ecológicos, por sua cadeia de produção e consumo, a referida autora constrói uma incrível e inusitada parábola sobre a sobrevivência em condições precárias. Daí o subtítulo daquela obra, “sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo”.

O Matsutake, a primeira forma de vida a emergir da paisagem desolada pela bomba de Hiroshima, tem como característica mais marcante o fato de emergir justamente em paisagens destruídas, em meio aos resíduos de ecossistemas degradados, nutrindo as raízes de outras plantas e fazendo-as florescer, a ponto de permitir o surgimento de florestas em terras desoladas. Para Tsing, estes seres vivos nos auxiliam a compreender a ruína no nosso lar coletivo (*collective home*), o que podemos entender tanto no sentido ecológico-planetário, como no

sentido social-humano, bem como a condição contemporânea da *precariedade*, definida como “vida sem promessa de estabilidade”. Entretanto, é importante ressaltar que “viver na precariedade exige mais do que reclamar de quem nos coloca aqui”, exige antes de tudo “olhar ao redor para perceber este estranho mundo novo, e estender nossa imaginação para compreender seus contornos” (TSING, 2015, p. 3).

Proponho tomar de empréstimo a imagem do Matsutake para melhor apreciar a importante obra cuja leitura estamos prestes a iniciar. Em *Tempos rudes...*, de Ana Maria Paim Camardelo, Mara de Oliveira e Nilva Lúcia Rech Stedile. As autoras nos presenteiam um olhar ao mesmo tempo sensível e acurado sobre um mundo estranho, que para muitos parece distante e desprezível, mesmo sendo parte essencial da vida humana, mesmo ocorrendo aqui ao lado. O texto alarga nossa imaginação e a capacidade de compreensão e sensibilização para a realidade em que estão inseridos(as) os catadores e as catadoras de resíduos de Caxias do Sul. Realidade material, sem dúvida, feita de trabalho árduo, insalubre, precário. Realidade simbólica feita pelas “pedras” do insulto, do desprezo, da indiferença e da “usurpação do direito de sonhar”.

Uma das promessas do mundo que emergiu do mundo do pós-guerra, com as declarações de direitos humanos e organizações internacionais, voltadas à sua proteção, é o pleno desenvolvimento das sociedades, que têm como um de seus principais indicadores, o fim do desemprego, o trabalho estável, seguro, digno e bem-

remunerado. Ironicamente, a maior parte das pessoas vive hoje de meios de subsistência precários, sob todos os aspectos. A insegurança material e simbólica e a indignidade vivida pelos trabalhadores precários se refletem sobre sua identidade. A partir de valores que remontam a uma história oligárquica, sempre (re)legitimada pela racionalidade neoliberal imperante, por uma lógica concorrencial, em que a disputa se dá fora da lei, esses homens e mulheres, cuja tarefa é essencial à vida contemporânea, são amplamente percebidos como “subgente”. Essa identidade emerge como uma segunda condenação: trata-se de oprimir aquele que é oprimido, *porque é oprimido*.

Compreender os contornos da realidade dos catadores e das catadoras é essencial para que possamos agir sobre a realidade, transformando o incômodo e a indignação em ação profícua, na convergência entre as dimensões econômica, social e ecológica da vida. Conduzido por rigor metodológico, experiência e sensibilidade humana, o presente livro cumpre exemplarmente um dos papéis centrais da Universidade, que é debruçar-se sobre os problemas sociais, compreendê-los para além da superfície e fornecer elementos para que possamos desnaturalizar as diversas formas de violência e opressão.

Assim como os Matsutakes, os valorosos trabalhadores, protagonistas desta bela pesquisa, vivem e trabalham em ambiente degradado, em meio aos “restos” de uma “máquina insaciável” de produção e consumo de mercadorias, nem sempre necessárias; em meio aos “restos” do sonho de cidadania e bem-estar social, plasmado nas

Declarações de Direitos Humanos e na Constituição de 1988. Embora sejam, por vezes, vistos como baratas ou ratos, esses destinatários de direitos são responsáveis, assim como os cogumelos, pela indispensável (re)ciclagem daqueles materiais característicos do modo de vida contemporâneo. Não seria exagero considerá-los garantidores do conforto e da sobrevivência humana, realizando atividade imprescindível à sustentabilidade social e ambiental, das quais dependem nossas cidades e, de resto, a biosfera. Ainda, são exemplos de solidariedade e colaboração em ambientes hostis, tomados por resíduos, onde o sol raramente alcança – o que faz ressaltar a qualidade da resiliência.

Que suas histórias possam nos ensinar importantes lições sobre a vida e o trabalho em condição de precariedade, alargando os limites da nossa imaginação.

Clóvis Eduardo Malinverni da Silveira
26 de maio de 2021

Introdução: por que contar histórias que não são de carochinhas¹

Dos diversos instrumentos utilizados [...], o mais espetacular é sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio são extensões de sua visão; o telefone é a extensão de sua voz; em seguida, temos o arado, a espada, extensões de seu braço. O livro, porém, é outra coisa: **o livro é uma extensão da memória e da imaginação**. [...] Penso que o livro é uma felicidade de que dispomos, nós, os homens [e as mulheres].²

Por meio das informações e análises aqui apresentadas, ensejamos que seja cumprida a posição de Jorge Luís Borges, a de que essa produção seja *espetacular*, simplesmente por ser um livro. Não qualquer livro, mas um que é produto da interlocução com homens e mulheres, de diferentes idades e tempo de inserção junto a certo ofício ocupacional: suas *memórias* reais de opressão e descaso social e a *imaginação* de que, quiçá, apesar do descrédito nas instituições e em muitos dos denominados seres humanos possa haver esperança.

¹ Histórias ou *contos de carochinhas* é uma expressão empregada a partir do século XIX, hoje alcunhada de *contos de fadas*. É utilizada no sentido de: algo fantasioso, crença, “história para boi dormir”, negação da realidade.

² BORGES, José Luís. **Cinco visões pessoais**. Trad. de Maria Rosinda R. da Silva. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 13.

Trazemos narrativas que, embora sejam individuais (ou em duas pessoas), permitem que, por meio delas, se apreendam as experiências coletivas de dilemas, opressões, descaso e sofrimento de um agrupamento em mesma atividade. Contar a história de uma profissão é referir sobre a vida de sujeitos. Não devemos esquecer de que

[...] se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas.³

Por isso, a demonstração da identidade social dos(as) catadores(as) de resíduos passa pelo resgate da história deles(as): uma profissão se constrói pela luta e pelas *memórias* de quem a protagonizou. Os avanços, os aperfeiçoamentos das práticas laborativas, os saberes

não são inatos, mas produzidos pela socialização, isto é, através do processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados (famílias, grupos, amigos, escolas, etc.), nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social.⁴

Enfatizamos que as *memórias* de quem as narra devem “ser vistas como uma “reconceitualização” do

³ GONZAGUINHA. Caminhos do coração. **Álbum Caminhos do Coração**, Rio de Janeiro: EMI Music Brasil, 1982. Faixa 1.

⁴ TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 22.

passado, a partir do momento presente. Uma versão construída a partir do presente e de suas necessidades”.⁵

Isso significa que as pessoas, mesmo quando perguntadas sobre fatos e dados específicos, lembram de aspectos que são/foram salientes (quaisquer que sejam os motivos da importância que pode ter conotação negativa ou positiva). Ninguém é uma ferramenta tecnológica para lembrar de tudo o que ocorreu. Além disso, o tudo é empapado de escolhas psíquicas e de vivências que fazem com que articulemos, inconscientemente, acontecimentos decorridos com experiências passadas e presentes. São, nesse sentido, sempre releituras permeadas por experiências atuais e expectativas de futuro.

É como bem expressa Calvino: “[...] teria de levantar algumas das pedras enormes que servem de barragem entre o presente e o passado, para descobrir as pequenas cavernas atrás da testa onde se anicham as coisas esquecidas”.⁶

As *memórias* de quem narra juntam-se às escolhas das autoras, às suas experiências teóricas e práticas e ao acúmulo de informações adquiridas na caminhada profissional e de vida, além do seu dever, como pesquisadoras, de vasculhar em outras searas investigativas

⁵ MACIEL, Sheila Dias. Investigações em torno da memória e do testemunho em Lembrança de uma Batalha, de Ítalo Calvino. **Revista Rascunhos Culturais**, Coxim, MS, v. 5, n.10, p. 33-46, jul./dez. 2014. Disponível em: http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2015/08/10ed_artigo_2.pdf. Acesso em: 20 out. 2020. p. 37.

⁶ CALVINO, Ítalo. **O caminho de San Giovanni**. Trad. de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 67.

– bibliográfica, documental, com indivíduos –, preenchendo lacunas que o tempo distanciou do interlocutor.

Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos.

Uma história [...] não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar [...] onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado, que transcende [aquela narrativa]: é o nosso trabalho [de pesquisador] e muito belo seria dizer, a nossa luta.⁷

Esperamos ter conseguido *transformar as histórias* onde elas *floresceram*. Almejamos ter atingido, mesmo que em parte, *leitura crítica, interpretação, o mais fiel* possível, do que os sujeitos de pesquisa quiseram dizer, dos *significados* que atribuíram. Buscamos, neste sentido, “conhecer o problema de perto, tocar nos fatos. Mas isto não basta para que fale em nome de alguém: devemos também procurar, permanentemente, enxergar de sua perspectiva a realidade”.⁸ Isso representa, entre outros, ser capaz de respeitar suas opiniões e visões de “homem” e de mundo, por vezes, totalmente diferentes das nossas. É fácil? Não.

Como nós, os(as) entrevistados(as) têm uma história social, familiar e profissional de encontros e desencontros.

⁷ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 69, separação em itens e acréscimos nossos.

⁸ BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leitura de operárias. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981. 179.

Igualmente, “de solidariedade e de disputas, de diferenças e convergências, de distâncias e partilha de destinos comuns, de esperança e de desencantos, sociabilidades de circunstâncias ou aquelas tecidas em histórias partilhadas e destinações comuns”.⁹

Para identificação mais clara e objetiva, dividimos esta introdução em três partes.

Na primeira, denominada *A trilha seguida*, sinalizamos o porquê e o como caminhamos, ou seja, a metodologia utilizada na coleta, organização e análise dos dados de pesquisa, que constituíram o acervo de informações centrais à escrita deste livro, bem como seu formado de estruturação estética.

Na segunda, intitulada *Os sujeitos entrevistados: os/as personagens do livro*, identificamos os(as) catadores(as) entrevistados(as) e selecionados(as) para compor as exposições e inferências efetuadas.

Na terceira parte apresentamos, sinteticamente, a estrutura do livro em cada um de seus capítulos.

A trilha seguida: o porquê e o como caminhamos

Há algum tempo, pesquisamos resíduos sólidos e, com esta temática, os sujeitos centrais da cadeia produtiva dos recicláveis, os catadores e as catadoras e, com eles, os tipos de resíduos com os quais estes(as) trabalhadores(as)

⁹ TELLES, Vera da Silva. Prefácio. *In*: KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil – fotografias de Antonio Saggese. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 9.

(em Caxias do Sul) entram em contato e a forma como lidam com eles, o que amiúde os coloca em situações de risco. Investigamos, da mesma forma, como vivem, compreendem e significam os processos de trabalho e de vida em que estão inseridos.

Compomos, com isso, certo acervo de informações, que tiveram objetivos específicos variados, mas, de maneira geral, sempre intentaram subsidiar análises e proposições de alternativas para a qualificação da formulação e da gestão das políticas públicas, visando o desenvolvimento humano e social desse grupo.

Isso corrobora o fato de que, mesmo que tenhamos especificamente nesta obra elegido os relatos dos indivíduos com quem conversamos entre 2018-2019, considerando o projeto *Pesquisa Catadores de Resíduos: de “papeleiros” a protetores ambientais*,¹⁰ há, indubitavelmente, reflexões, posições e interpretações que fazem parte do conhecimento teórico e prático acumulado.

As várias averiguações desenvolvidas nesses muitos anos de estudo, os sujeitos que delas participaram (sejam na posição de investigadores ou de investigados) e seus produtos nos permitiram seguir, descrever e compreender um pouco melhor sobre concepções, valores, conhecimentos específicos que foram/são partilhados entre os participantes e que norteiam “modos de ser, pensar,

¹⁰ CAMARDELO *et al.*. **Catadores de resíduos**: de papeleiros a protetores ambientais. Projeto de pesquisa. Financiado pelo CNPq. Universidade de Caxias do Sul, RS, jun. 2017/jun. 2020.

agir, sentir, [resistir] e imaginar”¹¹ dos(as) catadores(as). Em outros termos, suas “representações, seus sistemas de valores, suas noções e práticas [...] são, de certa forma, instrumentadores e orientadores de suas percepções e da elaboração de suas respostas”.¹²

Contribuíram, sem que possamos medir a grandeza dessa dimensão, os estudos teóricos e empíricos promovidos por outras instituições e por outros pesquisadores.

Quer dizer, a atividade de pesquisa consiste na permanente retomada daquilo que foi, enquanto conhecimento, acumulado.

Isso não resulta, em hipótese alguma, que já se tenha conhecimento suficiente, uma vez que nenhum conhecimento é absoluto e definitivo, nem foi finalizado ou abrange todos os aspectos da vida social.

É indispensável lembrar que toda e qualquer investigação não é neutra. É definida e sistematizada diante do momento histórico vivido: quem pesquisa “[...] de uma maneira ou de outra, parte da, ou [é] implicado pela realidade social que estuda [...]”.¹³ A essa realidade

¹¹ IANNI, Otávio. **A era do globalismo**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 13, acréscimos nossos.

¹² BAPTISTA, Myrian Veras. **Planejamento social: intencionalidade e instrumentação**. 3. ed. São Paulo: Veras, 2013. p. 34.

¹³ LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. p. 235, acréscimos nossos.

juntam-se experiências, desejos e certa visão política, ideológica e opções teóricas dos sujeitos que propuseram, coletaram, organizaram e analisaram os dados, as autoras do livro.

Dentre as opções, a *trilha* metodológica proposta pautou-se na pesquisa qualitativa. Por meio dela é viável

compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores quanto a:

- (a) valores culturais e representações sobre sua história e temas específicos;
- (b) relações entre indivíduos, instituições e movimentos sociais;
- (c) processos históricos, sociais e de implementação de políticas públicas e sociais.¹⁴

Lógica interna que teve vínculo direto com o objetivo geral traçado no Projeto de Pesquisa indicado, na tentativa de resgate da história dos “catadores de resíduos sólidos da cidade de Caxias do Sul, com vistas a dar visibilidade aos (des)compassos, na construção de identidade social destes(as) trabalhadores(as)”¹⁵ contribuindo com o reconhecimento do valioso papel socioambiental que prestam, bem como identificando formas de discriminação, marginalidade e exclusão a que são submetidos.

¹⁴ MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 23, separação em itens nossa.

¹⁵ CAMARDELO *et al.*, *op. cit.*, p. 8.

A fonte principal de coleta das informações foram os(as) próprios(as) catadores(as) selecionados(as), diretamente em seus locais de trabalho.

Os dados foram recolhidos por meio de entrevistas em profundidade (semiestruturadas). Essa modalidade de diálogo permitiu o intercâmbio permanente com o informante, o que tornou

o trabalho interacional (ou seja, de relação entre pesquisador e pesquisados) um instrumento privilegiado de troca de informações sobre as pessoas é a possibilidade que a fala tem de ser reveladora de condições de vida, de sistemas de crenças e, ao mesmo tempo, possuir a magia de transmitir por meio de um porta voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor.¹⁶

Para a execução das interlocuções foram, inicialmente, mapeadas as lideranças dentre as entidades de recicladores, reconhecidas publicamente (expostas, entre outros, no *site* da Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul (Codeca), responsável pela coleta de resíduos sólidos urbanos no município), por meio de entrevistas preliminares e, conforme a disponibilidade de cada um, tal coleta de dados foi iniciada.

Nos procedimentos de entrevistas, a conversação não seguiu rigorosamente uma sequência ordenada de perguntas e respostas, mas um roteiro. Ponderações, principalmente aquelas em que o interlocutor quer chamar

¹⁶ MINAYO, *op. cit.*, p. 63.

a atenção, ou tem uma preocupação acentuada, podem, e é comum sua ocorrência, aparecer, repetitivamente, em vários momentos dos encontros ocorridos. Um “ir e vir” que favorece o resgate da memória e a fluidez das ideias.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Optamos por organizar os dados por meio da ferramenta de pesquisa designada Análise de Conteúdo, que tem como preceito “desmontar a estrutura e os elementos [do] conteúdo [obtido] para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação”,¹⁷ por isso se adequa ao processo de organização e de exame dos relatos obtidos.

Destacamos que as transcrições dos encontros individuais e coletivos, em texto, é uma primeira forma de organização; entretanto,

o material continua bruto e não permite ainda extrair tendências claras e, ainda menos, chegar a uma conclusão. Será preciso para isso empreender um estudo minucioso de seu conteúdo, das palavras e frases que o compõem, procurar-lhes o sentido, captar-lhes as intenções, comparar, avaliar, descartar o acessório, reconhecer o essencial e selecioná-lo em torno das idéias principais.¹⁸

A partir da década de 90, do século XX, muitos autores têm se debruçado na explicitação do uso da

¹⁷ LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Trad. de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ. 1999. p. 214, acréscimos nossos.

¹⁸ *Ibidem*, p. 214.

Análise de Conteúdo. Utilizamos Bardin, que sintetiza a mesma em três fases: pré-análise,¹⁹ exploração do material,²⁰ tratamento dos resultados em bruto e interpretação desses resultados.

Com as transcrições dos diálogos digitados (fundando os textos a serem organizados e analisados), fizemos, individualmente, a leitura flutuante (exaustiva e repetida), fazendo um primeiro contato com os registros, buscando uma percepção inicial sobre os sujeitos e o que expressaram, de maneira que pudéssemos impregnar o sentido do todo – a apreensão global do verbalizado (agora em forma escrita) seus aspectos dinâmicos e interativos.

A partir dessa etapa, trocamos, em reunião, de forma coletiva e colaborativa, as percepções, as sensações, as associações de ideias e de conhecimentos de cada uma, para, a partir disso, definirmos a primeira versão da categorização, já adentrando na fase da exploração do material.

Tendo definido essa primeira versão das categorias, classificação de unidades de análise, procuramos em cada entrevista transcrita, testar a aplicabilidade, o alcance, a objetividade e sua pertinência.

Lembramos que a categorização, na análise de conteúdo, consiste no agrupamento de dados que

¹⁹ A pré-análise “é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (*Ibidem*, p. 95). Envolveu duas tarefas: 1. a leitura flutuante “onde se estabeleceu contato com cada uma das entrevistas transcritas deixando-se invadir por impressões e orientações” (*Ibidem*, p. 96); 2. a reformulação das questões norteadoras e dos objetivos.

²⁰ BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 7. ed. São Paulo: Edições 70, 2011. p. 280.

contenham partes em comum: “Classifica-se por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo”.²¹ A organização preliminar, bem como a final das categorias, foi erigida a partir de elementos de conteúdo agrupados por parentesco de sentido.

A base conceitual adotada, o conhecimento produzido por outras pesquisas sobre e com os mesmos participantes, a própria realidade em estudo, as questões norteadoras e os objetivos da investigação, conjuntamente com os tópicos orientadores do roteiro da entrevista, serviram de base para a definição das categorias²².

As denominações finais traçadas sofreram várias modificações, ou seja, reconsiderações, pela releitura

²¹ MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 12 mar. 2017. s/p.

²² As categorias definidas foram: i. História do sujeito entrevistado: local de nascimento; idade; nível educacional; dados familiares – estado civil, filhos, entidade a que pertence; ii. Trabalho de catação e vínculo familiar: inserção na atividade; trabalho fora da catação; motivo da inserção na atividade; trabalho infantil, “herança” familiar; iii. Caracterização do trabalho do/a catador/a: descrição; dificuldades; propostas; conquistas pessoais pelo trabalho; iv. Identidade social do/a catador/a: percepção da sociedade em relação à pessoa e ao trabalho desenvolvido; percepção pessoal em relação ao sujeito e ao seu trabalho; importância da função; v. Participação social e política: formas de participação; importância; conquistas; dificuldades; vi. Visão do contexto social, político e econômico: gestão pública municipal; realidade brasileira atual; vii. Políticas públicas acessadas (benefícios, programas, projetos): descrição; importância; dificuldades; viii. Lideranças identificadas; ix. Continuidade do trabalho de catador/a para os filhos; x. visão de homem e mundo, bem como de desejos.

produzida, uma vez que definir categorias é um processo que se dá “de forma cíclica e circular, e não de forma sequencial e linear”.²³

Portanto, há um permanente retorno aos dados, para perquirir outros sentidos, novas explicitações, o que resulta em “novas camadas de compreensão”.²⁴ Isso mostra que os dados podem ser (e foram) reunidos em vários níveis de ordenação. A perspectiva foi evidenciar apreensões particularizadas, considerando a metodologia utilizada, tentando não excluir parcelas “das significações produzidas pelas pessoas, [não] deixando escapar o latente, o original, o estrutural, o contextual”.²⁵

Na elaboração deste livro as categorias, subcategorias e variáveis, igualmente aos objetivos específicos da pesquisa, tomaram outros delineamentos e, amiúde, precisaram ser agrupados, re-significados, o que não poderia ser diferente. Primeiro, porque os objetivos específicos de um projeto são intenções definidas, de maneira parcializada, com o propósito de alcançar o objetivo geral e particularizar determinadas situações, o que não significa que sejam alcançados, ou se o forem, em sua plenitude.

Segundo, porque em uma pesquisa qualitativa com uso de roteiro semi-estruturado há liberdade de expressão do inquirido, além de permitir a inclusão de outras questões ou esclarecimentos a serem feitos pelo pesquisador. Isso, apesar de favorecer o *resgate da memória e a fluidez das idéias* dos entrevistados, dificulta a organização dos dados de maneira mais sistemática, a

²³ *Ibidem*, s/p.

²⁴ *Ibidem*, s/p.

²⁵ BARDIN, *op. cit.*, p. 95, acréscimos nossos.

partir de um objetivo específico ou classificação, porquanto a explanação do interlocutor pode abranger vários objetivos, ir além ou aquém.

Terceiro, porque um livro, mesmo aquele que relata e analisa o produto de uma pesquisa não se configura como um relatório, em que a base encontra-se na reapresentação dos elementos do projeto, o processo de coleta, de organização e de análise dos dados e dos resultados obtidos. De maneira geral, trata-se de um texto com caráter narrativo e/ou descritivo. Em um livro como este, o objetivo é – tendo como eixo norteador as falas de sujeitos de pesquisa – expor avaliações, apontando causas, problemas, a partir de certo ponto de vista, fundamentado teoricamente.

José Saramago define nosso entendimento sobre a construção deste livro, mesmo que ele esteja descrevendo a de um romance. O livro

crece como cresce uma árvore. Suponha que a árvore conhece a altura que terá, o aspecto geral da espécie a que pertence, mas sabe (imagino que sabe) que não será igual à sua vizinha. Os ramos podem nascer-lhe mais acima ou mais abaixo, apontar para um lado ou para outro. Se tem um plano de crescimento, é possível dizer que nesse plano há tanto de liberdade como de necessidade. Para mim, seria impensável estabelecer um plano rígido para o livro, com cada coisa no seu lugar e um lugar para cada coisa. As associações de idéias, processo mental que não controlamos, podem levar-nos por caminhos que não havíamos previsto. Também na escrita a liberdade vai de braço dado com a necessidade²⁶.

²⁶ GENTILE, Paola. José Saramago: "ideias claras, escrita clara". Nova Escola. 01 de outubro de 2003. Disponível em:

Mesmo que tenhamos planejado este livro, construído um sumário preliminar, separado, anteriormente, textos, legislação e falas a serem usadas, no caminhar redacional – interpretativo-explicativo –, as associações de ideias, definem trilhas não imaginadas, *ramos* que apontam para lados diferentes do projetado. Ou seja, encontram-se outras problematizações, outras apreensões, outras conclusões, que demandam estudos não cogitados, a busca de significados ainda não localizados, interpretações a serem instituídas.

Vale enfatizar que tomamos todos os cuidados éticos necessários para a realização do estudo.

A partir das várias entrevistas preliminares efetuadas selecionamos, para este livro, doze, considerando os objetivos da pesquisa e a possibilidade de articulação e cruzamento de dados que entendemos melhor expunha as descrições, as análises e as interpretações acerca dos sujeitos, suas histórias e a ocupação de catador(a).

Ainda como componente da *trilha seguida, de como e por que seguimos determinado caminho*, precisamos falar sobre a opção por trazeremos trechos de poesia e de literatura para nomear os títulos dos capítulos e suas divisões, assim como fazendo parte do texto.

O propósito foi o de, por meio de linguagem metafórica, dar leveza à escrita, em “uma configuração estética mais atrativa, arejada e poética”.²⁷ Acreditamos que

<https://novaescola.org.br/conteudo/950/jose-saramago-ideias-claras-escrita-clara>. Acesso em: 20 mar. 2021.

²⁷ MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e

este tipo de linguagem, como adendos de narrativas, conduz ao “enriquecimento na explicação de um conceito, ou ainda como ponte para a sua apropriação”,²⁸ como estratégia capaz de despertar um interesse maior pelo texto.

A linguagem metafórica de poemas e frases de textos literários tem “uma grande potência para dizer algo em poucas palavras [...] os fatos, os sentimentos, a vida, captando deles o que é percebido como essencial”.²⁹

Expressões artísticas e científicas podem caminhar lado a lado “levando a interpretações semelhantes a respeito do funcionamento do universo. [Uma vez que] apenas representam-no com linguagens diferentes”.³⁰

É como nos fala Barros: “Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima, serve para poesia [...] As coisas jogadas fora têm grande importância – como um homem jogado fora [...]. As coisas [consideradas] sem importância são bens de poesia”.³¹

Fragmento da música “Quem sabe isso quer dizer amor”, de Marcio e Lô Borges, simboliza para nós a

diários envoltos em intenções pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23. Epub: Rio de Janeiro 2018, p. 3. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782018000100276&script=sci_arttext. Acesso em: 28 dez. 2020.

²⁸ *Ibidem*, p. 4.

²⁹ *Ibidem*, p. 7.

³⁰ REIS, José Claudio; GUERRA, Andreia; BRAGA, Marco. Ciência e arte: relações improváveis? **Hist. Ciênc. Saúde-Manguinhos**, v. 13 supl.0 Rio de Janeiro out. 2006, p. 72. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000500005. Acesso em: 18 dez. 2020. crescimos nossos.

³¹ BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2010. p. 19, crescimos nossos.

potência da poesia, pois retratam, *em poucas palavras, fatos, sentimentos*, que “escutamos”, que vivenciamos, ao dialogar com as afirmações expressas pelos(as) catadores(as) entrevistados(as).

Enfim, inferimos que “todo indivíduo que trabalha habita [...] um corpo, com todas as dores e as delícias que habitar um corpo pulsional implica. Cada trabalhador é um sujeito que pensa e age, mas que precisa da poesia”.³²

No caso de um livro, produto de investigação científica, o uso da poesia se dá “porque não há inovação científica sem insight, sem intuição, sem sensibilidade, sem invenção, sem inconsciente”³³ – sem poesia.

Ao “enxergarmos” o que disseram: “Abri a porta e antes de entrar, revi a vida inteira”³⁴ de dor, de sofrimento, de invisibilidade “experienciada”.

Percebemos, se ainda tínhamos dúvidas, “sinais de bem, desejos vitais, pequenos fragmentos de luz”³⁵ nos sonhos e desejos desses sobreviventes, apesar do descrédito oriundo da “vida vivida”.

Eles, os(as) entrevistados(as), nos ensinaram que é possível:

³² PEYON, Eduardo Rodrigues. **Sobre o trabalhar contemporâneo: diálogos entre a psicanálise e a psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Blücher. *E-book* em pdf, 2018. p. 30.

³³ *Ibidem*, p. 48.

³⁴ NASCIMENTO, Milton. **Quem sabe isso quer dizer amor**. Composição de Márcio Borges e Lô Borges. Álbum Pietá. Rio de Janeiro: Warner Music, 2002. Faixa 5.

³⁵ *Idem*.

Falar da cor dos temporais
Do céu azul, das flores de abril
Pensar além do bem e do mal
Lembrar de coisas que ninguém viu
O mundo lá sempre a rodar.³⁶

Tomara consigamos efetivar a potência da “escuta” e da “visão” em outros.

Os sujeitos entrevistados: os(as) protagonistas do livro

Todos os(as) participantes da investigação assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o que denota que concordaram em participar da pesquisa e, apesar de terem sido explícitos, ao afirmar que não se importavam que seu nome fosse divulgado, a fim de garantir a privacidade, codificamo-los em letras maiúsculas e entre parênteses: (A), (B), (D), (E), (F), (G), (H), (I), (J), (K) e, quando das entrevistas coletivas, acrescentamos à letra um número (A1) e (A2); (E1) e (E2). Logo foram abordadas doze pessoas, sendo oito individualmente e quatro em duas duplas.

Igualmente, procedemos à codificação, em relação às entidades a que estão vinculados (as) os(as) participantes da pesquisa e os respectivos anos de início/natureza jurídica: (i) final dos anos 70; (ii) natureza jurídica em 1997; (iii) natureza jurídica em 1998; (iv) natureza jurídica em 2002; (v) natureza jurídica em 2009;

³⁶ *Idem.*

(vi) natureza jurídica em 2011; (vii) natureza jurídica em 2014; (viii) natureza jurídica em 2014; (ix) natureza jurídica em 2014. É possível conferir que a codificação em questão seguiu a ordem de maior tempo cronológico de funcionamento.

Foram nove as entidades, apesar de doze entrevistas selecionadas. Isso se deve a dois fatores: o primeiro relacionado às duas entrevistas coletivas, que foram feitas com indivíduos que tinham convivência marital e trabalhavam no mesmo espaço ocupacional; o segundo se deu pela opção feita pelos pesquisadores, ao indagar dois membros da mesma entidade, que, respectivamente, retratam a primeira e a segunda geração de trabalhadores na área.

O Quadro 1 resume informações gerais acerca da codificação, em letras dos interlocutores, o sexo, a idade, o estado civil, os filhos, o tempo de inserção na atividade e aquela fora da catação.

Da mesma forma, apresenta-se, em complementaridade, no Quadro 2, o código da entidade e sua natureza jurídica, ano de reconhecimento jurídico ou de início das atividades, e novamente o código do(a) entrevistado(a).

Quadro 1 – Entrevistado/entidade, sexo, estado civil, filhos, tempo de inserção na atividade e aquela fora da catação de resíduos

Entrevistado entidade	Sexo	Idade (2020)	Estado civil	Filhos	Tempo de inserção na atividade (2020)	Atividade fora da catação de resíduos
A1 (v)	M	55	Casado A2	3	14	Motorista de caminhão 24 anos
A2 (v)	F	46	Casado A1			Não informado
B (vii)	M	Não informado	Casado	3	6	Transporte de fretes
D (iii)	M	Não informado	Casado	2	7	Não informado
E1 (viii)	F	47	Casado E2	2	21	Empresa 20 anos
E2(viii)	M	53	Casado E1	1	41	Não
F (ii)	F	Não informado	Não informado	2	25	Metalúrgica
G (i)	F	58	Viúva	3	42	Empregada doméstica 1 dia
H (viii)	F	Não informado	Não informado	4	15	2 anos fora da reciclagem
I (iv)	F	30	Solteira	1	23	Não informado
J (ix)	F	37	Casada	3	24	Empregada doméstica 2 anos
K (vi)	M	28	Não informado	1	4	Ferramenteiro

Nota: Apesar das entrevistas terem sido efetuadas entre 2018-2019, atualizamos a idade e o tempo de inserção na atividade para o ano de 2020.

Quadro 2 – Código da entidade, natureza jurídica, ano de reconhecimento jurídico ou de início das atividades, código do entrevistado

Código da entidade	Natureza jurídica	Início	Ano reconhecimento jurídico	Entrevistado
i	Não tem natureza jurídica	Final dos anos 1970	–	(G)
ii	Associação sem fins lucrativos	1997	1997	(F)
iii	Associação sem fins lucrativos	1998	1998	(D)
iv	Associação sem fins lucrativos	2002	2002	(I)
v	Cooperativa	2009	2009	(A1) e (A2)
vi	Associação sem fins lucrativos	Não informado	2011	(H) e (K)
vii	Associação sem fins lucrativos	Não informado	2014	(B)
viii	Associação sem fins lucrativos	1999	2014	(E1) e (E2)
ix	Associação sem fins lucrativos	Começo anos 2000	2014	(J)

Nota: Apesar de a palavra entidade ser, comumente, utilizada para pessoa jurídica formada por indivíduos e confirmada pelo Estado como detentora de direitos e deveres, para essa sistematização emprega-se também para distinguir-se grupo de pessoas, reconhecido pela sociedade como sendo um dos primeiros a trabalhar com catação e reciclagem, não tendo, entretanto, reconhecimento jurídico.

A estrutura do livro

Antes de apresentar como se encontra estruturado este livro, é necessário efetuar algumas considerações.

Nas idas e vindas do processo que funda a elaboração de uma produção como esta, ao nos debruçarmos, com outro “olhar”, sobre as entrevistas efetuadas e sobre o relatório final e encaminhado ao CNPq – definidor de um “novo” material a ser explorado – percebemos que as categorizações individuais tinham perdido o sentido singular. Apreendemos, a partir disto, a totalidade do contexto e os fenômenos estudados e percebemos que havia material suficiente para escrever dois livros: um em continuidade ao outro. Os sujeitos de pesquisa, o material de análise (entrevistas digitalizadas, organização dos dados nas categorizações identificadas, relatório final) e a metodologia (análise de conteúdo) são os mesmos. A base teórica de sustentação das interpretações tem alterações considerando especificamente as temáticas norteadoras das descrições e inferências realizadas.

A introdução, esta que apresentamos, tem centralidade na história de vida de determinado grupo de catadores(as) de Caxias do Sul, destacando percalços, discriminações, lutas, manifestações sociais que marcaram o processo de profissionalização bem como a esperança de outros dias, melhores. Consideramos, para isso, as comunicações declaradas nos depoimentos – a identidade atribuída e algumas das formas de resistência assumidas em descrédito, sonhos e expectativas.

Para dar conta das descrições, interpretações e entendimentos necessários “convidamos” autores que pudessem contribuir com leituras da realidade social, econômica, política e cultural brasileira de maneira a integrar certa explicação – que pretende ser racional –, buscando compreender conexões entre várias das instâncias da vida social dos sujeitos de pesquisa.

No primeiro, enfatizamos os afazeres profissionais atentando o que definimos – naquele livro – como quatro grandes períodos: i) final dos anos de 1970 até início de 1990; ii) metade dos anos e 1990 até metade dos anos 2000; iii) metade dos anos 2005 até 2016; iv) após 2016 até o momento atual. O eixo de análise, portanto, foi histórico, no qual procuramos demonstrar o desenvolvimento da atividade laboral em Caxias do Sul e algumas das alterações ocorridas, particularmente quanto à forma de organização, verificando, inclusive, a contribuição ou não do Estado nessas modificações. Para isso buscamos “auxílio” teórico e analítico em estudos e autores que retratam e avaliam o mundo do trabalho contemporâneo.

Salientamos que o verbalizado pelos participantes da pesquisa abrange uma gama de opiniões, percepções e apreensões da realidade, com questões comuns, mas com múltiplas e distintas reflexões. É idêntica à dos demais oprimidos pela sociedade, incluindo as autoras desta

sistematização, “seres duais, contraditórios, divididos [assim] que temos de encará-los”.³⁷

As situações de opressão desses homens e mulheres, “em que se ‘formam’, em que ‘realizam’ sua existência, os constitui nesta dualidade, na qual se encontram **proibidos de ser**”.³⁸

A *proibição de ser* é, sem dúvida, uma forma de violência real, objetiva, cruel,

não importa que, muitas vezes, adocicada pela falsa generosidade [exercida, por exemplo, por ações denominadas de humanistas representadas por cestas básicas de Natal, arrecadação de brinquedos e roupas usadas, que não tem intenção de alterar o *status quo*], porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens – a do **ser mais**.³⁹

No conjunto dos capítulos, em meio a afirmações objetivas ou metafóricas, esta *proibição de ser* é evidenciada. No primeiro, que constitui a *Introdução* da obra, é apresentada a forma de linguagem e o percurso metodológico que deu origem aos fragmentos de relatos transcritos e categorizados que, no conjunto, mostram quem são, como percebem e se percebem, como se constituíram ao longo da história e como vivem estes trabalhadores.

No primeiro capítulo, *O mirante utilizado pelas autoras*, são apresentadas as opções, os pontos de vista, os

³⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. p. 24, acréscimos nossos.

³⁸ *Ibidem*, p. 23, grifo nosso.

³⁹ *Ibidem*, p. 23, grifo do autor e acréscimos nossos.

fundamentos históricos e as predisposições de valores que definem as escolhas e as interpretações das autoras. Tais interpretações situam-se na confluência entre os estudos desenvolvidos sobre resíduos e, principalmente, as vivências de pesquisa e extensão de mais de uma década, que as autoras tiveram com os(as) catadores(as), em local de trabalho. Vivências que nos tornaram testemunhas de formas de desigualdade, de discriminação, de preconceito e de esquecimento, de vidas que marcam e se deixam marcar por outras vidas.

O segundo capítulo, *Tempos rudes: a identidade atribuída e sentida*, trata da identidade dos(as) catadores(as), tanto aquela atribuída pela sociedade – que ora reconhece e ora menospreza o trabalho exercido pelo(a) catador(a) – quanto aquela autoatribuída. Ao longo desse capítulo, é possível perceber, por meio das falas desses sujeitos, uma percepção positiva da importância do próprio trabalho para a sociedade e uma clara identificação da própria invisibilidade, diante da sociedade e do Poder Público, por meio de seus representantes.

Por fim, no terceiro capítulo, intitulado *Esperança de equilibrista*, abordamos acerca da “corda bamba” por onde se equilibram os(as) interlocutores(as): de esperanças e desesperanças; de alentos e desalentos; de sentimento de pertencimento e não pertencimento. Em muitos momentos, nitidamente, há a predominância de um dos lados dessa corda: um tênue, invisível para muitos, mas implacável para os que a vivenciam, que lhes rouba muito da esperança; outro que lhes dá a perspectiva de sonhar e de transformar esse sonho em melhores condições de trabalho e de vida.

Entendemos, em concordância com Cora Coralina, que “a vida tem duas faces: positiva e negativa”,⁴⁰ e aspiramos evidenciar as faces dos atores aqui trazidos, pois o “passado foi duro, mas deixou o seu legado. [...]. Que eu possa dignificar minha condição [...]”.⁴¹

Aspiramos que os fragmentos das histórias aqui descritos revelem a *face positiva* de homens e mulheres de *passado* e presente *duros*, que deixam *legado* de luta, resistência, sobrevivência individual e coletiva, dada a acentuada e indispensável contribuição à preservação ambiental.

Esperamos também que, ao revelar a *face negativa* de como vivem e de como a sociedade, amiúde, os trata, possamos cooperar no estabelecimento de melhores condições, “*dignificadoras*” de outros patamares de existência, que não a exclusão, a desigualdade e a invisibilidade social.

Nossas aspirações e esperanças, expostas neste livro, somente foram possíveis porque contamos com a imprescindível colaboração de bolsistas de iniciação científica que, de forma incansável e comprometida, participaram do processo da pesquisa. Nosso reconhecimento e sinceros agradecimentos.

⁴⁰ CORA CORALINA. **Assim eu vejo a vida**. [O poema acima, inédito em livro], foi publicado pelo jornal “Folha de S. Paulo” - caderno “Folha Ilustrada”, edição de 4/7/2001. Disponível em: https://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-coralina/#Poema_Assim_eu_vejo_a_vida_Cora_Coralina. Acesso em: 15 nov. 2020.

⁴¹ *Idem*.

1

O mirante utilizado pelas autoras

Súmula: Ao reconhecer que as escolhas e opções teóricas das autoras não são neutras, o capítulo parte da apresentação de cinco premissas que orientam as análises realizadas, assim resumidas: a sociedade de consumo é uma ameaça à vida; a atividade ocupacional dos trabalhadores de material reciclável é fundamental, pois, de alguma maneira, protege o meio ambiente; a importância da atividade não resulta em reconhecimento social e em políticas públicas antissegregacionistas, “afirmadoras” de condição humana digna, validadoras do serviço executado; a desigualdade social é naturalizada e legitimada no Brasil; existem possibilidades de mudança da realidade, mas não são automaticamente transformadas em alternativas: necessitam do engajamento de homens e mulheres capazes de enxergar o que está encoberto e de alterar suas interpretações equivocadas e falsas que deformaram essa realidade. Assim, entre argumentos teóricos e extratos da fala dos(as) catadores(as), buscamos demonstrar que onde a desigualdade é legitimada, onde a pobreza é naturalizada, onde a “falação” permanentemente veiculada da meritocracia toma corações e mentes da população em geral, a ideia de que há oportunidades iguais para os cidadãos é erroneamente assimilada como correta.

Comparamos muitas vezes o [pesquisador] ao pintor de uma paisagem. Ora, esta pintura depende, em primeiro lugar, do que o artista pode ver, isto é, do observatório de onde ele se acha situado. [...]. Mais um “mirante”, um “observatório” (isto é um ponto de vista de classe) é elevado, mas ele permite ampliar o horizonte e perceber a paisagem em toda a extensão; as cadeias de montanhas, os

vales, os rios não conhecidos dos observatórios inferiores não se tornam visíveis senão do cume. Evidentemente, nos limites determinados por seu horizonte de visibilidade, os mirantes mais baixos permitem também ver uma parte da paisagem.⁴²

A metáfora do mirante é utilizada, para parafrasear Löwy,⁴³ visando explicitar opções, pontos de vista, predisposições de valores, uma vez que partimos de fundamentos teóricos que definem nossas escolhas e interpretações que são atravessadas, impregnadas, “coloridas” por experiências, visões de sociedade, de mundo.

Tais fundamentos pressupõem que “não existe visão de paisagem que não esteja situada em um observatório determinado”,⁴⁴ logo, como já assinalamos na *Introdução*, não acreditamos em neutralidade. Temos lado e compromisso social determinado.

Apesar de não instituímos, neste livro capítulo específico sobre conceitos e base teórica, é imprescindível fazer referência que todas as apreciações e interpretações realizadas pelas autoras têm como **eixo “fundante” as persistentes formas de desigualdade, cuja pobreza, discriminação e preconceito são expressões diárias.**

A perspectiva de “dar visibilidade aos (des)compassos, na construção da identidade social⁴⁵ dos(as) catadores(as) de resíduos sólidos da cidade de Caxias do Sul” – desenhada a partir das falas e narrativas dos diversos personagens que comparecem ao longo

⁴² LÖWY, *op. cit.*, p. 203, acréscimos nossos.

⁴³ *Idem.*

⁴⁴ *Ibidem*, p. 204.

⁴⁵ CAMARDELO *et al.*, *op. cit.*, p. 8.

destas páginas, encenado os dramas do cotidiano vivido”⁴⁶ – não poderia ser realizada sem evidenciar “de cara” nossas posições.

Sem dúvida, as ideias, os argumentos, as interpretações, incluindo a escolha dos pronunciamentos apresentados não foram aleatórios, indicam um ponto de vista, uma direção. Consequentemente, as premissas a seguir elencadas evidenciam o caminho que tomamos.

Primeira premissa:

→ nesta sociedade de consumo onde o desejo, ideologicamente construído, de adquirir qualquer coisa desmedidamente, ou seja, voraz e insaciavelmente, acumulamos desnecessariamente bens imóveis, objetos, vestuário... coisas – resíduos. Isso contribui, acentuadamente, com a destruição da natureza, em seus bens finitos, cada vez mais claros, visíveis.

Segunda premissa:

→ reconhecemos a magnitude do valor social da atividade ocupacional dos trabalhadores de material reciclável. Eles recolhem, selecionam, preparam e vendem o que foi coletado, com isso – concordando com Costa e Pato – ressignificam o resíduo: para sobrevivência, transformando o inútil, que “passa a representar algo que é passível de utilização. Essa alternativa é compreendida [...] como uma

⁴⁶ TELLES, *op. cit.*, p. 9.

possibilidade de se preservar de forma sustentável as pessoas e o meio ambiente”.⁴⁷

Todavia, cremos (**terceira premissa**) que

→ os resíduos acumulados pela sociedade e a contribuição desses trabalhadores para o meio ambiente não resulta em quilogramas, quicá, miligramas de reconhecimento social que deveria produzir políticas públicas “antissegregatórias”, afirmadoras de condição humana digna, validadoras do serviço executado. Estado, mercado e sociedade são responsáveis pela dor, pobreza e discriminação suportadas. As situações de desigualdade sofridas, os estigmas atribuídos não são culpa de quem os padece.

A terceira premissa nomeia o aspecto central da **quarta premissa**, a desigualdade social, sua naturalização e sua legitimação no Brasil, na existência diária.

→ Desigualdade social entendida como fenômeno econômico, político e cultural edificado nas relações sociais e reproduzido historicamente.

⁴⁷ COSTA, Cláudia Moraes da; PATO, Cláudia. A constituição de catadores de material reciclável: a identidade estigmatizada pela exclusão e a construção da emancipação como forma de transcendência. In: PEREIRA, Cristina Jaquetto; GOES Fernanda Lira (org.). **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: Ipea, p. 99. 2016. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160331_livro_catadores.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

Ela é fruto de concentração de renda e de poder e não culpa de quem a suporta. A concepção de desigualdade social, com a qual nos alinhamos, engloba um multifacetado conjunto de aspectos. Para melhor esclarecer essa concepção, elencamos quatro pilares, totalmente articulados e interdependentes:

1. é falso que há igualdade de oportunidades a todos;
2. é falso que os direitos civis e sociais, definidos em lei como sendo de todos, são acessados e garantidos de maneira equânime;
3. é falso que a maioria das conquistas são resultado de esforço individual;
4. “apenas a legitimação simbólica da desigualdade a torna aceitável e possível de se reproduzir no tempo”,⁴⁸ o que resulta, inclusive, a incorporação do oprimido pela ideologia dominante.

Por isso, discordamos daquela definição (a mais utilizada pelos organismos internacionais) que mede apenas a desigualdade pela renda (índice de Gini), apontando a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Como se o que desigualasse as pessoas fosse apenas a questão econômica. Para melhor entendimento trazemos, brevemente, esses pilares.

⁴⁸ SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018a. p. 43.

É falso que há igualdade de oportunidades a todos e que os direitos civis e sociais, definidos em lei como sendo de todos, são acessos e garantidos de maneira equânime.

Apesar do discurso dominante de que há oportunidades iguais a todos, concordamos com as análises de Souza (exposta em vários dos livros aqui utilizados): os limites e possibilidades de competição social dependem do ponto de partida dos indivíduos, que abrange, em concordância com as teses do autor, “três capitais”: o econômico, o cultural e o social.

Na base da nova hierarquia social moderna está a luta entre indivíduos e classes sociais pelo acesso a capitais, ou seja, **tudo aquilo que funcione como facilitador na competição social de indivíduos e classes por todos os recursos escassos**. Como, na verdade, **todos os recursos são escassos** e não apenas **os recursos materiais** como carros, roupas e casas, **mas também os imateriais** como prestígio, reconhecimento, respeito, charme ou beleza, toda a nossa vida é predecidida pela posse ou ausência desses capitais.⁴⁹

O **capital econômico** é o “mais visível e efetivamente o mais importante, dado que a elite econômica pode comprar as outras elites não econômicas”.⁵⁰ Entretanto, a questão econômica, diante dos argumentos aqui defendidos, não pode ser apreendida como o único termo de dominação, logo de manutenção das desigualdades.

⁴⁹ SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a lava jato**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017. p. 54, grifo nosso.

⁵⁰ *Idem*.

É preciso que a dominação econômica seja justificada, para que seja assimilada como verdadeira. Aí entram os outros capitais: cultural e social.

O **capital cultural** é apreendido por meio da “incorporação pelo indivíduo **de conhecimento útil ou de prestígio**, [...] fundamental para as chances de sucesso de qualquer um no mundo moderno. [...] é tão indispensável para a reprodução do capitalismo quanto o capital econômico”.⁵¹ O capital cultural é constituído por diferentes aquisições de capacidades, via conhecimentos teóricos, técnicos, literário, etc.

Como sem “conhecimento útil” não existe fisco nem administração da Justiça no Estado, nem inovação técnica ou qualquer serviço especializado no mercado, as classes sociais detentoras de “capital cultural valorizado” ocuparão, juntamente com as classes que monopolizam o capital econômico, todas as funções “superiores” na sociedade.⁵²

Nessa lógica, o capital cultural é a “essência representativa das conquistas e, por outro lado, o principal gerador das desigualdades”,⁵³ uma vez que ele se manifesta como “prerrogativa de disputa, estabelecida no

⁵¹ *Idem.*

⁵² SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015. p. 190.

⁵³ MANFRIN, Flávio Antônio. O conceito de capital econômico, cultural e social em Pierre Bourdieu como elemento-chave no pensamento de Jessé Souza. *In*: FOLLMANN, José Ivo (org.). **Dialogando com Jessé Souza**. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2018. p. 66. Disponível em: <https://olma.org.br/wp-content/uploads/2018/10/dialogando.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

campo antagônico das relações sociais”;⁵⁴ além disso ele funciona por meio da “colonização das ideias”,⁵⁵ que faz com que a sociedade, de maneira geral, não questione os privilégios, ao contrário, os ache justos, corretos.

Alguns exemplos: o prestígio atribuído aos médicos e advogados lhes dá o privilégio de serem chamados de Doutor; as regalias e vantagens corporativas estabelecidas aos juízes, que justificam o auxílio moradia, os altos salários e as longas férias à repetidamente veiculada “estafante” e “preciosa” atribuição profissional a eles devida. Afinal, as falas dominantes gostam de salientar que: “para tornar-se médico deve-se estudar muitos anos”; “a seleção de juízes e promotores é longa e difícil”.

Há uma hierarquia, ideologicamente construída como representação simbólica, que define, moral e afetivamente, trabalhos mais dignos e essenciais que outros. Hierarquia baseada “a partir de oposições como nobre/vulgar, superior/inferior, qualidade/quantidade, etc. - entre eles, o que precisamente constitui seu sentido ‘moral’, ou seja, de regra de conduta exemplar e de comportamento desejável”.⁵⁶

Quanto ao **capital social**, este é estabelecido pelas relações pessoais “que se criam no meio caminho entre interesse e afetividade – como de resto acontece com todas as relações humanas, se formos sinceros – e que representam alguma vantagem na competição pelos

⁵⁴ *Ibidem*, p. 67.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 70.

⁵⁶ SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: quem é, como vive. 3. ed. Cols. André Grilo *et al.* São Paulo: Contracorrente, 2018b, p. 397.

recursos escassos para quem mais possui”.⁵⁷ Acentuamos que o “acesso a relações pessoais privilegiadas só é possível a quem já disponha de capital cultural e econômico (ou alguém conhece uma pessoa com acesso privilegiado a relações pessoais vantajosas sem capital econômico ou cultural?)”.⁵⁸

É o capital social que “permite aquele amálgama específico entre interesses e afetos, tão necessários para a gênese e reprodução das amizades, casamentos e alianças de todo tipo no interior de uma classe onde a reprodução dos direitos de propriedade é tão decisiva”.⁵⁹

A pandemia, nos anos de 2020/2021, confirmou, clara e objetivamente, que as desigualdades e suas perversas manifestações decorrem do capital econômico e cultural, definindo modos de viver e de morrer.

Aqueles que possuem condições financeiras (capital econômico) para suprirem os filhos com tecnologias digitais (computadores, *tablets*, celulares) e internet poderão obter maiores informações, conhecimentos e terem aulas não presenciais: “Segundo uma pesquisa feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), em 2018, 58% dos domicílios no Brasil não [tinham] computadores e 33% não possuem internet”.⁶⁰

⁵⁷ SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 54.

⁵⁸ SOUZA, *op. cit.*, 2015, p. 359-360.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 343.

⁶⁰ OLIVEIRA, Caroline. Com aulas remotas, pandemia escancara desigualdade no acesso à educação de qualidade. **Brasil de Fato**. São Paulo (SP), 4 jun. 2020, s/p. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/04/com-aulas-remotas->

Não por acaso, vários estudos têm evidenciado que a maioria dos estudantes de escola particular “permanece com as aulas, ainda que de forma não presencial (com aulas *on-line*/videoaulas), com os privilégios inerentes à classe e à circunstância, a maioria dos alunos de escolas públicas no Brasil encontra-se sem qualquer possibilidade de ter esse atendimento”.⁶¹

Passada a pandemia, independentemente de classe social, haverá impactos negativos nos aspectos pedagógicos de ensino e aprendizagem. Não obstante, crianças e adolescentes das classes populares sofrerão esses impactos muito mais acentuadamente.

A escola, além do aprendizado formal, é um relevante ambiente de socialização, convívio e troca de capital cultural que se expressa, também, por aquilo que é representado “nas artes, na literatura, na intelectualidade e nos valores adquiridos pelas relações de convívio determinadas pelo ambiente”.⁶² Portanto, crianças e adolescentes das classes despossuídas encontram, nesse espaço, afora o estudo, programas que contribuem com o desenvolvimento físico e intelectual, tais como

pandemia-escancara-desigualdade-no-acesso-a-educacao-de-qualidade. Acesso em: 20 ago. 2020. Acréscimos nossos.

⁶¹ BORGES, Samantha da Silva Hassen; SILVA, Vera Lopes da. Um olhar para a desigualdade escolar em tempos de pandemia. **Carta Capital**, 25 de maio de 2020, s/p. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/um-olhar-para-a-desigualdade-escolar-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 20 set. 2020.

⁶² MANFRIN, *op. cit.*, p. 68.

alimentação, esportes, filmes, acesso a livros de literatura, artes, reforço escolar.

Não estar em tal ambiente e não participar do que ele propicia reforça “a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam”.⁶³

A falta de recursos financeiros (capital econômico) para: alimentar-se saudavelmente; comprar materiais e equipamentos; ter espaço físico e outras condições básicas necessárias às aulas *on-line* afeta o aprendizado, a socialização, a vida digna. Reduz, ao mesmo tempo, a aquisição de capital cultural.

Nivelar aqueles estudantes que podem (não considerando outras condições) assistir a filmes, vídeos, músicas, *lives*, brincadeiras *on-line* (por terem internet e equipamentos) e alimentar-se adequadamente com quem não vem tendo as mesmas oportunidades é mentiroso, é perverso.

Dizer que a crise econômica e de saúde produzida pela pandemia da Covid-19 coloca todos os brasileiros “no mesmo barco” e que, portanto, estaríamos passando pelas mesmas dificuldades é, no mínimo, desonesto e coloca a população desassistida em um lugar de não direito, “como se elas não pertencessem ao mesmo gênero humano das demais”.⁶⁴

⁶³ SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. p. 21. Disponível em: <https://www.cpalsocial.org/documentos/927.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

⁶⁴ MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 15.

Na verdade, continuamos no Brasil, ontem e hoje “debitando na conta do trabalhador e dos pobres o preço de progresso sem ética nem princípios, que privatiza ganhos nesse caso injustos e socializa perdas, crises e problemas sociais”.⁶⁵

A pandemia apenas revelou algumas situações. As desigualdades estão histórica e repetidamente entranhadas na realidade brasileira.

Fica de tal modo, a pergunta: oportunidades iguais para quem?

Questiona-se, também, como sustentar:

- que o direito constitucional à educação que define “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”⁶⁶ é(está) sendo cumprido?

- que todos, apesar de terem direitos legais iguais, o acessam da mesma maneira?

Como não ver que as classes populares são “jogadas à própria sorte”?

Com certeza, há, de fato, “uma situação de desproteção a que vastas camadas pobres se encontram submetidas no que concerne às garantias de trabalho, saúde,

⁶⁵ *Ibidem*, p. 11.

⁶⁶ BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, art. 206.

saneamento, educação [remuneração adequada] e outros componentes que caracterizam os direitos básicos”.⁶⁷

O não acesso ou acesso precário a serviços públicos e privados interfere, decisivamente, no cotidiano, seja em seus aspectos objetivos, seja na seara dos sentimentos, das emoções, das dores não físicas.

Por consequência, a igualdade de oportunidades e de direitos preconizada, legal e discursivamente, é meramente formal.

O dia a dia de desproteção de não garantia de direitos, de “precarização” da vida é relatado pelos(as) catadores(as) de Caxias do Sul. Enfatizamos fragmentos de três falas:

Tu tem que rezar pro teu filho não ir pro tráfico,
pra conseguir vaga numa escola.

[...]

Sabe essa história de ir pro postinho quatro horas
da manhã pra conseguir uma consulta, é difícil, né.

[...]

Dizer que nossos professores não são valorizados,
que seria umas das profissões que deveria ser mais
valorizada, né.

É difícil, pra nós (E1) (separação em itens nossa).

Vou te contar uma passagem do porquê que eu não
gosto de ir no médico:

⁶⁷ KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil – fotografias de Antonio Saggese. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 19. Acréscimos nossos.

um bichinho me mordeu aqui assim, aqueles maribondinhos pequenininhos. Começou aquele vermelhão.

Eu demorei de uma quinta a outra para ir ao médico, tá, porque eu não aguentava mais a coceira e começou a me doer.

E eu passava de tudo.

Cheguei lá fiquei seis horas sentada para consultar e mais duas para fazer uma injeção. Então eu fiquei oito horas lá para fazer duas injeções. [...].

Aqui no postinho, tem dia da marcação. Tu vai aquele dia e tu marca para o mês inteiro, parece, ou quinze dias.

Se não, se tu precisar amanhã que hoje não é dia de marcação, tu tem que ir às quatro da manhã, porque é só dez vagas por dia.

Eu fui duas vezes para trocar os remédios da pressão, cheguei um dia às quatro horas da manhã e no outro às cinco, e uma senhora me disse assim: tu é onze, hoje tu não marca mais. Eu virei as costas e vim embora (G) (separação em itens nossa).

Pensa comigo assim:

eu trabalho na reciclagem; eu não ganho um salário fixo; eu trabalho por produção, às vezes dá 500, 600, 700 pila.

Aí tu para e pensa comigo [...]:

eu pago aluguel, tá, eu tenho filho, tenho que colocar comida para dentro de casa, tenho luz, tenho água, ele tá na escola, tá, e às vezes tu não tem nem para uma passagem de ônibus.

Aí tu vai lá na UPA, não é falar, mas vocês já viram os casos? Teve gente que morreu lá por falta de atendimento, isso e aquilo.

Olha a segurança, que segurança que a gente tem em Caxias (I) (separação em itens nossa).

Quem dera essas fossem somente as carências sofridas que tirassem oportunidades iguais. O desemprego ou a redução do salário (exemplo desses tempos de pandemia), seguramente, comprometem as relações familiares como um todo: econômica, cultural, social e afetivamente. É necessário pôr a vista que diferenças sociais, hierárquicas e econômicas, tidas como naturais e legítimas, mascaram a invenção de que há igualdade de oportunidades e universalidade de direitos. Por exemplo,

é um privilégio muito visível que a classe média possui capital econômico suficiente para comprar o tempo livre de seus filhos só para o estudo. Os filhos das classes populares precisam conciliar estudo e trabalho desde a primeira adolescência, geralmente a partir de 11 ou 12 anos.⁶⁸

Acrescente-se a isto as possibilidades concretas de crianças e adolescentes de classe média (mesmo que com alguns sacrifícios dos pais) acessarem capital cultural: estudarem línguas; fazerem natação; balé, etc.; utilizarem corriqueiramente aplicativos e ferramentas “informativos”; terem acesso a outros bens, tais como: cinema, teatro, livros, viagens de férias. O que se traduz em rotina de leituras, “estímulo à fantasia por meio de livros, jogos e histórias [...], a familiaridade com línguas estrangeiras despertada desde cedo, tudo milita a favor da incorporação pré-reflexiva de uma atitude que valoriza pressupostos do capital cultural”.⁶⁹

⁶⁸ SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 56.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 57.

Ora, tais proveitos contribuem, notadamente, com o melhor desempenho escolar e posterior inserção e manutenção no mercado profissional.

Conjugadamente com tais aspectos, sinalizamos que “como o sucesso escolar foi, quase sempre, decisivo para o sucesso dos pais, todo o estímulo da contrapartida amorosa exigida dos filhos é direcionado ao sucesso escolar e ao aprendizado de línguas estrangeiras e leitura”.⁷⁰

Diante dos apontamentos realizados até aqui, seguramente, podemos admitir: é falso que a maioria das conquistas é resultado de esforço individual. É possível comparar o cansaço e a absorção do conhecimento como sendo iguais entre aqueles que estudam e, ao mesmo tempo, trabalham, com aqueles que estudam, mas não trabalham, concomitantemente? Quem obtém melhores notas é apenas resultado de esforço individual?

Tais dados deveriam ser suficientes, mas não o são, “para mostrar a insensatez de se imaginar alguém da classe média como possuidor **de um mérito individual que, na realidade, é socialmente construído sob a forma de privilégio herdado**”.⁷¹

São as possibilidades econômicas que permitem

⁷⁰ *Idem.*

⁷¹ *Idem*, grifo nosso.

uma família de classe média, que tem menos capital econômico que a classe alta, só pode assegurar a reprodução de seus privilégios – como empregos de maior prestígio e salário no mercado ou no Estado – se possuir algum capital econômico para ‘comprar’ o ‘tempo livre’ dos filhos (que não precisarão trabalhar cedo como os filhos das classes populares) para o estudo de línguas ou de capital cultural técnico ou literário mais sofisticado. Isso mostra a importância do capital econômico mesmo para as classes que não se reproduzem majoritariamente a partir dele como as classes altas.⁷²

Então, como as classes populares podem, em igualdade de condições (oportunidades e direitos sociais), competirem nos espaços escolares e no mercado de trabalho? Na vida? Quais são as oportunidades e os direitos sociais iguais?

Fundidos aos direitos sociais, encontram-se os direitos civis. Diversamente do que dispõe a lei e do veiculado pelo senso comum, a população empobrecida encontra-se, além disso, em situação de vulnerabilidade civil:

Não obstante alguns intentos de tornar alguns grupos — crianças e adolescentes, mulheres, idosos – mais protegidos nos seus direitos, basta ver as notícias e estatísticas estampadas na imprensa acerca de atos criminais perpetrados por bandidos e pela polícia, muitas vezes impunes, que revelam a fragilidade do Estado em um atributo básico: o monopólio legítimo da violência.⁷³

⁷² SOUZA, *op. cit.*, 2015, p. 539.

⁷³ KOWARICK, *op. cit.*, p. 68.

O Estado, grande parcela da mídia e o mercado, com adesão e reprodução da sociedade, criam maneiras de mascarar a dominação, a discriminação, a apartação, a desigualdade: vemos, mas, não enxergamos.

Modelos de opressão são executados rotineiramente, alguns em lei, outros contrários a ela. Amparados pela legislação, citamos o “caso da prisão especial para os portadores de diploma universitário”.⁷⁴

Como se coloca o definido na Constituição Federal de 1988, art. 5º que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”?

Qual é o percentual de pobres com curso universitário?

Por que tal título dá prerrogativas particulares?

*Por que estudar (quinze ou mais anos) é mais difícil (o que justificaria ter prisão especial) do que a árdua tarefa de sobreviver, de sofrer “humilhações, extorsões, agressões, espancamentos e outras formas de violência”?*⁷⁵

Como ideologia diferenciadora do mérito, do privilégio de ter passado pelos bancos universitários, a prisão especial resulta em uma “discriminação justificada (e, no caso, considerada socialmente justa)”.⁷⁶

⁷⁴ SOUZA, Jessé. A gramática social da desigualdade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 54, fev. 2004, p. 17. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n54/a05v1954.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

⁷⁵ KOWARICK, *op. cit.*, p. 101.

⁷⁶ CURY, Carlos Roberto Jamil; NOGUEIRA, Maria Alice. Prisão especial e diploma de ensino superior: uma aproximação crítica. **Revista Brasileira de Educação**, Espaço

A prisão especial demonstra uma sociedade “autoritária e hierarquizada, além de injusta”.⁷⁷ Quem não tem diploma universitário é multiplamente punido.

Para as interpretações que efetuamos aqui é conveniente explicitar a concepção repassada, como representação simbólica do sistema escolar:

Como um operador institucionalizado de classificações sociais que recria incessantemente – a partir das divisões existentes fora da escola – novas formas de classificação entre os indivíduos, segundo suas próprias hierarquias internas (níveis de ensino, tipos de conhecimento, de estabelecimentos, de cursos etc.). Essa função social desempenhada pelos sistemas de ensino se institucionaliza graças aos mecanismos de titulação escolar, isto é, aos diplomas que – ao substituírem os antigos títulos de nobreza – **conferem a seus portadores privilégios culturais e sociais que os distinguem daqueles a quem a escola não elegeu.** Como prova, basta tomar o caso do autodidata que, por não ter adquirido seus conhecimentos através da forma legítima da certificação escolar, é drasticamente diferenciado do diplomado no tratamento que recebe por suas competências culturais. [...].

Acontece que essa transmutação das hierarquias sociais em hierarquias escolares não é percebida pelos indivíduos como parcial (e interessada), mas sim como total, isto é, como “fundada na natureza, levando assim a identificar o valor social com o

Aberto, n. 15, p. 107, jan./fev./mar./abr. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n16/n16a10.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 108.

valor ‘pessoal’, as dignidades escolares com a dignidade humana” [...].⁷⁸

Tais hierarquias, propagadas e sentidas como verdadeiras, como certas e como justas são diariamente expressas. Pelos que:

- a) têm diploma superior e entendem como incorreto que uma pessoa que não o tenha, receba salários parecidos com o seu: “estudei vinte anos e ganho o mesmo que um gari. Isso é um absurdo”. Isto é, acredita que, simplesmente, por ter maior tempo de estudo é merecedor de maior salário;
- b) têm baixa ou nenhuma escolaridade, e julga que, por isso, de certa forma, “mereça” ganhar menos, como manifesto nas descrições dos(as) participantes da pesquisa a seguir:

[...] hoje quem ganha dinheiro é o atravessador, eles investem, que nem hoje nós tinha que pagar o aluguel, um atravessador depositou dez mil. [...]. Literalmente, e se a gente quer ser honesto vai pagar pra ele, ou vai ficar na mão dele, e daí eles que fazem o preço. **Eles que estão dominando nós aqui, mas também estudaram pra isso (A1)**, (grifo nosso).

[sonhava em] estudar e me formar. Nossa! Vestir aquela roupinha lá, meu Deus do céu, ganhar aquele canudo, [...], é um sonho, sabe. Claro, [...], você já... mas para mim, assim, que trabalho aqui, trabalhando aqui, não! Nossa, foi um sonho que eu nunca imaginava que eu ia conseguir (F).

⁷⁸ *Ibidem*, p. 113, grifo e separação em itens nossos.

Minha filha não, ela terminou o primeiro grau, depois começou fez o segundo e daí já brilhou a mente dela. Ela disse: mãe, eu não sei, isso aí não é para mim. Eu disse: tudo bem, minha filha, siga teu caminho. Trabalhava de dia com filho e eu ajudava, né, estudou e hoje em dia tem o salário dela. O estudo ajudou muito, né, se eu tivesse, talvez, estudado mais eu não tivesse trabalhado tanto (G).

No primeiro relato, há o reconhecimento de que o atravessador é quem *ganha*, quem estipula o valor do material a ser vendido, quem domina “*nós aqui*”, que exploram o trabalho dos(as) catadores(as), que contribuem com o sofrimento alheio.

Todavia, há, igualmente, a permissão e a legitimidade, socialmente construída, de que os atravessadores “sejam vistos como superiores e dignos de privilégios”⁷⁹ – afinal, *estudaram para isso*, o que coloca “outros [no caso, os catadores e catadoras] como inferiores e merecedores de sua posição marginal e humilhante”⁸⁰ –, afinal não estudaram. E, como se esta fosse uma decisão entre várias possibilidades concretas.

Em síntese: há uma “hierarquia moral que nos comanda sem que tenhamos consciência dela”.⁸¹ Hierarquia edificada em estratos sociais que separam: “doutores/analfabetos, homens de boas maneiras/joões-ninguém, competentes/incompetentes, etc.”,⁸² regularizadora e justificadora dos privilégios de alguns sobre muitos.

⁷⁹ SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 44.

⁸⁰ *Idem*, acréscimos nossos.

⁸¹ *Ibidem*, p. 39.

⁸² *Ibidem*, p. 44.

“Naturalizadora” da desigualdade que impede que a percebamos em todos os aspectos e em atrocidades.

No Brasil, diferentemente de alguns outros países, ditos avançados, como Alemanha e França, por exemplo, uma pessoa de

classe média, que atropela um seu compatriota das classes baixas seja, com altíssima probabilidade, efetivamente punido de acordo com a lei. Se um brasileiro de classe média atropela um brasileiro pobre da ralé, por sua vez, as chances de que a lei seja efetivamente aplicada nesse caso são, ao contrário, baixíssimas. Isso não significa que as pessoas, nesse último caso, não se importem de alguma maneira com o ocorrido. O procedimento policial é geralmente aberto e segue seu trâmite burocrático, mas o resultado é, na imensa maioria dos casos, simples absolvição ou penas dignas de mera contravenção.⁸³

São tantas as amostras de que em nosso País existe uma “classe de subumanos”⁸⁴ tratados como subgente. Trazemos, dentre tantas, duas situações que lembram o tratamento policial e do Judiciário de modo desigual, dado a indivíduos de classes sociais distintas:

- a morte, em maio de 2020, do menino Miguel Otávio, filho de uma empregada doméstica, que faleceu ao cair de um prédio, enquanto encontrava-se sob os cuidados da patroa. Notícias indicaram que a patroa foi presa em flagrante,

⁸³ SOUZA, *op. cit.*, 2018a, p. 214, separação em itens nossa.

⁸⁴ SOUZA, *op. cit.*, 2017.

tendo sido solta após o pagamento de uma fiança de R\$ 20 mil e deve responder em liberdade por homicídio culposo;

- a prisão do vendedor Heverton Enrique Siqueira, 20 anos, em 10 de outubro de 2019. O jovem foi detido pelo suposto roubo de um carro, baseado em um reconhecimento prestado pela vítima. No entanto, a vítima,

um motorista de aplicativo, conta que no dia seguinte viu os ladrões que o haviam assaltado na rua e percebeu que tinha identificado a pessoa errada. Tentou duas vezes mudar seu depoimento na delegacia, mas os policiais civis se recusaram a ouvi-lo. O motorista, então, escreveu em uma carta reconhecendo a inocência de Heverton, que foi anexada ao processo e ignorada tanto pelo MP (Ministério Público) quanto pela Justiça... [...]. A juíza [...] recusou um pedido de *habeas corpus* impetrado pela defesa para libertar Heverton, alegando que a mudança de posicionamento da principal testemunha do crime não trouxe qualquer “alteração fática ou jurídica”. Mantendo o trâmite esperado, a vítima do roubo só será formalmente ouvida em audiência marcada para o próximo dia 18, quando Heverton completará 39 dias preso.⁸⁵

Pobre, quando é preso,

⁸⁵ STABILE, Arthur. Vítima inocenta o suspeito, mas Justiça ignora e mantém jovem preso sem prova. **UOL Notícias**. Ponte Jornalismo. 8/11/2019, s/p. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/08/heverton-enrique-presosao-paulo-roubo-carro-ponte.htm>. Acesso em: 11 out. 2020.

leva porrada, é arrastado, algemado, enfiado em um cubículo de delegacia, onde apanha até não aguentar mais. A mídia não perdoa e mesmo sem provas estampa no jornal: “Bandido é preso, escracha!!!” A família fica desesperada, não sabe nem para onde o preso foi levado. Na delegacia nada informam. Para os familiares visitarem o preso pobre têm todo um longo e burocrático processo, longas filas, carteirinha, espera pela carteirinha e depois as humilhações e revistas vexatórias, exigidas nas visitas. Sem dinheiro para advogado, esse preso pobre conta com as poucas economias da família para se sustentar e com a fé e a sorte para continuar vivo. Quanto à família deste preso pobre, resta conviver com a miséria e a dificuldade de sustentar os filhos, e ainda o preso – tarefa quase impossível.⁸⁶

Contrariamente,

o rico não é preso, ele se prepara para ser preso. Primeiro, ele é avisado antes, com informações privilegiadas, embarca em uma viagem a capital do mundo, Nova York, alegando ir fazer negócios, mas até agora nem um negócio foi apontado. Depois de um retiro de luxo, ele se dirige ao aeroporto, preparado, como se nada tivesse feito. Faz pose para fotos, concede entrevistas, faz o bom moço. No aeroporto, o que era foragido é tratado com todo cuidado, celebridade. Não é algemado. E mesmo sem diploma de nível superior, é encaminhado a uma cadeia mais reservada. A

⁸⁶ COUTINHO, Davison. O preso rico e o preso pobre. **Jornal do Brasil**. Em Pauta. 1º/2/2017 s/p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-presos-rico-e-o-presos-pobre/> Acesso em: 11 out. 2020.

assessoria de imprensa do empresário não deixa de trabalhar, uma hora informam que a cadeia está lotada, outra hora descobrimos que a cadeia tem leitos sobrando, assessoria essa também paga com o dinheiro do povo. Seu advogado, um dos melhores do mundo, pago com nosso dinheiro, já prepara uma defesa impecável que será julgada por algum colega íntimo.⁸⁷

O discurso dominante difundido (na teoria e na prática), assimilado pela população em geral, em relação:

- ao primeiro episódio, amiúde, está relacionado à família “desequilibrada, ao alcoolismo, a mãe solteira, a dependência química com adjetivações que vão desde “o menor pobre nasce para o crime” até a “bandido bom é bandido morto”;
- ao segundo fato, será lembrado, mesmo que não verdadeiro, que era de uma família de “bem”, de empresários atuantes; que estudou, pratica tal esporte.

Isso resulta em diferenças de tratamento que “não é apenas lenientemente desigual em relação ao rico, sim, é desigual na intensidade das sanções contra o pobre. A mesma infração ora é perdoada, ora é punida severamente: tudo depende quem a praticou”.⁸⁸

⁸⁷ *Idem.*

⁸⁸ GOMES, Luiz Flávio. Matou quatro pessoas e foi absolvido por ser rico. **Jornal JURID.** Postado em: 23 abr. 2014 s/p. Disponível em: <https://www.jornaljurid.com.br/doutrina/geral/matou-quatro-pessoas-e-foi-absolvido-por-ser-rico>. Acesso em: 11 out. 2020.

Os pobres podem ser chacinados e massacrados,

sem que parcelas da opinião pública sequer se comovam. Ao contrário, celebra-se o ocorrido como higiene da sociedade. São pessoas que levam uma subvida em todas as esferas da vida, fato que é aceito como natural pela população.

A subvida só é aceita porque essas pessoas são percebidas como subgente e subgente merece ter subvida. Simples assim, ainda que a naturalização dessa desigualdade monstruosa no dia a dia nos cegue quanto a isso.⁸⁹

A letra da música “O pobre e o rico” explicita as diferenças sociais no Brasil:

Mulher de rico é *madame*
Mulher de pobre é fulana
O rico nunca vai preso
Pobre está sempre em cana
Cadeia é só pra pobre
Nela não entra bacana
Boia de pobre é pesada
Ceia de rico é leviana
Almoço de rico é frango
Do pobre é pão e banana

Vida de rico é alegre
Vida de pobre é sem graça
Rolo de rico é negócio
Rolo de pobre é trapaça
Pastel de rico tem carne
Pastel de pobre é só massa
Bagunça de rico é festa
Festa de pobre é ruaça

⁸⁹ SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 87.

Coberta de rico é lã
Do pobre é fogo e cachaça

Pobre bebe de desgosto
Rico bebe de contente
Só na hora que tropica
E que o pobre vai pra frente
Pobre nasce pra lutar
Rico nasce inteligente
Quando o pobre come frango
Surpresa pra muita gente
Ou o pobre está de cama
O frango esta doente⁹⁰

Mas, apesar de a cultura popular, inclusive, por meio da música, reconhecer a desigualdade, esta, por certo, é constituída por

esquemas avaliativos compartilhados objetivamente, ainda que opacos e **quase sempre irrefletidos e inconscientes**, que guiam nossa ação e nosso comportamento efetivo no mundo. É apenas esse tipo de consenso, como que corporal, pré-reflexivo e naturalizado, que pode permitir, para além da eficácia jurídica, uma espécie de acordo implícito, que sugere, como no exemplo do atropelamento no Brasil, **que algumas pessoas e classes estão acima da lei, e outras abaixo dela**. Existe uma espécie de rede invisível que une desde o policial que abre o inquérito até o juiz que decreta a sentença final, passando por advogados, testemunhas, promotores, jornalistas, etc., que, por meio de um acordo

⁹⁰ CAJU; CASTANHA. O pobre e o rico. **Álbum Professor de Embolada**. Composição feita a partir de escritos efetuados por Carolina Maria de Jesus, no livro *Quarto de despejo*, 1961. Rio de Janeiro: Trama, 2003, faixa 7.

implícito e jamais verbalizado, terminam por inocentar o atropelador. O que liga todas essas intencionalidades individuais de forma subliminar e que conduz ao acordo implícito entre elas é o fato objetivo e ancorado institucionalmente **do não valor humano do atropelado**, posto que é precisamente o valor diferencial entre os seres humanos que está atualizado de forma inarticulada em todas as nossas práticas institucionais e sociais.⁹¹

Há, sem dúvidas, um inibidor ideológico, não por acaso, que confunde privilégio com mérito e, com isso, culpa a vítima pelo “seu fracasso”.

Como bem pontua Souza, o tal fracasso tem relação direta com o tempo que a classe alta e média, classes do privilégio, “*roubam*” das classes despossuídas e a exploração realizada:

As classes do privilégio exploram [...] exército de pessoas disponíveis a fazer quase de tudo. O motoboy que entrega pizza, o lavador de carros, o trabalhador que carrega a mudança nas costas, a prostituta pobre que vende o corpo para sobreviver, ou o exército de serviços domésticos que fazem a comida e cuidam dos filhos das classes média e alta, que, assim, podem se dedicar a estudos ou trabalhos mais rentáveis [além disso, o descanso, as atividades físicas como ginástica, ioga, caminhadas, corridas, etc.].⁹²

Exemplificamos a situação de mulheres. Mesmo que todas, em geral, incluído inúmeras da classe média,

⁹¹ SOUZA, *op. cit.*, 2018a, p. 215, grifo e separação em itens nossos.

⁹² SOUZA, *op. cit.*, 2015, p. 554, acréscimos nossos.

tenham dupla jornada, não é possível comparar as condições de vida de cada uma.

As mulheres de classe média e alta:

- geralmente, usam transporte individual enquanto as das classes populares utilizam o coletivo, demorando muito mais tempo para sua mobilidade ao espaço funcional, o que expressa menos horas de descanso e de convivência familiar;
- têm eletrodomésticos que auxiliam, expressivamente, no desenvolvimento das tarefas domésticas. Será possível afirmar que lavar roupa na máquina é igual (em tempo e desgaste físico) que lavar à mão?
- Igualmente, às de todas as classes sociais têm menor salário que os homens; entretanto, as mulheres em ocupação remunerada de serviços domésticos, no ano de 2017, representavam “14,6% [...] correspondendo ao terceiro ramo de atividade com maior contingente de mulheres, estando atrás apenas dos ramos educação, saúde e serviços sociais (19,9%) e comércio (19,1%)”.⁹³ O serviço doméstico remunerado, apesar de, a partir de 2013, ter adquirido alguns diretos trabalhistas (tais

⁹³ BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher 2017-2018** (Raseam). Brasília, DF, 2020. p. 20. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/publicacoes-1/SPMRaseamdigital.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

como um salário-mínimo ao mês, jornada de 8 horas diárias e 44 horas semanais, horas extras, local onde sejam observadas todas as normas de higiene, saúde e segurança, proibição do encargo noturno, perigoso ou insalubre ao trabalhador menor de 16 anos), continua sendo uma função precarizada, uma vez que “70,8% das trabalhadoras e 56,5% dos trabalhadores não possuem carteira de trabalho assinada, conforme dados de 2017”.⁹⁴

Direitos sociais iguais?

O mérito de melhores condições de vida das classes altas e médias se deve a quê?

“Que o privilégio apareça como ‘merecido’ é a forma especificamente capitalista e moderna de legitimação da desigualdade social”.⁹⁵

É o tempo “*roubado*” das classes populares, é o salário indecente... que

[reproduzir] e eternizar uma relação de exploração que condena uma classe inteira ao abandono e à humilhação, enquanto garante a reprodução no tempo [e oportunidades] das classes do privilégio. Luta de classes não é apenas a greve sindical ou a revolução sangrenta nas ruas que todos percebem. Ela é, antes de tudo, o exercício silencioso da exploração construída e consentida socialmente.⁹⁶

⁹⁴ *Idem.*

⁹⁵ SOUZA, *op. cit.*, 2015, p. 541.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 555, acréscimos nossos.

Isso explica o quarto pilar aqui defendido: “Apenas a legitimização simbólica da desigualdade a torna aceitável e passível de ser reproduzida no tempo”,⁹⁷ o que significa o consentimento, não apreendido conscientemente, dos oprimidos.

No Brasil, onde a desigualdade é legitimada, onde a pobreza é naturalizada, onde a falação permanentemente veiculada da meritocracia toma corações e mentes da população em geral, a concepção de que há oportunidades iguais é assimilada como correta.

De tal modo, que é compreensível, mesmo que não aceitável, a prevalência da noção de que os pobres o são porque querem ou porque não se esforçaram mais, ou porque não quiseram estudar.

Consequentemente, a lógica dominante reitera que as pessoas “fizeram por merecer”, seja algo danoso como trabalho precário ou algo proveitoso como emprego de bom salário e reconhecimento.

Como resultado disso, há atribuição da

“culpa” individual àqueles “azarados” que nasceram em famílias erradas, as quais só reproduzem, em sua imensa maioria, a própria precariedade. Como, no entanto, o social, também nesse caso, é desvinculado do individual, o indivíduo fracassado não é discriminado e humilhado cotidianamente como mero “azarado”, mas como alguém que, por preguiça, inépcia ou maldade, por “culpa”, portanto, “escolheu” o fracasso.⁹⁷

⁹⁷ SOUZA, *op. cit.*, 2018b, p. 43-44.

Como já assinalado, a legitimação da desigualdade, para tomar corpo e se sustentar, precisa que o “privilégio apareça como merecido”, que seja sentido e reproduzido como tal.

O *azar* e o não maior esforço são entendidos como parte inerente do cotidiano, inclusive daqueles que sabem e sentem, na pele e nos ossos, “a dor e a delícia de ser o que é”.⁹⁸

Eu acho que os brasileiros já não têm muita esperança, talvez com estudo que as crianças têm [...] que eu me arrependo de não ter estudado mais, sabe, porque eu fui só até a sexta série, talvez se eu tivesse... (G).

Eu quero que ele [filho] cresça um pouco mais do que eu não cresci [...] sabe. E eu não cresci porque eu não quis [...], acredita? Porque o meu pai e a minha mãe sempre me deram estudo, eu que parei, porque pensei assim, oh! Quis casar, marido, casa, né, eu não preciso de estudo. E hoje, claro, eu posso voltar a estudar e continuar meus estudos, claro né, mas daí eu penso lá atrás. Poxa, se eu tivesse continuado meus estudos, hoje eu poderia tá num serviço melhor, ok, poderia estar num serviço melhor agora, né? Bom, mas daí o que que eu penso, eu tive oportunidade e não aproveitei, eu vou dar a oportunidade para o meu filho (I).

Essas falas confirmam que

⁹⁸ VELOSO, Caetano. **Dom de iludir**. Álbum Totalmente Demais. São Paulo: Philips Records, 1986, faixa 11.

a ideologia mais bem-sucedida é precisamente aquela que não precisa de palavras e que se mantém a partir do silêncio cúmplice de sistemas autorregulados, que produzem, sob a máscara da igualdade formal e da ideologia do talento meritocrático, a “sociodiceia dos próprios privilégios” das classes dominantes.⁹⁹

Dito de outra maneira, mas ainda a partir das inferências de Souza: as ideias, reproduzidas e estimuladas, sem descanso, determinam o comportamento, o gosto e o desgosto prático diário das pessoas, “como se tivéssemos já nascido com elas, assim como nascemos com uma boca e dois olhos. [...] Fazem tão parte de nós, estão tão coladas à nossa pele, que não mais as percebemos”.¹⁰⁰

Como representação simbólica, as idéias, como determinantes do comportamento do gosto e desgosto, somente são reproduzidas com a incorporação do oprimido à ideologia dominante.

Ou seja, é preciso “escravizar o oprimido no seu espírito e não apenas no seu corpo. Colonizar o espírito e as idéias de alguém é o primeiro passo para controlar seu corpo e seu bolso”.¹⁰¹

⁹⁹ SOUZA, *op. cit.*, 2018a, p. 78.

¹⁰⁰ SOUZA, Jessé. **A guerra contra o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020a, p. 25. Recurso digital. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n8xsnc0>. Acesso em: 4 jul. 2020a.

¹⁰¹ SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 18.

A letra da música escrita por Gonzaguinha exprime os aprisionamentos físico e subjetivo, aos quais estamos submetidos:

Você deve aprender a baixar a cabeça
E dizer sempre: “Muito obrigado”
São palavras que ainda te deixam dizer
Por ser homem bem disciplinado
Deve pois só fazer pelo bem da Nação
Tudo aquilo que for ordenado
Pra ganhar um *Fuscão* no júízo final
E diploma de bem comportado.¹⁰²

Contudo, é importante ressaltar que, como *não somos abelhas nem formigas*,

Em vez de um código genético que define por antecipação o comportamento [...], nós só podemos construir e reproduzir um padrão de comportamento por força de idéias que nos ajudam a interpretar o mundo. Afinal, são essas ideias que irão esclarecer os indivíduos e as classes sociais acerca de seus objetivos, interesses e conflitos. **Como não somos abelhas nem formigas, mas um tipo de animal que interpreta a própria ação, toda a nossa ação no mundo é influenciada, quer saibamos disso ou não, por idéias.** São elas que nos fornecem o material que nos permite interpretar nossa própria vida e dar sentido a ela.¹⁰³

¹⁰² GONZAGUINHA, Luiz Gonzaga Júnior. **Comportamento geral.** Álbum Luiz Gonzaga Júnior. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1973. Faixa 1.

¹⁰³ SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 19, grifo nosso.

Aspecto intrínseco aos demais pilares, a desigualdade se mantém pela ausência de poder.

As classes subalternas têm tido pouca ou nenhuma materialidade nas decisões que afetam a precariedade de suas trajetórias.

Tudo isso se junta com o injusto “abandono social e político, ‘consentido por toda a sociedade’”.¹⁰⁴ Como diz o poema, “Desabafo de um catador”, de Luiza Ananda Araújo.¹⁰⁵

“Quem não vê a desigualdade que se estampa na cidade. Pelas grandes diferenças e por eternas desavenças. Que matam a fraternidade?”

A desigualdade no Brasil, em seus multifacetados aspectos, vem sendo configurada, no sujeito que a constitui, “[...] pela revolta silenciosa, pela humilhação, pelo ressentimento, pela fadiga, pela crença na felicidade das gerações futuras, pela alienação, pela resistência e pelas estratégias para melhor sobreviver, **apesar de tudo**”.¹⁰⁶

Quinta premissa:

- a) temos clareza de que as alternativas “não saem de uma suposta cartola mágica [...]”: as possibilidades

¹⁰⁴ SOUZA, *op. cit.*, 2018b, p. 21.

¹⁰⁵ ARAÚJO, Luiza Ananda. **Desabafo de um catador** (poesia). Disponível em: <http://pimpmycarroca.blogspot.com/>. Acesso em: 1º set. 2020.

¹⁰⁶ YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e assistência social**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2016. p. 22, grifo nosso.

estão dadas na realidade, mas não são automaticamente transformadas em alternativas”.¹⁰⁷ Para que seja possível identificar e construir alternativas, obrigatoriamente, é necessário que diferentes pessoas:

- b) enxerguem aquilo que está encoberto, não visível, mas que nem por isso inibem o sofrimento, a dor, a discriminação, a falta de condições qualificadas de trabalho e de vida. Como bem observa Souza, é preciso utilizar *estratégias de “desilusionismo”*, no sentido de “desconstruir as máscaras que constituem a base da dominação e da opressão social, no sentido mais amplo e que garantem sua legitimidade e aceitação”;¹⁰⁸
- c) alterem suas interpretações equivocadas e falsas que deformaram, que adulteraram a realidade. Por conseguinte, almejamos que as vozes dos(as) catadores(as) de Caxias do Sul ecoem como realidade desvendada, desnudada, desmistificada. Protagonistas de uma árdua luta por outro padrão de existência viável, necessário e justo. Estamos juntos nessa peleja. É preciso projetar outras “formas de resistência e defesa da vida”.¹⁰⁹

¹⁰⁷ IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2018. p. 21.

¹⁰⁸ SOUZA, *op. cit.*, 2018a, p. 68.

¹⁰⁹ IAMAMOTO, *op. cit.*, 2018, p. 28.

Aprender novos valores e conceitos, ou melhor, reaprender, revalorizar, reconceituar, “seja no sentido cognitivo ou no sentido moral (e esses dois aspectos estão intimamente relacionados), implica sempre um penoso e difícil processo de vencer nosso ancestral ‘egoísmo’ e ‘narcisismo’”.¹¹⁰

Indiscutivelmente, conceber o outro com necessidades básicas iguais, cujas mazelas sociais afetam suas vidas em todas as searas e entender que o ser humano não nasceu para estar em estado permanente de sofrimento social, oriundo da desigualdade social, da pobreza, da miséria, da frustração constante é tarefa difícil, mas possível. Exige que ultrapassemos a esfera individual, percebendo que seremos mais ou menos “civilizados” diante da nossa “capacidade ou incapacidade de expandir e generalizar o sentimento de solidariedade e de responsabilidade coletivo”.¹¹¹ Como já dissemos: *as alternativas não saem de uma cartola mágica.*

Do nosso lugar de análise e diante do posicionamento que assumimos aqui, as palavras de Paulo Freire traduzem as nossas:

[Não temos] nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador “acizentadamente” imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na

¹¹⁰ SOUZA, *op. cit.*, 2018b, p. 30.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 30.

verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-la e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele.[O nosso] ponto de vista é o dos “condenados da Terra”, o dos excluídos. Não aceito, porém, em nome de nada, ações terroristas, pois que delas resultam a morte de inocentes e a insegurança de seres humanos. O terrorismo nega o que venho chamando de ética universal do ser humano. Estou com os árabes na luta por seus direitos, mas não pude aceitar a malvadez do ato terrorista nas Olimpíadas de Munique.¹¹²

Os pontos de vista aqui apresentados são frutos de circunstâncias históricas que, mesmo tendo sido construídas há muito tempo (desde os coletores de ossos do século XVIII), podem e devem ser transformadas. Trazer luz a uma categoria profissional excluída e invisível é um primeiro passo, para que contrapontos, objeções, formas de pensar e argumentos reforçadores ou contrários aos aqui expostos possam aumentar o número de pessoas envolvidas na análise do problema. A esta primeira etapa, segue-se a definição de alternativas que sejam eticamente aplicadas como forma de retribuir o “bem maior” que esses trabalhadores têm construído, silenciosa e cotidianamente, à humanidade e de contribuir para a construção de uma visão social de mundo, a partir da solidariedade e da justiça social. Conhecer, reconhecer,

¹¹² FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessário a prática educativa. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019. p. 9. Acréscimos nossos.

respeitar e valorizar o(a) catador(a) é, nesse sentido, um caminho que a sociedade precisa percorrer como uma forma de “pagamento” e reconhecimento social a estes(as) trabalhadores(as).

2

Tempos rudes: a identidade atribuída e sentida

Súmula: Os(as) protagonistas das explanações aqui apresentadas nasceram e sobrevivem em tempos rudes: passaram e passam dificuldades. Enfrentam, diariamente, sofrimento, violência, desrespeito, baixa renda, desproteção e descrédito da sociedade, na relevância da função que vê, comumente, sua atividade como “não trabalho”; logo digno de pena ou de desprezo, com conotação visivelmente inferior. São tratados como subgente e, entendidos como tal, “merecem ter subvida”. Diferentemente da opinião dominante, estes joões e estas marias têm histórias, saberes, cultura, dor, sonhos, sentimentos. Nas falas dos(as) catadores(as), selecionadas para este capítulo, as autoras buscam evidências da dualidade entre expressões de desigualdades e exercícios de resistência à condição de marginalidade e de discriminação que a sociedade lhes imputa, pois vivem na “corda bamba”, que combina civilização com barbárie. Resistência – recurso de sobrevivência física e psíquica, expressa em expectativas de dias melhores, em indignação, em oposição, apesar de a metade ser indiferença e a outra metade ser ruindade da sociedade.

Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.¹¹³

¹¹³ CORA CORALINA, *op. cit.*, 2001.

A invisibilidade, naqueles e nesses *tempos rudes*, é sentida na pele, no cotidiano de contradições de *lutas e pedras* como narra (E1):

porque ser reciclador, pra muitos não existe sabe?
É uma coisa invisível, ele se torna invisível [...].
Eles só lembram quando a lixeira de frente de casa
tá derramando ou tá lotada.

Tragicamente, a realidade social “não é visível nem compreensível a olho nu. Pode-se ver a pobreza e a miséria de muitos e desconhecer as causas que produzem esse estado”¹¹⁴ o que, comumente, resulta em reproduzirmos o que a ideologia dominante cria.

Os protagonistas das explanações aqui apresentadas nasceram e sobrevivem em *tempos rudes*: passaram e passam por tantas dificuldades, que deveria ser proibido mencionar, porque não deveriam ser presenciadas.

Mas, mencionamos na tentativa de visibilizar a importância da função desenvolvida por estes trabalhadores, porém, mais do que isto, queremos demonstrar que “são vidas e são gerações que traçam [...] seus percursos e destinações [...] e os estigmas”.¹¹⁵

O retrato desses *tempos rudes, das vidas, de seus percursos, das destinações e dos estigmas*, junto e com o “lixo”, só pode ser contado por quem o experiencia. São *lições de vida das quais se servem*:

¹¹⁴ SOUZA, *op. cit.*, 2018a, p. 33.

¹¹⁵ TELLES, *op. cit.*, p. 9.

A gente não acreditava que alguém pudesse ficar tanto tempo ou aprender alguma coisa trabalhando com lixo, né? Porque para eles [sociedade], como muitos, é só lixo. Tu tem que tá aqui dentro mesmo, aprender as dificuldades que as pessoas passam, sabe (F).

Estas gentes – com várias idades, casados, solteiros, viúvas; com opção partidária, fé, prática religiosa ou não; todas com filhos, alguns adultos, outros crianças; muitos com netos têm nome e sobrenome (apesar de usarmos a nomenclatura de letras). São marias e joões que, nestes tempos do “apagar da esperança”,¹¹⁶ igualmente à maioria do povo brasileiro, verbalizam os dissabores com as agruras de tantos períodos de sofrimento, de desproteção, de descrédito, na relevância da função; todavia, não desistem.

A identidade social atribuída aos trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável¹¹⁷ somente pode ser

¹¹⁶ BETTO, Frei. **Esperança em tempos distópicos**. 5 ago. 2017b. Disponível em: <https://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/125-esperanca-em-tempos-distopicos>. Acesso em: 29 mar. 2020.

¹¹⁷ A denominação “trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável” foi utilizada a partir de 2002, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) – Ministério do Trabalho, constando que esses são “responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, vender material coletado, selecionar material coletado, preparar o material para expedição, realizar a manutenção do ambiente e dos equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem; administrar o trabalho e trabalhar com segurança” (BRASIL. Ministério do Trabalho. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**. Brasília, 2002. Disponível em: http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoFamilia_Descricao.jsf. Acesso em: 1º set. 2020. Nesta classificação aparecem três títulos: “5192-05 – Catador de material reciclável – Catador de

discutida, a partir da percepção e do sentir daqueles a quem as “pedras” são dirigidas.

As pedras dirigidas aos catadores e às catadoras

Qualquer reflexão sobre o aceite contraditório *das pedras* de quem exerce, com sol e chuva, frio ou calor, essa imprescindível atividade profissional, implica perguntar:

Qual a percepção e o sentimento do(a) participante da pesquisa sobre a visualização da sociedade acerca do trabalho executado?

A alegação da marginalidade e da discriminação – o que contempla, sem dúvida, a invisibilidade, a não importância ao exercício trabalho – é sentida e observada por qualquer indivíduo que se debruce a respeito dessas pessoas, gente. Gente, sim, embora muitos não os considerarem assim.

Logo para quem quer ver, é manifestação reconhecível, basta seguir a orientação de Saramago, citando o *Livro dos conselhos*: “Se podes olhar, vê. Se

ferro-velho, Catador de papel e papelão, Catador de sucata, Catador de vasilhame, Enfardador de sucata (cooperativa); 5192-10 – Seleccionador de material reciclável – Separador de material reciclável, Separador de sucata, Triador de material reciclável, Triador de sucata; 5192-15 – Operador de prensa de material reciclável – Enfardador de material de sucata (cooperativa), Preenseiro, Prensista” (*Idem*).

podes ver, repara”.¹¹⁸ Para iniciar, leia o que quem experiencia relata: *olhe, veja, repare*.

Eles veem de maneira diferente [da gente], eles vêem a reciclagem como marginalizado (B).

Nós tamos aqui no dia a dia, então realmente tem uma dificuldade, a gente é pouco visto. (D).

[as] pessoas imaginam que a reciclagem são pessoas humildes, o que não deixa de ser, mas que, assim, tem que estar sempre na pobreza, tu nunca pode evoluir, tu não pode pensar em crescer nada, tu não pode se desenvolver como uma empresa (K).

Os termos e as expressões utilizados pelos(as) catadores(as): “marginalizado”, “pouco visto”, “não pode se desenvolver” ratificam uma percepção construída a partir das “*pedras*” recebidas da sociedade. “*Pedras*” endereçadas a estes trabalhadores, na forma de verbalizações, comportamentos (“as pessoas se afastavam da gente porque viam que a gente pegava o ônibus lá [...] na reciclagem”), desrespeito. Este, muitas vezes, manifesto também de forma invisível, por exemplo, quando na impessoalidade de cada residência, o “lixo” é sequer separado.

Além destes, certamente, são infinitos os exemplos dessa invisibilidade discriminada, marginalizada, os quais são descritos pelos indivíduos de pesquisa. Aqui, apenas alguns:

¹¹⁸ SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Nova Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Epígrafe.

A pior coisa que eu achava era quando a gente entrava no ônibus, e as pessoas se afastavam da gente porque viam que a gente pegava o ônibus lá o Posto [...] e trabalhava na reciclagem.

As pessoas se afastavam, eu achava isso bem ruim, eu não gostava (F);

De agora para cá o preconceito é muito grande, [...] de tu ter uma reciclagem do lado da tua casa, de tu ter cavalo do lado da tua casa, uma vez as coisas eram mais fáceis, hoje em dia tu já não consegues mais né (J);

Eu acho que ainda tem bastante gente assim que, que fica meio assim, né, da gente trabalhar com a reciclagem. Acham, assim, que a gente trabalha dentro do lixo (H).

As pessoas veem, tanto que *se afastam*.

O que enxergam?

Por que muitos de nós não enxergam o ser humano que habita naquele corpo?

Por que cegamos?

Saramago responde: “Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão/ Queres que te diga o que penso/ Diz/ Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, cegos que vêem, cegos que vendo, não vêem”.¹¹⁹

A discriminação, o estigma e os demais contornos definidores do *apartheid* social, por fazerem parte da “sociabilidade”, adere nos corações e nas mentes das diferentes classes sociais, independentemente de onde ou

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 310.

se trabalham. Consoante o mencionado nessa Parte I, capítulo precedente, *as ideias, reproduzidas e estimuladas, sem descanso, determinam o comportamento, o gosto e o desgosto prático-diário das pessoas.*

Explicamos melhor tal enunciado, para que sejam compreensíveis os argumentos que utilizamos.

A produção e reprodução de ideias são denominadas pelo termo *ideologia*.

Em adesão aos argumentos teóricos e práticos empregados por Chauí, como ela mesma aponta, é possível resumir a concepção de ideologia, a partir de quatro determinações:

1. fundada por um “corpus de representações e de normas que fixam e prescrevem de antemão **o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir**”;¹²⁰
2. o *corpus* tem o propósito “de produzir uma universalidade imaginária, pois, na realidade, apenas generaliza para toda a sociedade os interesses e o ponto de vista particulares de uma classe: aquela que domina as relações sociais”;¹²¹
3. “Pode-se dizer que uma ideologia é hegemônica, quando não precisa mostrar-se, quando não necessita de signos visíveis para se impor, mas flui espontaneamente

¹²⁰ CHAUI, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Educ. Pesq.** São Paulo, v. 42, n. 1, p. 247, jan./mar. 2016, grifo nosso. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0245.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

¹²¹ *Idem.*

como verdade igualmente aceita por todos”;¹²²

4. “[...] sua coerência depende de sua capacidade para ocultar sua própria gênese, ou seja, deve aparecer como verdade já feita e já dada, desde todo o sempre, como um ‘fato natural’ ou como algo ‘eterno’”.¹²³

Para que servem essas problematizações teórico-analíticas?

O que isso tem a ver com discriminação, com pobreza, com desigualdade?

Poderiam perguntar: Por que as autoras “contam” a história dos(as) catadores(as) e de seus exercícios profissionais, SEMPRE trazendo indagações, questionamentos...? Isso torna tudo tão complexo!

Sim, torna complexo. Todavia, conforme as citações de Chauí, a função da ideologia é esconder a verdade. É fazer acreditarmos que não precisamos/sabemos/podemos pensar-refletir; é possível transformar a estrutura social que nos oprime, nos dilacera, nos aniquila. E o desvendar dessa realidade passa, inicialmente, pelo questionamento.

Ora, se verificamos que o Estado - representado pelo(s): governantes públicos municipais, estaduais e da Nação; membros do Legislativo e do Judiciário - é o grande repassador da ideologia dominante, poderemos decodificar por que um número significativo desses homens e mulheres adere à estrutura de dominação: “O

¹²² *Idem.*

¹²³ *Idem.*

ponto de vista particular de uma classe: aquela que domina as relações sociais”. E o reproduzem como: *“verdade igualmente aceita por todos”*; *“um fato natural”*”.

Através do Estado, a classe dominante monta um aparelho de coerção e de repressão social que lhe permite exercer o poder sobre toda a sociedade, fazendo-a submeter-se às regras políticas. O grande instrumento do Estado é o Direito, isto é, o estabelecimento das leis que regulam as relações sociais em proveito dos dominantes. Através do Direito, o Estado aparece como legal, ou seja, como “Estado de direito”. O papel do Direito ou das leis é o de fazer com que a dominação não seja tida como uma violência, mas como legal, e por ser legal e não violenta deve ser aceita. **A lei é direito para o dominante e dever para o dominado.**¹²⁴

O Estado, por ser um ente abstrato, somente tem ação por meio de pessoas, no caso os servidores/agentes públicos (concursados, em mandato, em cargos de confiança) e os representantes do Legislativo, Judiciário e do Ministério Público. São as pessoas que planejam, executam e avaliam as políticas, os programas, os projetos, as ações. É função destes agentes edificarem e fazerem cumprir as concepções da ideologia dominante.

Ora, se o Estado e o Direito fossem percebidos nessa sua realidade real, isto é, como instrumentos para o exercício consentido da violência, evidentemente ambos não seriam respeitados e os dominados se revoltariam. A função da ideologia

¹²⁴ CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. Coleção Primeiros Passos. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001. p. 35. v.13, grifo nosso.

consiste em impedir essa revolta fazendo com que o **legal apareça para os homens como legítimo**, isto é, como justo e bom. Assim, a ideologia substitui a realidade do Estado pela **idéia** do Estado – ou seja, a dominação de uma classe é substituída pela idéia de interesse geral encarnado pelo Estado. E substitui a realidade do Direito pela **idéia do Direito** – ou seja, a dominação de uma classe por meio das leis é substituída pela representação ou idéias dessas leis como legítimas, justas, boas e válidas para todos.¹²⁵

Tais interpretações esclarecem – mesmo que não sejam aceitáveis – a discriminação aos(às) catadores(as), efetuada, ao mesmo tempo, por representantes do Poder Público:

É uma coisa, assim, que me marcou muito. Naquela época, nós tinha muitos assessores, a gente tinha bastante assessores [da Codeca] e uma vez eu escutei eles dizendo que assim que nós reciclador não se dava conta. Que nós era só os reciclador. Daí a gente encontrava eles na rua e a gente queria conversar com eles na rua. Então, assim, aquilo foi uma coisa que me marcou muito e eu aprendi também que hoje na rua se eu encontro um deles, eles me cumprimentam e eu cumprimento eles, se eles não me cumprimentar, tranquilo, não muda nada. Até aconteceu um fato agora esses dias depois vieram pedir desculpas. Eu disse: não, tranquilo, na rua não tem nada que ver. Mas foi uma coisa assim que me marcou muito, porque eu conseguia aprender, mas muitos

¹²⁵ *Idem*, grifo da autora.

associados e recicladores acreditam assim, que porque ele é assessor, ele é assessor dentro e fora. Não conseguem ver a diferença, porque tem muitas pessoas que ainda fazem diferença com isso, então foi uma palavra, assim, que, olha eu escutei, acho que em 98, e me marcou bastante. Eu lembro e é uma coisa, assim, que eu guardei para mim. Uma coisa é eles aqui dentro, outra coisa é eles lá fora (F).

Eles não perguntam para nós: bah!, O que que vocês acham?
Eles pensam assim: não, o pessoal da reciclagem não tem conhecimento nenhum, não sabe nada (K).

A prática social narrada por (F e K) advém da construção ideológica de ideias de um jeito de *pensar, agir, sentir*, baseado na concepção de prestígio, de superioridade e distinção de uns sobre outros. Claramente, essa forma de agir dos agentes públicos, que desconhecem o(a) catador(a) fora de seu hábitat, reforça a lógica de que ele é “só o reciclador”. Isso por indivíduos que poderiam (ou deveriam, considerando o poder que essas pessoas concentram) ser os primeiros a reconhecer o papel do(a) catador(a) para o futuro da humanidade.

O estigma sobre o trabalho com lixo ameaça a sustentabilidade social e econômica do trabalho de catador de materiais recicláveis, e a discriminação dos catadores continua em uma fase de progressivo aumento dos consumos no Brasil, no qual o papel dos catadores no desenvolvimento de metodologias sustentáveis para a gestão de resíduos sólidos poderia ser de grande valia.¹²⁶

¹²⁶ MORBIDINI, Martina. Catador cidadão; trabalho digno. In: RIAL, Carmem (org.). **O poder do lixo**: abordagens antropológicas dos

Ao contrário, a expressão “sabes com que estás falando” invoca posição social dessemelhante, bastante utilizada no Brasil como sendo “carteiraço”,¹²⁷ refere-se à disputa social que não se faz apenas, economicamente, “por bens materiais e salários, mas, também, prestígio e reconhecimento”.¹²⁸

Tais práticas podem ser consideradas formas de humilhação, que “fazem pouco caso” do conhecimento e da estatura social do outro e tentam lembrar ao sujeito humilhado “o seu devido lugar” – o de subalternidade.

Em retorno ao assinalado no capítulo 2, há no Brasil um código social de conduta baseado em uma hierarquia que estipula “critérios que permitem e legitimam que alguns sejam vistos como superiores e dignos de privilégios”.¹²⁹

Nessa lógica, quando o representante do Poder Público, citado por (F), está junto com os catadores, ele, que se considera (e é considerado) superior, pode posar

resíduos sólidos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016. p. 66. Disponível em: <https://navi.ufsc.br/files/2017/11/OPoderDoLixoAbordagensAntropologicasDosResiduosSolidos-1.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020.

¹²⁷ Carteiraço ou carteiraada: “1. Exibição de documento profissional ou de identidade, com o propósito de obter vantagem de alguma espécie: O político deu uma carteira da *para fugir do flagrante*. 2. Tentativa de obter vantagem pessoal através da alegação de que se é uma pessoa importante ou que se possui vínculos com pessoas importantes” (AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Aulete digital. Dicionário Caldas Aulete vs digital, s/d.). Disponível em: <http://www.aulete.com.br/carteirada>. Acesso em: 1º de dez. 2020.

¹²⁸ SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 77.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 44.

“afetivamente” de amigo, de “igual”. Porém, em espaços comunitários, onde há ou pode haver pessoas de “seu nível”, ou “superiores” a ele, “precisa” não ser reconhecido nessa “amizade”.

Salientamos que esta

[...] hierarquia **valorativa implícita e ancorada institucionalmente de forma invisível** enquanto tal é quem define **quem é ou não gente**, sempre segundo seus critérios contingentes e culturalmente determinados, e, por consequência, **quem é ou não cidadão**, na medida em que, [...], a eficácia da regra da igualdade que constitui a noção de cidadania precisa estar efetivamente internalizada e incorporada pré-reflexivamente, também nessa dimensão subpolítica da opacidade cotidiana, para ter validade efetiva.¹³⁰

Algo tão internalizado, socialmente, que é aceito como *natural*. Em razão disso, *flui espontaneamente como verdade igualmente aceita por todos*: “A distinção aparece como uma diferença merecida, correta e justa, já que, supostamente, se basearia nos talentos inatos de seus possuidores”.¹³¹ O expresso no capítulo 2, deve ser aqui reproduzido: há uma hierarquia plantada em estratos sociais, que separam: “*doutores/analfabetos, homens de boas maneiras/joões-ninguém, competentes/incompetentes, etc.*” Acrescentamos os servidores estatais dos três poderes/população em geral.

¹³⁰ SOUZA, 2018a, p. 224-225.

¹³¹ *Ibidem*, p. 86.

Como a região serrana do Estado do Rio Grande do Sul, o que inclui Caxias do Sul é o berço da colonização italiana, complementamos com outras expressões que andam de mãos dadas com o carteiraço: “Teu sobrenome é Silva? Então, és pelo duro”; “sou italiano e não brasileiro, graças a Deus”; “os italianos crescerem porque eram trabalhadores, ao contrário dos brasileiros que sempre foram vadios”.

Tais declarações justificam o argumento do imigrante (seu filho, neto ou bisneto brasileiros) como o branco europeu “com virtudes intelectuais e morais superiores”¹³² e responsável pela edificação da riqueza da cidade e da região (isso vale para o Brasil. Rememoramos os preconceitos contra os nordestinos). A visão da edificação da riqueza realizada, apenas pelos que ficam com a maior parcela, nos faz lembrar este poema de Brecht, “Perguntas de um operário letrado”:

Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?
Nos livros estão nomes de reis;
Os reis carregaram as pedras?
E Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem a reconstruía sempre?
Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que
a construíram?
No dia em que a Muralha da China ficou pronta,
Para onde foram os pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo:
Quem os erigiu? Quem eram aqueles que foram
vencidos pelos césaes?

¹³² SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 110.

Bizâncio, tão famosa, tinha somente palácios para seus moradores?
Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?
César ocupou a Gália.
Não estava com ele nem mesmo um cozinheiro?
Felipe da Espanha chorou quando sua armada naufragou. Foi o único a chorar?
Frederico 2º venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem partilhou da vitória?
A cada página uma vitória.
Quem preparava os banquetes?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas histórias,
Tantas questões.¹³³

Os chamados brasileiros, “os Silva, os pelo-duro” – negros, índios, mestiços –, como são considerados inferiores, recebem adjetivos de vadios, vagabundos, indolentes e preguiçosos – “por isso não vão prá frente”. É a ideologia do vira-lata tratada por Souza. Quer dizer, “não carregaram pedras”, “não construíram, nem reconstruíram nada”. Não são *“os pedreiros, os cozinheiros, os soldados? Não choram? e não partilham vitórias?”*

Além dessas profissões, que constroem e mantêm a sociedade, a vida, poderíamos perguntar: E as alterações científicas e tecnológicas que resultaram em, por exemplo,

¹³³ BRECHT, Bertold. **Perguntas de um trabalhador que lê** [1935]. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br>. Acesso em: 28 ago. 2020.

respiradores, vacinas, incluindo os imunizantes para a Covid-19, e que possibilitaram

ampliar grandemente a expectativa de vida, ter colheitas plurianuais fora da estação, contar com bibliotecas quase universais na internet, interconectar o computador, o televisor e o telefone, fabricar automóveis movidos a eletricidade, e muitos outros desenvolvimentos que nem sequer podiam ser sonhados há pouco tempo [?]¹³⁴

Essas mudanças foram realizadas por quem? Não eram trabalhadores?

Tristemente, em concordância com Kliksberg, não obstante os grandes avanços das ciências, que renovaram totalmente, nos últimos anos, o estoque tecnológico, “os benefícios do progresso tecnológico estão chegando apenas a um setor da espécie humana. Grupos maciços estão excluídos e lutando para garantir o atendimento das necessidades mais básicas de suas famílias”,¹³⁵ quando conseguem.

Para este raciocínio, gente será o europeu e o norte-americano, o rico ou o que faz de conta que é abastado. O restante vai ser categorizado como subgente (raras exceções).

¹³⁴ KLIKSBURG, Bernardo. **Como enfrentar a pobreza e a desigualdade**: uma perspectiva internacional / Bernardo Kliksberg. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p. 9. Acréscimo nosso. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/miolo-Kliksberg-final.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

¹³⁵ *Idem*.

Exemplo, dentre tantos outros, ocorreu em um momento sanitário, social, econômico e político crítico (início de dezembro de 2020). Diante das definições empreendidas pelo Ministério da Saúde, quanto à vacina contra a Covid-19, um grupo de promotores e procuradores do Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP) encaminhou um abaixo assinado “para o gabinete de crise contra a pandemia do governo do estado de São Paulo solicitando que todos os membros do MP recebam a vacina contra a Covid-19, antes da população em geral”.¹³⁶

Os assinantes em questão

explicam por que querem ser passados na frente do resto da população, quando a vacina estiver disponível: “Não é uma questão de egoísmo em relação a outras carreiras, mas tendo em vista notadamente os colegas do primeiro grau, que trabalham com audiências, atendimento ao público e outras atividades em que o contato social é extremamente grande e faz parte do nosso dia a dia”, diz o trecho citado.¹³⁷

Estas pessoas que, dentre tantos benefícios, não precisam pegar ônibus para se deslocarem ao trabalho; que, apesar dos fartos salários, têm auxílio alimentação para melhorar a qualidade da mesa; que desfrutam de horários

¹³⁶ SEGALLA, Vinicius. Furando a fila: promotores de SP pedem para receber primeiro a vacina da Covid. **Brasil de Fato**. São Paulo (SP), 2 dez. 2020 s/p. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/02/furando-a-fila-promotores-de-sp-pedem-para-receber-primeiro-a-vacina-da-covid>. Acesso em: 3 dez. 2020.

¹³⁷ *Idem*.

privilegiados; que dispõem de plano de saúde, não serão, certamente, as que ficarão na fila por respiradores.

O que dizer? Faltam palavras para interpretar tal solicitação, além das já empregadas anteriormente.

Na falta de outras palavras, damos destaque para uma citação trazida no capítulo 2, quanto à hierarquia social estipulada nas terras brasileiras: “A luta entre indivíduos e classes sociais pelo acesso a capitais, ou seja, tudo aquilo que funcione como facilitador na competição social de indivíduos e classes por todos os recursos escassos”.¹³⁸ A vacina, neste momento, é o bem escasso. “Gente”, como promotores e procuradores, se acha no direito, prioritário, à possibilidade de burlar a morte: “por merecimento” (afinal entendem que trabalham diretamente no atendimento ao público e passaram em um concurso público considerado difícil) receber tal medicamento. Os professores (recomendados para serem vacinados na última etapa), os comerciários em geral, os *motoboy*s que entregam alimentos e medicamentos, a população que vende na rua, os catadores (que lidam com os resíduos oriundos daqueles com Covid-19), enfim, todos aqueles que prestam atendimento ao público ou encontram-se em maior exposição ao vírus, essa “subgente” pode morrer antes: “não são tão importantes e necessários”. Tristeza, tristeza.

Hoje morreu uma pessoa que eu não conhecia, que nunca conhecerei, e isso abre em mim um abismo

¹³⁸ SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 54.

que nem todas as palavras do mundo podem preencher. A indiferença e a negação me apunhalam como uma segunda morte que segue as milhares de mortes, e fico com a clara impressão de que a senhora que cobre seu esqueleto com um manto escuro e segura a foice afiada em suas mãos **levou muitas pessoas que já não estavam vivas.**¹³⁹

Novamente, evocamos Souza para, por meio de suas afirmações, sintetizarmos nosso pensamento:

O valor dos seres humanos é definido social e historicamente. [...]. [os trabalhadores no Brasil], um “monte de carne e músculo que anda” **pode não ter nenhum valor como a história tantas vezes nos mostrou e ainda nos mostra todos os dias.** O que confere “valor” e “respeito” aos seres humanos? Se levarmos a sério as duas fontes de valor moral abertas pelo mundo moderno, veremos que “cidadão”, com direitos respeitados por todos, será apenas o sujeito definido como “agente racional”. O controle do corpo e suas pulsões é o pressuposto dessa “racionalidade”, na medida em que apenas o indivíduo disciplinado, plástico, autocontrolado e que se define pelo futuro e não pelo presente é que pode [...] “gerir” a sua vida e desempenhar as funções de produtor útil e cidadão.¹⁴⁰

Além dos donos do capital, os que dirigem as instituições (públicas e privadas), os juízes, os promotores,

¹³⁹ IASI, Mauro Luis. Nem luto, nem melancolia. **Blog da Boitempo.** Publicado em 21/8/2020, s/p., grifo nosso. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/08/21/nem-luto-nem-melancolia/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

¹⁴⁰ SOUZA, *op. cit.*, 2018b, p. 402, acréscimos e grifos nossos.

os procuradores, os senadores, os deputados, dentre outros, são os considerados racionais: “*os distintos e dignos merecedores*”. Os que sabem, os que têm conhecimento, por isso “*podem e devem*” decidir sobre o que pode ou não ser feito pelo restante da população “a carne mais barata do mercado”.¹⁴¹

Ratificamos o apontado sobre a função da ideologia, que faz com que o legal (a definição de direitos especiais para juízes, procuradores e promotores no exemplo usado) apareça como lícito, diante do discurso dominante repassado, que eles estudaram, passaram em um concurso. Têm, portanto, maior conhecimento. Merecem as regalias disponibilizadas a eles: Esse é o padrão real e concreto da *dominação de uma classe por meio das leis, substituída pela representação ou pelas ideias dessas leis, como legítimas, justas, boas e válidas* para esses seletos sujeitos.

¹⁴¹ SOARES, Elza. **A Carne**. Álbum do Cócix até o pescoço. Composição de Marcelo Yuca, Seu Jorge, Ulisses Cappelletti. Salvador: Marianga, 2002, faixa 6. A referência à carne lembrou-nos uma frase lida em alguma rede social: “salário-mínimo hoje R\$1.045,00, cerca de R\$34,83 ao dia. Preço da carne R\$35,90. O trabalhador não vale um kg de carne”. Contrariamente, juízes, desembargadores, procuradores e promotores “usufruem dois meses de férias anuais – mais um recesso de 14 a 30 dias –, não têm horário fixo, ganham auxílios para moradia, alimentação, transporte, plano de saúde, dinheiro para livros e computadores e ajuda até para pagar a escola particular dos filhos” (JUSBRASIL. **Juízes estaduais e promotores**: eles ganham 23 vezes mais do que você. Notícias. Publicado por Eduq OAB há 4 anos, s/p. Disponível em: <https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/409959534/juizes-estaduais-e-promotores-eles-ganham-23-vezes-mais-do-que-voce>. Acesso em: 4 dez. 2020). Lembramos que o *grande instrumento do Estado é o Direito, isto é, o estabelecimento das leis que regulam as relações sociais em proveito dos dominantes*.

Pouco questionadas pela maioria dos brasileiros. A manifestação de (F) de que “*uma coisa é eles aqui dentro, outra coisa é eles lá fora*” reitera o aprendizado do padrão de dominação: aprendeu quando deve se calar, quando deve “abaixar a cabeça”.

Triste. Mais triste é a aceitação dessa assertiva.

Que os latino-americanos em geral e os brasileiros em particular tenham se deixado e ainda se deixem, até os dias de hoje, colonizar por uma concepção racista e arbitrária que os inferioriza e lhes retira a autoconfiança e autoestima não é apenas lamentável. É uma catástrofe social de grandes proporções. Como as idéias são fundamentais para a ação prática, jamais seremos um povo altivo e autoconfiante enquanto permaneceremos vítimas indefesas desse preconceito absurdo.¹⁴²

Para ser diferente, o Estado deveria ter políticas de capacitação, de formação de cidadania, de combate às desigualdades, de proteção social. Em outros termos, um projeto diferenciado da “malvadez neoliberal”,¹⁴³ instalado no Brasil que projeta e executa as “injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo”.¹⁴⁴

As alternativas a este modelo em vigor demandam “apostar em normas, imagens e em novos modos de atuar no mundo, que afastem o modelo das empresas e a lógica da concorrência das relações sociais e impeçam que as

¹⁴² SOUZA, *op. cit.*, 2018a, p. 18, separação em itens nossa.

¹⁴³ FREIRE, *op. cit.*, 2019, p. 9.

¹⁴⁴ *Idem.*

pessoas continuem a ser tratadas como objetos negociáveis e/ou descartáveis”.¹⁴⁵

Uma certeza: “Enquanto não houver um conhecimento da história real, enquanto a teoria não mostrar o significado da prática imediata dos homens, enquanto a experiência comum de vida for mantida sem crítica e sem pensamento, a ideologia [dominante] se manterá”.¹⁴⁶

Em resumo:

Enquanto profissão, a dificuldade é o reconhecimento, até mesmo da sociedade.
Vamos botar: da gestão pública; da sociedade; da própria comunidade (J).

Por conseguinte, o que dizer dos preconceitos e dos estigmas sociais construídos, que, por serem tão bem cimentados, a eles aderimos e os reproduzimos?

Será que Saramago tem razão?

Que “é desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade”.¹⁴⁷

Cremos que, apesar de um expressivo número de pessoas serem indiferentes e outras tantas recheadas de ruindade, na mesma proporção há os que resistem, os que não perderam a capacidade de se indignar, de se solidarizar

¹⁴⁵ CASARA, Rubens R. R. Vamos falar de alternativas? **Revista Cult.**, Além da Lei, 5 dez. 2019, s/p. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/vamos-falar-de-alternativas/>. Acesso em: 21 dez. 2020.

¹⁴⁶ CHAUI, *op. cit.*, 2001, p. 33-34, acréscimos nossos.

¹⁴⁷ SARAMAGO, *op. cit.*, p. 40.

com o outro, de se contrapor, de lutar contra a barbárie e suas formas de opressão e violência contra a vida.

Ainda em partes sequenciais deste texto, demonstraremos que vários dos atores principais da produção ora apresentada – os catadores e catadoras – exercitam diariamente sua resistência, sua solidariedade.

Por isso, ratificamos nossa opinião: esperamos que este livro contribua com a apreensão das várias expressões das desigualdades que sofrem os(as) catadores(as), assim como os vários atos e exercícios de resistência. Esperamos, do mesmo modo, que se possa:

Re-descobrir alternativas e possibilidades [...] no cenário atual; traçar horizontes para a formulação de propostas que façam frente [às desigualdades sociais] e que sejam solidárias com o modo de vida daqueles que a vivenciam, não só como vítimas, mas como sujeitos que lutam pela preservação e conquista da sua vida, da sua humanidade.¹⁴⁸

Metade indiferença, metade ruindade

A sociedade capitalista contemporânea tem, o tempo todo, tentado destruir relações de solidariedade. Para impedir formas de resistência, que a visualização do outro como ser humano com necessidades, dores e amores, possam ser edificadas, definem que “cada pessoa entre nós tenha medo das outras, suspeite as intenções das outras, se

¹⁴⁸ IAMAMOTO, *op. cit.*, 2018, p. 75, acréscimos nossos.

aproxime das outras sem nada em mente, além daquilo que poderá ganhar ou do dano que elas poderão causar”.¹⁴⁹

É como se:

- o nosso “lixo”, quando saísse de nossas residências deixasse de ser nosso;
- não gerássemos resíduos e não precisássemos separar adequadamente;
- o outro, no caso o(a) trabalhador(a) da coleta e seleção de resíduos, criasse a montanha de detritos espalhados na natureza, sendo, portanto, culpa deles a poluição ambiental danosa.

O “*como se*” torna-se verdade. E, diante dessa verdade, aliando-se aos elementos “fundantes” do capitalismo, em sua fase neoliberal (individualismo, ódio ao outro, condicionamento social que nos faz crer que apenas uma economia de mercado pode melhorar/qualificar o Estado e suas instituições, assim como aumentar a produção tendo como resultado melhores condições de vida para a população), intensificados na contemporaneidade, há uma decomposição das relações sociais transmitidas pela indiferença à pobreza, à desigualdade, à dor do outro.

A “*prova*” concreta disso tem sido verificada e transmitida de 2020 e 2021, no contexto da pandemia pela Covid-19.

A banalização acerca do número de mortes; da falta de leitos de UTI; do desprezo à ciência; das condições de

¹⁴⁹ FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça às bruxas**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 140.

moradia e vida, que impedem os mais vulneráveis social e economicamente de poderem efetivar o afastamento indicado pelas instituições internacionais de saúde, “é a expressão tácita do questionamento de valores que seriam de pretensão universal – como a razão, a justiça e a vida”,¹⁵⁰ contudo, não o são. Temos assistido, “diferentemente da aplicação do princípio de preservação da vida, à [adoção da] prática de deixar morrer e de negar o processo de extermínio, adoecimento ou desproteção que leva à morte”.¹⁵¹

Em síntese: “parece que tem vidas que valem mais do que outras vidas”.¹⁵² Discordamos de Dunker: não parece!. Algumas vidas, infelizmente, valem mais e não são as provenientes das classes subalternas.

Isso nos recorda uma conversa entre dois personagens no livro de Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*: “A estas alturas os mortos já não nos metem medo. Para mim é mais fácil, não os vejo”.¹⁵³

Como expusemos no capítulo anterior, parcelas expressivas da sociedade enxergam o(a) catador(a) e todos

¹⁵⁰ MAAKAROUN, Bertha. **O negacionismo como arma de destruição durante a pandemia**. Psicanalista Christian Dunker recorre ao conceito da negação descrito por Freud, para explicar ações políticas que buscam desmoralizar autoridades sanitárias e cientistas. Estado de Minas. Pensar. 24/7/2020 04:00 – atualizado 24/7/2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/07/24/interna_pensar_1169615/o-negacionismo-como-arma-de-destruicao-durante-a-pandemia.shtml. Acesso em: 14 ago. 2020.

¹⁵¹ *Idem*, acréscimos nossos.

¹⁵² *Idem*.

¹⁵³ SARAMAGO, *op. cit.*, 2020, p. 297.

aqueles discriminados (por condição social, gênero, etnia, opção sexual) *como subgente, e subgente merece ter subvida.*

Ora, nessa lógica, subgente não sofre, nem física nem emocionalmente, pois, na conjuntura atual, foi estabelecida a barbárie humana e social cuja expressão máxima é

a banalização do humano, resultante de indiferença frente à esfera das necessidades das grandes majorias e dos direitos a elas atinentes. Indiferença ante os destinos de enormes contingentes de homens e mulheres trabalhadores submetidos a uma pobreza produzida historicamente (e, não, naturalmente produzida), universalmente subjugados, abandonados e desprezados, porquanto “sobrantes” para as necessidades médias do capital.¹⁵⁴

Há poucas certezas sobre o ser humano no mundo contemporâneo; entretanto, uma é clara, nítida, cristalina: é ilusório que vivemos processo civilizatório que deixou o mundo bárbaro em outros séculos. Ou, talvez, seja isso mesmo, a tal civilização, de maneira geral, é bárbara.

Vivemos na corda bamba que mescla civilização com barbárie. E a barbárie tem tomado a frente. São tempos difíceis e estranhos, “tempos de homens partidos. [...] tempo de divisas, tempo de gente cortada. De mãos

¹⁵⁴ IAMAMOTO, Marilda Villela. O serviço social na cena contemporânea. **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**, Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. p. 23, separação em itens nossa. Disponível em: <https://www.poderesocial.com.br/wp-content/uploads/2017/08/1.1-O-Servi%C3%A7o-Social-na-cena-contempor%C3%A2nea-%E2%80%93-Marilda-Vilela-Iamamoto.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

vijando sem braços, obscenos gestos avulsos [...] E continuamos. É tempo de muletas”.¹⁵⁵

Reiterando padrões sociais, temos em elevação no Brasil, da pandemia 2020/2021,

uma retórica das armas, da guerra, da violência, **que de fato está dizendo para a gente que a vida não é o princípio mais importante**, mas que poderíamos imaginar um todo social, muito melhor, se eliminássemos algumas formas de vida. Por exemplo, os indígenas, os negros, aqueles que não são produtivos [...]. Esse é um discurso, e que foi ganhando e amalhando forças amparando-se nas fragilidades e dificuldades que temos em expandir a democracia brasileira.¹⁵⁶

A banalização do humano, ao atingir os diferentes formatos de sociabilidade, alcança todos: os que discriminam e os que são discriminados. É a ideologia dominante e seu *corpus de representações e normas* em ação, *corpus* que produz na imaginação as imposições de que: a vida é assim mesmo; Deus quis assim. Desde sempre. Isso faz com creiamos que a desigualdade em todos os seus contornos e intensidades seja vista como *natural e eterna*.

A ideologia dominante eficaz, reforçando o posicionado em parágrafos acima, faz com que creiamos que as concepções reiteradoras da discriminação, da

¹⁵⁵ ANDRADE, Carlos Drummond [1945]. **A rosa do povo**. 21. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2000. p. 29.

¹⁵⁶ MAAKAROUN, *op. cit.*, s/p., separação em itens e grifo nosso.

desigualdade, por exemplo, sejam percebidas, como autônomas, independentes dos sujeitos.

Como já declaramos, as desigualdades e as formas de opressão são legitimadas simbolicamente, o que as tornam aceitáveis, consentidas, apreendidas, visto que foram erigidas por um *corpus de representações e de normas que fixam e prescrevem de antemão o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir.*

*Senão, como compreender a vergonha sentida por aqueles que estão lutando por sobrevivência?
Como traduzir o sentimento de abuso na ocupação do espaço público?*

Não esquecendo de que: “[...] vergonha é a interiorização do olhar do outro e também da culpa. O olhar do outro sobre mim, vigiando meu comportamento, é vergonha”.¹⁵⁷ Entendemos que disso tratam os dizeres de (G).

Naquela época, eles colocavam tudo naquele tonel e nós quando eles largaram os tonel na rua, nós ajuntava. Imagina, vinha coisa boa. Menina! Que nós passava de vergonha. Passava um [e dizia]: essas lixeiras aí, só incomodando. Dava confusão porque nós carregava com carrinho de ferro né? Na rua (G).

¹⁵⁷ MIURA, Paula Orchiucci; SAWAIA, Bader Burihan. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, 2013, p. 334. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/10.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.

Quando eu comecei a trabalhar elas te enxergavam com carrinho, assim, meu Deus, era uma coisa de outro mundo.

Naquela época, meu guri era recém-nascido, tinha uns dois meses, esse o mais velho.

Nós ia com o carrinho no Centro [...] aquela rua cheia até de noite (G).

Os sentimentos de *abuso, ao encher a calçada com o carrinho*, e do não questionamento de que poderiam *ser presos*, é expressão contemporânea “vívida e padecida”¹⁵⁸ do discurso econômico e político das classes dominantes, criadas e reproduzidas pelo Estado – por meio dos distintos agentes públicos –, que

criou um novo sujeito social perfeitamente adaptado [...]. Um sujeito que, além de sofrer uma grave crise de individualidade, agora se autocolpa por sua situação pessoal e social. Agora, este sujeito tem uma noção de si mesmo e de sua experiência vital moralmente reprovável.¹⁵⁹

Agregado a isso os operários em situação de precariedade, pobreza ou eliminados da fronteira do que é dito como imprescindível de ser consumido, em que se incluem os(as) catadores(as), não têm reconhecido socialmente o trabalho desenvolvido. Tal condição, frequentemente, é percebida como não trabalho, portanto,

¹⁵⁸ RODA, Paco. A gestão neoliberal da pobreza. **Revista IHU on-line**, Unisinos, 3 jul. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580471-a-gestao-neoliberal-da-pobreza>. Acesso em: 18 dez. 2020.

¹⁵⁹ *Idem*.

como algo sem valor. Várias das doações, em forma da famosa esmola, contêm esta ideia:

Ao contrário de outras [algumas pessoas] que ajudavam diziam: oh, as coitadas lá trabalhando. Pega, vai comprar um pão. É, no mundo é assim, tem pessoa boa e a pessoa que vai te... Não adianta nunca vai mudar (G).

É uma coisa que a gente sempre disse desde o início, a comida, o prato de comida que as pessoas pensam em dar para nós, que nós somos recicladores, muitos pensam assim, que a gente precisa disso.

Não!

O prato de comida a gente vai e busca, a gente compra, se nós tiver com o que comprar, nós vamos. E se tiver material para trabalhar (F).

Na fala de (F) está clara a percepção de que sua atividade é trabalho digno, que permite adquirir o “pão” se as condições de trabalho existirem.

Essas descrições nos lembraram as argumentações elaboradas por Souza, em seu livro *Subcidadania brasileira*, ao discorrer sobre posturas e sensações que,

Efetivamente, sentimos quando nos defrontamos de forma direta [...] com um excluído social. Necessariamente, **as duas expressões possíveis se referem à pena ou raiva, ou alguma mistura entre as duas**. Mas quem tem raiva e desprezo, na realidade, expressa apenas o outro lado da moeda de quem sente pena e compaixão. Afinal, só sentimos compaixão ou desprezo acerca de quem consideramos inferior, mostrando que a avaliação

que realizamos é objetiva e compartilhada por todos. Assim, **tanto o canalha, que odeia e despreza o fragilizado** socialmente, **quanto a pessoa de bom coração**, que sente compaixão e pena, espelham reações opostas em relação a uma desvalorização que é objetiva e social, impondo-se a todos indiscriminadamente.¹⁶⁰

Tal *desvalorização indiscriminada*, nas situações de pena do outro, vem camuflada, amiúde, como assinala Freire, de generosidade não autêntica, dado que “parte dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização”.¹⁶¹ Nessa perspectiva, a “ajuda” ao outro se dá para “aliviar” a dor do doador, não efetivamente para auxiliar o necessitado, que não precisa de esmola, mas de emprego, renda e políticas públicas, no mínimo, minimizadoras das desigualdades. Indicamos que

não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão. Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro. Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam. Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação

¹⁶⁰ SOUZA, *op. cit.*, 2018a, p. 41-42, separação em itens e grifos nossos.

¹⁶¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. p. 22.

concreta em que se geram os “demitidos da vida”, os esfarrapados do mundo. Quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos. Quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram. Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, mas as que a negaram, negando também a sua. Quem inaugura a força não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram.¹⁶²

Será que se fosse alterado a denominação da profissão mudaria as condições de vida, as configurações e os motivos da segregação a esses trabalhadores?

Alguns acreditam que sim:

O reciclador ele é... porque assim oh, o Rio Grande do Sul, eu acho, talvez São Paulo também, sejam lugares assim que sejam mais marginalizados, né, que em vez de serem... Por exemplo, Belo Horizonte não é chamados de reciclador ou catador, que nem a gente não pode ser chamado de catador, a gente não cata na rua, a Codeca traz para nós, então a gente recicla material né, a gente é reciclador (B);

E em Belo Horizonte, são chamados, se não me falha a memória, de agentes ambientais, uma coisa assim, então já bem do Poder Público o próprio nome dado à profissão, que já te denigre um pouco, né? Daí te chamam de catador, tu anda catando? Não, né? Se tu é um agente ambiental, pô é bem melhor, a cidade já te vê de outra maneira, né? (B).

¹⁶² *Ibidem*, p. 23.

Lamentavelmente, cremos que a alteração do nome dessa ocupação não modificaria a estrutura social discriminatória. Assim como ontem, hoje “reproduzimos padrões de sociabilidade escravagistas, como exclusão social massiva, violência indiscriminada contra os pobres, chacinas contra pobres indefesos que são comemoradas pela população, etc.”¹⁶³

Por que seria diferente com os catadores e as catadoras?

Alguns dos interlocutores, particularmente os mais antigos na ocupação, registram ter havido expressivas alterações, para melhor, na relação com a sociedade:

Agora até tá um pouco melhor. Mas foi muito marginalizada, nossa! Até hoje ainda tem umas constantes (E1).

Melhorou. Pra nós melhorou um pouco né? Na rua, antigamente, era muito perseguido. Quando a gente catava na rua era muito perseguido.

Tem uma foto lá da rua que eu tava com os montes. [...] a Brigada não sei o que que era que atacava a gente. Multava caminhão. Bah! Antigamente, há muito tempo né. E agora graças a Deus melhorou! Agora não [...] (E2).

Mudou bastante. Agora eles aceitam mais, né? Mas nossa... antes!?! (G).

Mas, hoje eu vejo, que na sociedade não tem tanta discriminação, ainda tem um pouco de receio, mas a discriminação tá diminuindo cada vez mais (I).

¹⁶³ SOUZA, *op. cit.*, 2017, p. 115.

Estes avanços seriam suficientes, se relacionados aos benefícios sociais e ambientais provenientes do trabalho? Certamente, uma análise profunda do valor econômico e ambiental do trabalho dos(as) catadores(as) evidenciaria uma dívida gigantesca acumulada pela sociedade com estes trabalhadores.

Concordamos com (I), com muitos anos na profissão, que avalia que o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), via discussão, inserção, participação e organização social, nesse segmento, foi imprescindível no reconhecimento que há, hoje, em relação aos processos de reciclagem efetuados por estes trabalhadores:

Acho que ali [junto ao MNCR] começou agora a melhorar as coisas para as reciclagens. Não tanto em Caxias como no geral, né?

Hoje eu vejo que a sociedade ela tem ainda um pouco de receio com o pessoal que trabalha com reciclagem, sabe? Mas no começo era mais. Hoje tem mais gente que quer se envolver, quer saber como é o trabalho, tem curiosidade, né?

Vem muita gente do pessoal da universidade aqui querer fazer palestra, conhecer como é o processo.

Eu vejo mais o interesse hoje da população em querer conhecer o trabalho do que aquele certo receio que tinha antes sabe? Que era muito descriminalizada, trabalhar com o lixo sabe? (I).

Todavia, mesmo com todas as campanhas educativas, de órgãos públicos, trabalhadores da área como o MNCR, instituições de ensino, o que, com efeito, contribuiu com a minimização da discriminação sobre a

atividade exercida pelos trabalhadores aqui analisados, como expressa E1, ainda “tem umas constantes”, quer dizer, permanece.

Certamente, as campanhas educativas de órgãos públicos não têm sido suficientes para transformar a percepção que a sociedade tem desse trabalho e desses(as) trabalhadores(as).

Dentre as permanências, é relevante elaborar uma reflexão específica, a partir da fala de E2 sobre as perseguições sofridas, incluindo as cometidas pela Brigada Militar. Perseguições que, diante de sua fala, hoje, melhorou.

Acreditamos que tenha melhorado para muitos dos(as) entrevistados(as), especialmente porque agora eles fazem parte de uma entidade, estão mais organizados e são conhecidos.

Mas será que os outros, os que continuam catando na rua, sem infraestrutura alguma, não recebem perseguições como a relatada por (E2)?

O ponto de vista ao qual nos aliamos parte de análises que revelam ter havido – e continuar havendo – um trato às várias expressões das desigualdades sociais, como “caso de polícia”. Alguns estudiosos vão chamar a atenção para o que nomeiam criminalização da pobreza. Tal criminalização, repassada ideologicamente, criou uma cultura do medo que “está – e sempre esteve no Brasil – intimamente ligada e motivou, ainda, processos de

‘intervenção cirúrgica’ do espaço urbano”.¹⁶⁴ Se for “necessário” (ou não), tem autorização para o uso de violência (física e psicológica). Se o carrinho de um(a) catador(a) está “incomodando” (que pode ser apenas por estar sendo conduzido por alguém “marginalizado” e, afinal, era um carrinho de coleta de “lixo” e não uma BMW), ou se uma pessoa está mexendo na lixeira (mesmo que seja para comer, ou retirar resíduos para seu sustento), deve ser punida, chamando a polícia!

Na mesma linha de raciocínio está a visão de que devemos esconder a pobreza “embaixo do tapete”, ou talvez colocar em ação o provérbio “longe dos olhos, longe do coração”. Vários exemplos poderiam ser apresentados. Trazemos dois. Um quando dizemos que as favelas na entrada das cidades deveriam ser retiradas dali, porque espantam turistas ou porque “enfeiam a cidade”. Outro, sobre a requisição de que pessoas em situação de rua e mendigos sejam retirados dos espaços públicos: “É ruim para os turistas, por causa do mau-cheiro que eles têm”; “Prejudica a atividade econômica do turismo”. Ao invés de enfrentarmos as causas da pobreza, uma das expressões das desigualdades sociais, a escondemos, a “invisibilizamos”.

Sob este ângulo está o espaço urbano que “precisa ser, estar limpo”: limpo da pobreza; limpo de quem cata resíduos.

¹⁶⁴ OLIVEIRA, Laura Freitas de. Questão social e criminalização da pobreza: o senso comum penal no Brasil. **Revista Em Pauta**, Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1º Semestre de 2019 n. 43, v. 17, p. 112. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/download/42505/29820>. Acesso em: 19 nov. 2020.

Como criminalizamos a pobreza, para efetivar a limpeza “necessária”, chamamos a polícia. Práticas “legitimadas pela população (não soa com maior renda, mas também as populações pobres, principais alvos destas políticas), através de uma cultura do medo”.¹⁶⁵ *Se puderes ver, repara.*

As humilhações sofridas em sua multiplicidade de pequenas e grandes violências são permeadas de resistências. Uma delas é a do autorreconhecimento.

O depoente (K) contrapõe-se aqueles que dizem que “o pessoal da reciclagem não tem conhecimento nenhum, não sabe nada”:

Mas a gente tá sempre estudando, sempre vendo novas formas, novos meios, novas coisas pra justamente fazer isso daí! (K).

Esses diálogos nos fizeram lembrar um poema intitulado “Sabe você”, de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra. Este poema, em forma de música, relata aspectos sobre o conhecimento, que não é apenas aquele absorvido nos bancos escolares e nos livros. Contrariamente ao senso comum que falsamente elabora e pratica a divisão entre aqueles que fazem e aqueles que pensam, o poema nos diz que todos têm conhecimento: “Você é muito mais que eu sou/ Está bem mais rico do que eu estou”.¹⁶⁶

Tal frase simboliza as elucubrações que realizamos anteriormente, de que “alguns são merecedores” porque

¹⁶⁵ *Idem.*

¹⁶⁶ LYRA, Carlos; MIÚCHA. **Sabe você.** Composição de Carlos Lyra e Vinícius de Moraes. Álbum Vivendo Vinicius. São Paulo: BMG, 1999. Faixa 16.

sabem mais. Têm conhecimentos formalmente reconhecidos (ignorando os saberes da experiência), por isso, como afirmou (A1) – já mencionado em capítulo anterior *“Eles que estão dominando nós aqui, mas também estudaram pra isso”*.

Contrariamente a essa ideologia, pensamos que todos têm conhecimentos, diferentes: “Mas o que eu sei você não sabe”¹⁶⁷ e o que você sabe eu não sei. Há muitas informações sobre resíduos, sobre reciclagem que os(as) catadores(as) conhecem acima de qualquer técnico, por experiência, por manuseio. O conhecimento adquirido pelos(as) catadores(as) poderia resultar, se os agentes públicos já nomeados *“enxergassem, ouvissem e desejassem”* saber, em projetos, em alternativas à qualificação da vida dos protagonistas e da própria reciclagem.

[A sociedade acha] que as pessoas dentro da reciclagem são desligadas. Não. As pessoas tão bem ligadas, tão bem informadas, tão bem dispostas a fazer diferente, porque se não tiver cobrança, eles [poder público] não fazem nada (K).

Mas, acima de tudo, “eu sei, eu sei mais que você”.¹⁶⁸ Cabe destacar que o Ensino Superior, capaz de ler nas entrelinhas do conhecimento, possui uma responsabilidade maior em relação à identificação e socialização do conhecimento construído na experiência. A esse nível cabe desenvolver pesquisa como processo

¹⁶⁷ *Idem.*

¹⁶⁸ *Idem.*

social, com potência para gerar mudanças coletivas, e de recuperar a educação como diálogo, como oportunidade de reconhecimento de sujeitos que são agentes de uma história, construtores de saberes, cultura e valores.

*O que eles sabem a mais do que aqueles que são metade
indiferença, metade ruindade?*

Sabe você o que é o amor? Não sabe, eu sei
Sabe o que é um trovador? Não sabe, eu sei.
[...]
Sabe gostar, qual sabe nada, sabe, não
Você sabe o que é uma flor? Não sabe, eu sei.
Você já chorou de dor? Pois eu chorei.
Já chorei de mal de amor, já chorei de
compaixão.¹⁶⁹

No próximo capítulo, trataremos narrativas dos(as) participantes da pesquisa e inferências a essas que tratam sobre o amor ao outro, em forma de solidariedade, é sobre sonho, a esperança de equilibristas,¹⁷⁰ que pode nortear a vida de outra forma que não a “experienciada” nesses tempos sombrios, é sobre o credo de que

fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, homens e mulheres, virando seres na inserção do mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminam por ter no sonho também o motor da história. **Não há**

¹⁶⁹ *Idem.*

¹⁷⁰ Metáfora feita à música “O bêbado e o equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, 1979, a ser referenciada posteriormente.

mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança.¹⁷¹

Transformar sonho em esperança, e esperança em mudança exige o trabalho a partir de matizes. Uma destas é o próprio corpo e suas opções (indiferença, ruindade, engajamento, atenção,...); outra é a “palavra” que é capaz, quando sabiamente empregada, de fazer pensar, de mudar valores, consciência e hábitos; uma terceira o próprio trabalho, cujas condições devem ser sempre humanizadoras; e, ainda, o convívio, a interação, a troca de experiências com as quais cada pessoa se educa e constrói seu conhecimento.

Reconhecer que o(a) catador(a) é detentor de conhecimento e que este tem valor, talvez ajude a sociedade em geral a respeitar esse sujeito, a valorizar seu saber e a desenvolver atitudes que diminuam nossa condição humana de indiferença e ruindade. Esse modo de agir certamente tem potência para aumentar a esperança de equilibristas dos(as) catadores(as), conforme aprofundaremos no próximo capítulo.

¹⁷¹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012. p. 47, grifo nosso.

A esperança de equilibristas

Súmula: De certa forma, grande parte dos brasileiros são equilibristas que tentam: não desistir; correr atrás; melhorar; não se abater diante das agruras da vida – o que não é fácil, nem simples. Neste capítulo, as autoras intentam demonstrar, por meio da interpretação de diálogos dos(as) catadores(as), formas de resistência pela vida, diante das dificuldades que se apresentam no cotidiano, incluindo a indiferença dos que teriam dever ético de “olhar e ver” aqueles que estão em situação de vulnerabilidade. Os(as) interlocutores(as) da investigação apresentada mostram-se, muitas vezes, quase vencidos pela fadiga física e mental, por tantos fardos carregados, repetidamente, há anos, pela frustração imutável, pela destituição dos meios básicos de uma vida digna. Encontram-se cansados das precárias condições de trabalho, do retorno financeiro indigno, do preconceito que os marginaliza, que os agride, que os violenta. Mas, muitos são resistentes, através da capacidade de serem solidários uns com os outros, de “dividir o pão” e as dificuldades, em momentos em que as cargas se tornam ainda mais pesadas, para além do imaginável, como: em incêndios que transformaram sonhos em cinzas; na indecente partilha que não permite a compra de víveres básicos. Além disso, nestes tempos *do apagar da esperança*, de individualismo acerbado, temos que reconhecer: que todos fazem parte da mesma sociedade, com acertos e erros; que o outro é alguém que tem algo a ensinar, e com quem se pode contar – méritos de muitos dos entrevistados – deve ser enaltecido.

A esperança
Dança na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha
Pode se machucar
Azar
A esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista
Tem que continuar¹⁷²

Como a vida segue, é preciso “não ter medo, que este tempo vai passar. Não se desespere, nem pare de sonhar. [...] Fé na vida, fé no homem, fé no que virá”.¹⁷³ É o que faz a maioria dos entrevistados, com *esperança de equilibristas*.

A *esperança equilibristas* advinda de música composta por João Bosco e Aldir Blanc é prática diária dos sujeitos desta pesquisa. Experiência que resulta em desconfiar das promessas dos agentes públicos (concurados, em mandato, em cargos de confiança) e os representantes do Legislativo, Judiciário e do Ministério Público. Experiência de desigualdade, de isolamento social, de descrédito duradouro em suas possibilidades, como seres criativos, cuja maior criatividade é continuar sobrevivendo. Por isso, sabem que ela – a tal esperança – *dança na corda bamba de sombrinha e, em cada passo dessa linha, pode se machucar*. Identicamente, acreditam: “Ah meu Deus! Eu sei, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será”.¹⁷⁴

¹⁷² REGINA, Elis. **O bêbado e o equilibrista**. Composição de João Bosco e Aldir Blanc. Álbum *Essa Mulher*. São Paulo: WEA Records, 1979. Faixa 2.

¹⁷³ GONZAGUINHA, Luiz Gonzaga Júnior. **Nunca pare de sonhar**. Álbum *Grávido*. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1984. Faixa 9.

¹⁷⁴ GONZAGUINHA, Luiz Gonzaga Júnior. **O que é, o que é?** Álbum *Caminhos do Coração*. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil, 1982, faixa 1.

Esperança que tem sido saqueada do povo brasileiro, contudo, nós e os *artistas* catadores(as), em seus *shows* habituais pela subsistência, possivelmente, mesmo sem terem lido Frei Betto, concordam com ele: “Você, como eu, é vítima de promessas que se transformaram em ilusões que desembocaram em frustrações. Nem por isso admito que me roubem a esperança”.¹⁷⁵ Conseqüentemente, como veremos em afirmações a seguir, **não desistem; correm atrás, tentam melhorar; tentam não se abater.**

Os(as) catadores(as), participantes da pesquisa, têm uma multiplicidade de sonhos e de anseios e, como vimos em vários momentos nos capítulos anteriores, leituras de realidade, opiniões. Alguns dos sonhos já foram explicitados, mesmo que não com essa nomenclatura. Aqui selecionamos falas que tratam, de forma mais especificada desses elementos.

Na ambivalência da vida, do credo e do descrédito, da desilusão e da desesperança – de alguma forma já apresentadas –, a solidariedade aparece em muitas das conversas, como fundamental nas relações. Solidariedade que, de várias maneiras, contém, na nossa opinião, traços de esperança: “Não importa que nem sempre audaz, [...] no corpo de cada uma e de cada um de nós”.¹⁷⁶

Há, igualmente, descrições sobre a relevância do valor do ser humano, do reconhecimento do outro, da identificação de pequenas conquistas, da necessidade da esperança, da fé e do exercício cristão, abarrotadas de

¹⁷⁵ BETTO, *op. cit.*, 2017b, s/p.

¹⁷⁶ FREIRE, *op. cit.*, 2012, p. 5.

desejos. A isso denominamos *esperança de equilibristas*. Uma vez que, mesmo com “uma dor assim pungente. Não há de ser inutilmente”.¹⁷⁷

Então é que nem eu disse: só promessas [do poder público municipal], mas nós não desistimos (A1).

[A realidade brasileira] tá ruim. A gente não tem perspectiva nenhuma, assim de... Jamais pode passar pela tua cabeça: não, vamos ver tal coisa, que fulano vai ajudar. Não, isso tem que esquecer, tem que correr atrás, tentar melhorar o material, quantidade e coisa. Não pode esperar nada não (B).

A gente tá aqui firme e forte porque a gente é teimoso mesmo. Sabe, eu vou fortalecer bem meu grupo e não vou desistir. Tô aí há 14/13 anos na Associação e não vou desistir, não desisti em 2009 que teve aquela crise, não vai ser nessa que eu vou me abater, não vai não (I).

Utilizamos Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda para sintetizar as narrativas apontadas: “Mesmo com o nada feito, com a casa escura, com um nó no peito, com a cara dura. Não tem mais jeito, a gente não tem cura. Mesmo [...] com todo dia, com todo ia, todo não ia. A gente vai levando, a gente vai levando, a gente vai levando”¹⁷⁸ – *porque a gente é teimoso*. Ou, talvez (I),

¹⁷⁷ REGINA, *op. cit.*, 1979.

¹⁷⁸ BUARQUE, Chico; BETHÂNIA, Maria. **Vai levando**. Composição de Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda. Álbum Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo. São Paulo: Philips Records, 1975. Faixa 17.

pudesse concordar com Paulo Freire: “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico”.¹⁷⁹

O imperativo existencial e histórico de continuar tendo esperança talvez possa, para vários dos(as) entrevistados(as), estar, ainda, baseado em certa ingenuidade, em determinada magia, advinda de um poder individual de alguém, que possa transformar o que está posto. Não é nisso que acreditamos.

Acreditamos em lutas efetuadas por coletivos de pessoas; que “sonhar não é apenas um ato político necessário [...]. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se”;¹⁸⁰ que pesquisadores e docentes têm entre suas tarefas a de “desvelar as possibilidades, não importa os obstáculos, para a esperança”;¹⁸¹ que mesmo que lutemos por uma sociedade mais justa e igualitária “enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo”.¹⁸²

Destarte, apesar de a esperança alimentar o corpo e a mente, que impede de nos entregarmos, o vivenciado não terminará apenas com pensamento positivo. O que os(as) catadores(as) passaram e passam não é fácil nem deve ser esquecido.

¹⁷⁹ FREIRE, *op. cit.*, 2012, p. 5.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 47.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 11

¹⁸² *Idem*.

[...] eu uma vez me sentia mais fortalecida, mas acho que com o tempo, assim, a gente vai calejando um pouco, né? (I).

Há males incuráveis pelo cansaço físico e mental extenuante, pela frustração imutável, pela destituição dos meios básicos de uma vida digna. São fardos carregados há tantos anos e repetidamente, amiúde, como herança (“genética”) social de avó, pai, filho. Razão que justifica que se vá *calejando um pouco*.

Eu vejo que até eu, antigamente, era uma pessoa que lutava por todos, hoje eu já não vejo assim que eu não faria mais isso. Não tem quem aguente, [...], ninguém aguenta (F).

O tempo na atividade, em seus ciclos de 365 dias, tem períodos melhores, tantos outros, piores. Por esse motivo, *não tem quem aguente. Ninguém aguenta*. Logo, vivemos na *corda bamba equilibrista*: a desesperança é algo concreto, real, advindo das experiências de vida; mas, como ela nos imobiliza, nos atrofia, nos mata; precisamos, no seu contraponto, da esperança, senão para nós, para gerações futuras.

Por isso, os protagonistas deste livro, conjugadamente, no *apagar da esperança*, sonham, têm expectativas de dias melhores, senão para si para os filhos e netos. É como se manifesta:

Mas nada da gente perder as esperanças, mas a gente vai calejando um pouco, vai cansando um ombro, o outro vai ajeitando (I).

Em suma: no *ajeite e desajeite de ombros*, de pernas, de braços, de corpo e de mente, essas mairias e esses joões – apesar da amplitude da contribuição para a natureza e para os humanos –, desfrutam, concretamente, de precárias condições de trabalho, sobrevivem com retorno financeiro indigno. São vítimas de preconceito que os marginaliza, que os agride, que os violenta. Isso que *aprenderam a viver*.

Imaginamos que uma das escoras desses obreiros é a *fé na vida, fé no homem, fé no que virá*, através da religiosidade, entre outras. Se não for para si, quiçá, para filhos ou netos. *Não param de sonhar, de lutar*.

Isso nos revigora, nos acalenta, nos inculca expectativas de dias melhores. Pois, como indicamos, no término do capítulo 3, em referência a Paulo Freire (2012), as mudanças necessárias não ocorrem *sem sonho, como não há sonho sem esperança*.

Fé na vida, fé no que virá

Vivemos em tempos de “imobilidade, apatia, indiferença”;¹⁸³ *gente cortada*; “cultura da desesperança”, que nos induz a ficar ilhados em nossos confortos, medos ou inseguranças”;¹⁸⁴ impedimento de saber o que “propor ou buscar”,¹⁸⁵ pois temos experienciado longos períodos de desproteção social, de desconforto emocional, de *apagar da esperança*. Nesta safra de “vacas magras”,

¹⁸³ BETTO, *op. cit.*, 2017b, s/p.

¹⁸⁴ *Idem*.

¹⁸⁵ *Idem* acréscimos nossos.

tudo é pensado em função da acumulação do capital, e a preservação da natureza é considerada entrave ao progresso.

O que isso tem a ver com a espiritualidade?

Ela é a essência de nossa subjetividade, altar no qual erigimos e adoramos os nossos deuses.

Não há ninguém desprovido de espiritualidade.

Há, sim, quem a nutre em fontes altruístas, como Buda, Moisés, Jesus ou Maomé, e quem elege o interesse egocêntrico como bem supremo.

Nossas opções dependem de nossa espiritualidade.¹⁸⁶

Acreditamos que o “espiritual e o material não estão dissociados”,¹⁸⁷ por isso, ambos, agrupam a essência da subjetividade – conduzida pela espiritualidade. A espiritualidade da maioria dos(as) catadores(as) entrevistados(as) é *nutrida de fontes altruístas*. Essenciais nesses dias de deslucidez, essa “apneia infinita/ Onde se vislumbra a imensidão/ Do mundo. É um suspiro profundo/ É um baralho de tormentos/ É um turbilhão de sentimentos/ Outrora amachucados e esquecidos”.¹⁸⁸

Nesse *suspiro profundo*, nesse *turbilhão de sentimentos*, cotidianamente *amachucados e esquecidos* transitam os sujeitos desta pesquisa, com *fé na vida, fé no que virá*.

Então eu tenho minha casa em cima, meu terreiro embaixo – sou umbandista roxa – e minha associação é aqui.

¹⁸⁶ *Idem*, grifo nosso.

¹⁸⁷ BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel**: o menino fula. São Paulo: Casa das Áfricas/Palas Athena. São Paulo, 2013. p. 169.

¹⁸⁸ AMARAL, Marta. **Da deslucidez**. 8.º E – ES Miraflores, 2013. Disponível em: <http://www.aemiraflores.edu.pt/joomla2/index.php/es-de-miraflores/114-faca-la-um-poema>. Acesso em: 12 set. 2020.

O papel do médium é evoluir e trazer a evolução, não é ficar errando, tu tem que evoluir.

Claro, a gente é humano, a gente erra né? Mas a gente tem que cuidar para que esse tipo de coisa não aconteça.

Tu tem que evoluir. Não concorda comigo? (J).

Então, pensando que eu já venho, na verdade assim, de um conhecimento não religioso, mas cristão né!? Pensando no conjunto né!?, Não só em mim (D).

Eu me vejo como alguém que ajuda né!? Até vou citar um caso que teve aqui: o rapaz veio aí, chorou, né!, disse que não tinha nem o que comer em casa e tal. A gente, mesmo não tendo vaga, procurei dar oportunidade, para ajustar em algum lugar (D).

Essas declarações exprimem consciência das dificuldades do viver, por fatalidade, porque são humanos e erram, mas que se deve, permanentemente, realizar autovigilância, para que os erros *não aconteçam*. Perpassam, igualmente a identificação da importante contribuição do outro nos aprendizados cotidianos e de si que ajudam a *evoluir*, e como auxílio para alguém que *não tinha nem o que comer*. O apego à fé cristã aparece na fala dos dois protagonistas citados, como enfoque de orientação moral, no sentido de *pensar no conjunto, não só em mim*. Um com prática religiosa, o outro não.

O auxílio a alguém, a solidariedade diante de uma tristeza diária e outras ainda maiores são aspectos indispensáveis de serem retratados. “Tristeza, por favor, vai embora. A minha alma que chora [...]. Fez do meu

coração a sua moradia. Já é demais o meu penar. Quero voltar àquela vida de alegria.”¹⁸⁹

[Em um incêndio] nós já perdemos tudo, só escapou o caminhão, porque estava do outro lado. Pensa um homem chorando uma semana, era eu. Nós tava construindo na época, nós tinha uma chacinha aí eu construí lá na chacinha uma casinha boa, valorizei bem ela; na época que tava entrando dinheiro, eu fui construindo lá, cheio de dívida, saía de um empréstimo para outro. E daí eu por mim eu pensava neles [os outros catadores] também: como vão trabalhar? Porque eles vivem disso. E, na época, lá nós ganhava dinheiro, e daí todo mundo parado, pra mim eu envelheci uns cinco ou seis anos numa semana. Foi um baque, mas graças a Deus... Deus dando saúde para gente (A1).

Dificuldade foi quando queimou lá no meu irmão, que bá. Nós ficamos bem abalados que queimou tudo, tudo, tudo. Não sobrou nada assim. Nossa! Sofri junto com ele, assim, de chorar. E aqui, agora que queimou aqui, nossa! Eu chorei tanto, me descabelava ali fora de tanto chorar, de vê assim queimando e a gente não poder fazer nada. Meu Deus! Entrei em desespero, achei que nós ia ficar sem nada. Aí graças a Deus, numa semana a gente - todo mundo - com a ajuda de um, de outro, começamo... daí o (K) correu atrás de uma ajuda, de outra e o cara lá que nos leva material também ajudou, a

¹⁸⁹ CARVALHO, Beth. **Tristeza**. Composição de Niltinho e Haroldo Lobo. Álbum Beth Carvalho ao vivo em Montreux. São Paulo: Sony Music Entertainment, 1987. Faixa 9.

gente foi correndo atrás de uma coisa e outra, graças a Deus tá ali de novo.
Mas acho que foi as duas... no meu serviço, foi a pior, foi na história do serviço, foi quando queimou lá e quando queimou aqui.
Foi muito terrível. Achei que nós ia ficar sem ter emprego. Mas graças a Deus, tá aí (H).

Diferentemente da lógica dominante da banalização do humano, aqueles tratados como *subgente* sofrem, física e emocionalmente como todos aqueles que não perderam a humanidade. O fato de viverem, quase sempre, em situação-limite de sofrimento, de aflição, de prejuízos imanentes à saúde, do ter e do não ter, não perderam a capacidade de sofrer, de chorar, de se preocupar com o outro:

[...] amigo de fé, meu irmão camarada
Amigo de tantos caminhos e tantas jornadas
Aquele que está do meu lado em qualquer caminhada
Me lembro de todas as lutas, meu bom companheiro
Você tantas vezes provou que é um grande guerreiro
O seu coração é uma casa de portas abertas
Amigo você é o mais certo das horas incertas.¹⁹⁰

A verbalização de (A1) sobre ter chorado e envelhecido uma semana e de H, sobre ter sofrido *junto com ele, assim, de chorar*, ter se “*descabelado ali fora de tanto chorar*”, revela o caráter do sentimento acerca das grandes perdas ocorridas – *queimou tudo, tudo, tudo. Não sobrou*

¹⁹⁰ CARLOS, Roberto. **Amigo**. Composição de Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Álbum Amigo. São Paulo: CBS, 1977, faixa 1.

nada assim: de um espaço físico de trabalho; de uma fonte de renda que tinha permitido adquirir uma *chacrinha*, mesmo com muitas *dívidas e empréstimos*. Revela, da mesma maneira, a preocupação, o medo para com os demais trabalhadores, que poderiam ficar, durante um tempo, sem trabalho: *Como vão trabalhar, por que eles vivem disso?*

“Subgente” também chora:

Também deseja colo
Palavras amenas
Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de um abraço
Da própria candura
Guerreiros(as) são pessoas
São fortes, são frágeis
Guerreiros(as) são meninos e meninas
No fundo do peito
Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sono
Que os torne refeitos.¹⁹¹

Há, no padecimento expresso, uma afetividade que “engloba o sentimento e a emoção”¹⁹² que, nestes tempos de escuridão econômica, política, social e sanitária, “não [...] [eliminam] o sucedâneo da estrela nas mãos. Certas partes de nós como brilham!”¹⁹³

¹⁹¹ GONZAGUINHA, Luiz Gonzaga Júnior. **Um homem também chora**. Álbum Alô, alô Brasil. Rio de Janeiro: Universal Music International Ltda., 1983. Faixa 5.

¹⁹² SAWAIA, 2000 *apud* MIÚRA; SAWAIA, *op. cit.*, p. 333.

¹⁹³ ANDRADE, *op. cit.*, acréscimos nossos, 2000, p. 29.

O brilho aparece, ainda, nas manifestações sobre o aprendizado da vida, em sua relação com outras pessoas:

Então a vida ensina muita coisa.

Às vezes, as coisas terríveis acontecem para que tu possa conhecer pessoas maravilhosas. Então tu acaba conhecendo uma contadora aqui, uma pessoa do Detran lá, um guarda de trânsito aqui, que vai te ajudando, assim tu vai aprendendo diversas coisas e vai se adequando com aquilo ali e, daí, consegue fazer certo, não precisa errar de novo (J).

O (CRJ3) e a (CRJ4), no primeiro mês que trabalharam com nós, a gente fez assim: a gente tirou pro aluguel, gasolina, porque a gente catava, e pagou o referente ao salário deles mensal e não sobrou nada para a gente.

Daí eles foram lá e compraram uma cesta básica para nós.

Por um bom tempo eles me ajudaram bastante, porque hoje o (CRJ3) coitadinho, se ele for fazer um fardo ele demora um dia inteiro, meio a pau e corda.

Então eu tenho muito essa paciência com ele, porque no momento em que eu mais precisei ele me ajudou (J).

Eu me vejo como alguém que tá vendo a necessidade do próximo, vamos dizer assim: não só aqui dentro, né!? A sociedade envolve até mesmo onde eu moro, até mesmo aqui o bairro também.

Se eu puder estender a mão na medida do possível, vamos ajudar, até porque eu tenho dependentes da minha família, usuários de *crack*, inclusive alguns já morreram por causa disso.

Eu me vejo assim como uma “mão na roda” para a sociedade, então eu sou mais um que vai somar; não vou, de forma alguma, diminuir nada. Essa é minha visão (D).

O reconhecimento do outro como influenciador do torna-se melhor, de modo igual à concepção de ir além do agir individual, pensando apenas em si, são enunciados positivos, contrários a que pessoas devam ser objeto a ser usado, manipulado e descartável; sejam invisíveis e opacos aos nossos olhos.¹⁹⁴

Aqui podemos repetir a ideia de Saramago (2020), indicada no capítulo 3: (J) *olha, vê, repara* (J). Agradece. Inspire-se.

Neste mundo que “promoveu uma existência vazia e inautêntica, produzindo um mundo destituído de mundo e também um homem desumano, perdido no mundo e no esquecimento de si mesmo, um desterrado”,¹⁹⁵ visualizar alguém além de si, como parte das relações de aprendizado, de sobrevivência, de compaixão, de solidariedade, contraria a racionalidade individualista e de perda do sentido de humanidade.

Isso renova a esperança de que nem tudo está perdido. Talvez parcelas dos humanos “tenham jeito”, pois o sentido de humanidade pressupõe, em interpretação a

¹⁹⁴ SOUZA, *op. cit.*, 2015.

¹⁹⁵ SILVA, Patrícia Costa e. A impessoalidade do individualismo sob o domínio da racionalidade técnica. **Dialogando: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Teologia**, Quixadá, v. 3, n. 5, jan./jun. 2018, p. 99. Disponível em: https://www.revistadiologando.com.br/images/5/A_impessoalidade_do_individualismo_sob_o_dominio_da_racionalidade_tecnica_p.97-118.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

Patrícia Costa e Silva (2018), identificar: algo maior do que o próprio eu; que não negligencia o outro; que não se volta apenas para si mesmo, para seu próprio “umbigo”: *se eu puder estender a mão na medida do possível, vamos ajudar*. Princípio básico da vida no coletivo, diverso do repetido atualmente que “cada um cuide apenas de sua vida”, de “cada um por si”. Entendemos que só construímos uma sociedade conjugadamente a outrem: “Ninguém chega à parte alguma só [...]”:¹⁹⁶ *eu sou mais um que vai somar, não vou, de forma alguma, diminuir nada*.

Por isso, qualquer objeção ao isolamento atomizado, que processa efetivamente a separação de si com o mundo; que faz perder a referência ao coletivo, dificultando sua emancipação,¹⁹⁷ é muito bem-vinda.

Apesar de grande número de pessoas concordarem com a expressão em voga, de que “quanto mais conhecem o ser humano mais gostam dos animais”, nós discordamos. Emitimos, no capítulo 3, a partir de uma frase de Saramago (2020), que cremos que apesar de um expressivo número de pessoas serem indiferentes e outras tantas recheadas de ruindade, na mesma proporção, há os que resistem, os que não perderam a capacidade de se indignar, de se solidarizar com o outro, de se contrapor, de lutar contra a barbárie e suas formas de opressão e violência contra a vida. As palavras transcritas de (J e D) comprovam nossos credos.

Por meio dessas três transcrições, podemos perceber a solidariedade em mão dupla: quando J reparte a renda obtida entre os demais trabalhadores, *mesmo que não*

¹⁹⁶ FREIRE, *op. cit.*, 2012, p. 16.

¹⁹⁷ SILVA, *op. cit.*, 2018, p. 103.

sobrasse nada para ela; quando (CRJ3) e a companheira *compram a cesta básica*, dividindo a sua penúria; quando J reconhece o grande valor da ajuda recebida na cesta básica e em atividades laborais e não joga fora, descarta o sujeito porque ele se tornou menos produtivo; quando (D) identifica que todos temos telhados de vidro.

Citamos, no final do capítulo 3, que “*não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança*”,¹⁹⁸ sonhos, que apesar da usurpação cotidiana, na dureza da realidade suportada, *são motor da História*.

O direito de sonhar cotidianamente usurpado

Em 1948 e em 1976 as Nações Unidas proclamaram extensas listas de direitos humanos, mas a imensa maioria da humanidade só tem o direito de ver, ouvir e calar.

Que tal começarmos a exercer o jamais proclamado direito de sonhar? Que tal delirarmos um pouquinho? Vamos fixar o olhar num ponto além da infâmia, para adivinhar outro mundo possível.¹⁹⁹

Os sonhos dos sujeitos da pesquisa – pedacinhos de esperança –, quase todos vinculados ao que deveriam ter por direito de cidadania, mas, isso, se não fossem vistos e tratados como subgentes. Proclamamos os sonhos dos(as) catadores(as) como direitos: “Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar”.²⁰⁰

¹⁹⁸ FREIRE, *op. cit.*, 2012, p. 47.

¹⁹⁹ GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 2009. p. 45.

²⁰⁰ FREIRE, *op. cit.*, 2019, p. 53.

Os sonhos, a esperança de futuro, de uma vida melhor são imprescindíveis “à alegria de ser e de viver”.²⁰¹ Eles alimentam a mente, aquecem o corpo, porque “imaginar horizontes de possibilidades; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade”.²⁰²

Eu quero fazer uma faculdade. Eu gostaria de fazer. Não faço pelo meu financeiro, mas, eu adoraria fazer uma faculdade, ter uma coisa... uma administração, gestão de cooperativas, né, de repente coisa ambiental, uma coisa dentro da minha área.

Uma coisa que me ajudaria, ajudaria aqui, eu ajudaria.

Já pensou eu numa engenharia ambiental, eu ia conseguir ajudar os outros recicladores e, às vezes, assim, uma associação que não consegue lá dentro porque algum projeto... (E1).

Porque eu trabalho na reciclagem, mas eu queria muito ser Assistente Social. Daí, olha, como eu gosto de falar bastante, né, assistente social ia ser um caminho bom, né? (I).

Como é perceptível, “são muitos os ventos da esperança”,²⁰³ com desejos ligados à educação formal que,

²⁰¹ FREITAS, Ana Lúcia Souza. **Pedagogia da conscientização**: um legado de Paulo Freire à formação de professores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 127.

²⁰² FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. p. 30.

²⁰³ MURRAY Roseana. Poemas. *In*: MURRAY Roseana (Poemas). **MATIZES DUMONT** (Bordados). Nas entrelinhas. Residência no ar

como mencionamos, deveriam ser garantidos como direito inalienável de qualquer ser humano.

A fala de (E1) representa, diante do que estamos defendendo, não apenas outra esfera de ascensão social, de melhoria de vida individual, mas, do mesmo modo, uma perspectiva de contribuição às atividades coletivas dos trabalhadores da coleta e seleção de materiais recicláveis: “Eu ajudaria. Já pensou eu numa engenharia ambiental, eu ia *conseguir* ajudar os outros recicladores” (E1).

Sonhos, às vezes, se tornam realidade, mesmo que adaptados. F cursava na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

[...] Ciências Contábeis. Parei porque nasceu meu neto e aí eu tive que parar, mas meu sonho era esse. Era vestir aquela roupa e ir numa faculdade, assim, para mim entender o que que era aquilo que eu escutava desde quando era pequena, e que tive que parar de estudar para trabalhar e não sabia o que era. O que que é isso, que bicho é esse? (F)

A adaptação, diante da impossibilidade de fazer um curso superior (vinculada a várias circunstâncias: financeiras; de ajuda familiar à filha e ao neto; e, com grande probabilidade de tempo e condições físicas, considerando a estafa gerada pela modalidade de atividade ocupacional desenvolvida), se deu na “opção” por um

– edições digitais 2020, p. 19. Disponível em: <http://roseanamurray.com/site/wp-content/uploads/2020/10/NAS-ENTRELINHAS-roseana-murray.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

curso técnico de Ensino Médio. F considera “a minha maior conquista”, um sonho

que eu tive, que eu achei que nunca ia realizar e trabalhando aqui eu consegui, foi voltar a estudar e me formar. Eu me formei em 2008. Eu fiz Ciências Contábeis. Eu sou técnica em contabilidade (F).

Eu fiz foi em função daqui. A gente não tinha ninguém naquela época, né: gente dependia sempre de alguém vir dizer é assim. Agora não. (F).

Ressaltamos a importância da educação para o sujeito e sua autoestima, especialmente para quem parou, por necessidade de sobrevivência, de estudar, quando era jovem.

Os sonhos e as esperanças com os filhos, com ênfase da educação formal são mais abrangentes:

O que eu quero para os meus filhos é que eles estudem. Infelizmente, a mais velha já casou, seguiu com a vida dela (B).

Então que que eu peço?

Eu digo pra minha filha, ela tem um filho, hoje, de dois anos.

Que que eu digo: ele vai crescer, daqui a pouco, o que que tu pode fazer? Tu vai prestar um Vestibular, fazer uma faculdade. Ah, vai ser difícil, vai ser difícil, tanto no financeiro, mas a gente vai ajudar, é o que a gente disse pra ela. Mesma coisa pro meu filho, que que eu quero, pergunta lá pra criança, o que que tu quer ser? Quero ser policial, quero ser bombeiro, que todos meninos querem. Vai ver o que o meu quer ser, né!?

Então, assim, que que eu digo, claro que... a gente sabe... claro, com muito esforço, muito esforço,

médica não vou conseguir ajudar [...]. Mas assim, sei lá, eu projeto uma vida bem melhor, bem melhor para meus filhos. Digo isso para minha filha (E1).

Eu projeto pros meus filhos. Minha filha não é muito ambiciosa, ela já é mais descansada. Tenho que tá sempre cutucando. Eu digo pra ela claro! Tem agora o nenê que agora é pequeno, mas daqui a pouco ela já tá grande, eu digo tu tem que se focar em alguma coisa, tenta buscar alguma coisa. Não aquela coisa parada não. Eu peço e espero isso. Tô sempre cutucando até mesmo o E2, diz pra ela que não queremos isso pra eles (E1).

Então eu quero que o meu filho estude. Eu disse para ele: vou trabalhar dia e noite, filho, que a mãe quer que tu estude. Através do estudo terminar o Ensino Médio. Ah, mãe! Eu quero ser tal coisa. A mãe vai tá do teu lado (I).

Quero que ele [filho], cresça, seja um pai de família, né!? Constitua a família dele, seja um homem de bem, sabe. E quem sabe até lá, um pouco mais para frente, as situações da política sejam melhor resolvidas, tudo os problemas sejam melhores resolvidos. Quero que ele seja um... tenha uma profissão e siga a profissão dele (I).

O [marido] já disse que queria muito voltar a estudar, mas ele já tem o Ensino Fundamental. Pode prestar Vestibular, tem ainda quarenta anos. Eu apoio ele, digo vai lá e faz, acho que às vezes ele fica com preguiça, daí ele teria que fazer todo o médio, porque ele só fez o Fundamental (J).

A educação quer formal, quer informal, é um elemento fundamental para “fecundar o chão”, ou seja, para ampliar a possibilidade de ver e perceber o mundo, seus problemas e suas formas de enfrentamento. A educação formal, pretensamente dita como direito fundamental de cada brasileiro, assim não o é para todos: “Quero que ele seja um... tenha uma profissão e siga a profissão dele” (I). Nesta fala, o(a) catador(a) que precisou renunciar ao sonho de se formar, deseja um caminho inverso para seus filhos e netos: “Mas, assim, sei lá, eu projeto uma vida bem melhor, bem melhor para meus filhos”. Nessa última, há um nítido reconhecimento de que a educação é uma condição para a ascensão social; um caminho capaz de contribuir com a construção de saberes específicos e habilidades práticas, que permitem a cada um ser “alguém na vida”.

Mesmo que a igualdade de oportunidades possa ter muitas métricas, estudos apontam que há relação entre escolaridade e renda dos pais e escolaridade e renda dos filhos, ou anos de estudo e renda. Coincidência? Não, probabilidade. E o(a) catador(a), ao viver o cotidiano, reconhece, claramente, esta relação, a ponto de desejarem – ardentemente –, que seus filhos e netos consigam, mesmo com muito esforço, estudar.

Isso é uma verdade no Brasil e no mundo:

A dimensão educativa tem efeitos importantes na mobilidade social, nas inserções profissionais e na distribuição dos recursos. Escolaridades mais elevadas conduzem a maiores oportunidades médias de acesso a profissões mais qualificadas e a

rendimentos também mais elevados. Essa é uma tônica visível em todos os países europeus. A possibilidade de conseguir qualificações médias ou superiores está longe de ser generalizada, designadamente em países marcados por estruturas sociais muito “inigualitárias” e por fortes atrasos educativos [...]. No entanto, isso não significa que a educação não seja relevante, nomeadamente para os indivíduos provenientes de meios sociais desfavorecidos. Pelo contrário, o empoderamento social que a educação proporciona e as oportunidades de mobilidade social ascendente que ela abre sugerem vivamente a importância de políticas continuadas de alargamento da escolaridade, proporcionando oportunidades de qualificação média e superior à generalidade da população.²⁰⁴

Nesse contexto, a educação fecunda sonhos e acende a esperança de futuro melhor e digno. Queremos deixar claro o porquê do nosso realce, na importância dos sonhos e da esperança.

Como assinalamos nas primeiras páginas deste capítulo, em adesão às apreciações de Frei Betto, apesar das *frustrações não admito que me roubem a esperança*. Em sequência, o mesmo autor exprime, da forma que não poderíamos dizer melhor, o que segue:

²⁰⁴ MARTINS, *et al.* A educação ainda é importante para a mobilidade social? Uma perspectiva das desigualdades educacionais da Europa do sul no contexto europeu. **Revista Portuguesa de Educação**, 2016, v. 29, n. 2, p. 268. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/7920/7521>. Acesso em: 11 jan. 2021.

O segredo? Simples. Não me prendo ao aqui e agora.

Olho as contradições do passado, marcado por retrocessos e avanços. Quantas batalhas perdidas resultaram em guerras vitoriosas?

E quantos imperadores, senhores da vida e da morte, dos Césares a Átila, o huno; de Napoleão a Hitler; acabaram enxovalhados pela história?

Encaro o futuro em longo prazo.

Sei que não participarei da colheita, mas faço questão de morrer semente.²⁰⁵

Confirmamos que “nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia”²⁰⁶ uma vez que “tudo passa, tudo sempre passará”. Acreditamos que

A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo no mundo.²⁰⁷

Mesmo que não estejamos vivos para ver as transformações indispensáveis à vida no Planeta Terra, reiteramos que *fazemos questão de morrer semente*.

²⁰⁵ BETTO, Frei. Roubaram a esperança? **Gente de Opinião**, 20 ago. 2017a, s/p., separação em itens nossa. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/frei-betto/roubaram-a-esperanca-frei-betto>. Acesso em: 29 mar. 2020.

²⁰⁶ SANTOS, Lulu. **Como uma onda**. Composição de Lulu Santos e Nelson Motta. Álbum o Ritmo do momento. São Paulo: WEA Records1983. Faixa 4.

²⁰⁷ *Idem*.

Dar voz a quem, apesar do pesares, das dores, das vulnerabilidades, da desproteção e do descaso social, ainda sonha e acredita (mesmo que em vários momentos desacreditando: *Não pode esperar nada não; não tem quem aguento*) em um futuro – *têm fé na vida*, mesmo que duvidem, com razão, de vários homens e mulheres que lhes *jogaram e jogam pedras que são metade indiferença, metade ruindade* – é um modo de plantar *sementes*.

Que nem isso que eu te falei, sempre fica nessas aí, a gente tem esperança, é brasileiro né!? Tem esperança. Bah! Vai entrar fulano, agora vamos ver se vai mudar, não muda, sempre a mesma coisa (A1).

Sabemos “que o futuro será o que fizermos no presente. Não [esperamos] milagres”.²⁰⁸

Não negamos que nesses *tempos rudes, de lutas e pedras*, consoante ao assinalado nos capítulos 2 e 3, não são propícios à esperança.

Vivemos um tempo de concessões, de silêncio, de preferência por ajustes, adequações, reformas. Um tempo com os pés num “cruzamento de sombras”, que vêm do passado e do futuro [...]. Não temos certeza se já fomos ou se ainda seremos. E o que seremos.²⁰⁹

²⁰⁸ BETTO, *op. cit.*, 2017a, s/p., acréscimos nossos.

²⁰⁹ SOUSA, Cidoval Morais de. Utopia ainda que tardia. In: SOUSA, Cidoval Morais de (org.). **Um convite à utopia** [Livro eletrônico]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, p. 15-16. Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Um-Convite-a-Utopia.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

Nesse longo e tenebroso período em que mandam e desmandam no mundo, os denominados mercados da riqueza, a ideologia dominante tem vendido, com sucesso, a ideia de que a felicidade está no ter, em que a mercadoria é o deus supremo.

Tornamo-nos aquilo que conseguimos materialmente, que consumimos. Nesta sociedade “ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável”.²¹⁰ Alia-se a “exigência” permanente de nos tornarmos mercadoria e deixarmos de ser sujeitos autônomos, solidários, esperançosos, com sonhos à desproteção estatal, parte inerente dos *mercados da riqueza*, dos donos do grande capital.

A classe dominante, os donos do grande capital, conforme citamos no capítulo 3, por meio do Estado, *monta um aparelho de coerção e de repressão social, que lhe permite exercer o poder sobre toda a sociedade, fazendo-a submeter-se às regras políticas.*

Os sonhos emudecem, atrofiam-se, não têm espaço de ocorrerem.

Ninguém aguenta? Como continuar aguentando?

Como confiar? Em quem confiar?

Como não afundar?

²¹⁰ BAUMAN, Zygmunt, **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 20.

Eu acho assim que tá muita baderna, né, meu Deus! Infelizmente, não sei se tem, dentro de quinhentos que tem lá, cinco que são sérios, né?! E o problema desses cinco que são sérios é que eles sozinhos não conseguem, né!? Porque daí os quatrocentos e poucos vão lá e estragam.

Tá falando de Brasil, mas vamos falar do nosso mundinho aqui em Caxias, de pessoas que tentam ajudar um reciclador dentro até da própria Secretaria e que, infelizmente, é tirado de lado porque... claro que tem a tal hierarquia.

Nesse Brasil que tá agora, desde que aconteceu essas situações aí, de muita corrupção e infelizmente aqui [em Caxias do Sul] também tá igual né!? É difícil porque olha a situação que tá o Brasil pelo desemprego (E1).

Eu enxergo, assim, que a gente tá quase sem chão. Quase afundando. Nossa situação tá muito mal.

Eu não vejo, eu não consigo enxergar muito bem o resto das pessoas ali fora, mas, assim, eu vejo por nós que ficamos fechados aqui dentro, né: a gente não vê, não vê nenhuma luz assim para o futuro, nada.

A gente sempre pensa assim: Bah!, vai melhorar, tudo vai melhorar, mas agora assim a gente não tá vendo nada (F).

Ah meu Deus! Eu sei, eu sei que a vida devia ser bem melhor.

Difícil! O descrédito baseia-se na realidade.

O Estado brasileiro, atualmente, contrariamente ao definido na Constituição Federal (1988), não protege seus cidadãos. Não o faz não por incompetência, mas porque “é o complemento perfeito das exigências internas [do

sistema capitalista]”.²¹¹ Explicamos: “o capital é seu próprio sistema de comando [...]. O Estado [...] deve ser entendido como parte integrante da própria base material do capital”.²¹² O Estado serve ao capital “não apenas para a formação e a consolidação de todas as grandes estruturas reprodutivas da sociedade, mas também para seu funcionamento ininterrupto”.²¹³

As reformas estruturais, trabalhista e previdenciária de desproteção social, colocadas em prática pelo Estado, com maior ênfase a partir de 2016, são exemplos disso. O Executivo e o Legislativo federal têm aprovado a desconstrução do que levamos anos, no Brasil, para regulamentar, o que concerne à proteção social, o que se fez com muita luta coletiva.

Eu acho que alguns [políticos e governantes] ajudam, não posso falar todo mundo, né?!

Mas que nem lá em cima, onde eles mandam mais que todo mundo, tá uma vergonha! Tá uma vergonha!

De onde era para vir as coisas certas cada vez que se liga a televisão tem uma coisa errada, né?! (G).

Eu acho que tem muita coisa, muito difícil. Muita coisa errada acontecendo que dá até medo.

Que nem esses dias, lá em casa, tava dando que parecia que ia dar uma guerra no mundo inteiro, a gente fica com medo, né.

²¹¹ MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Boitempo Editorial; Ed. da Unicamp: São Paulo: Campinas, 2002. p. 122. Acréscimos nossos.

²¹² *Ibidem*, p. 124.

²¹³ *Ibidem*, p. 125.

É muita brigaiada entre político, coisarada. Que tá difícil, cada vez mais difícil (H).

Vou te dizer bem a verdade, nessa última eleição nem fui lá arrumar meu título porque eu não ia votar, claro que eu vou ter que pagar uma multa, nem fiz meu título ainda. Porque eu já perdi as esperanças com o pessoal que vai lá para cima, ah que falam que vai mudar, vai melhorar, que isso e que aquilo. Quem tá levando a pior é a gente. (I).

Os *tempos rudes* geram desesperança, pois, de fato, tem havido (cada dia com mais vigor) a desregulamentação de direitos sociais.

Dentre aqueles da ordem dos direitos trabalhistas, mencionamos: a) diminuição expressiva da ação e influência no Estado e dos sindicatos quanto à “definição das relações de trabalho, em uma perspectiva de fortalecer a descentralização das negociações, no âmbito do local de trabalho e até individualizando a definição das regras para os trabalhadores mais qualificados”;²¹⁴ b) consolidação de contratos “por tempo parcial, temporários, intermitentes, especiais para alguns segmentos, combinados com redução dos custos e com maiores facilidades às empresas dispensarem”²¹⁵; c) salário “variável, em que o pagamento fica vinculado ao resultado obtido pela empresa, pelo

²¹⁴ KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva: consequências da reforma trabalhista. **Tempo social**, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 82, jan./abr. 2018, p. 82. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702018000100077. Acesso em: 20 dez. 2020.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 82-83.

coletivo e até pelo trabalhador individual;²¹⁶ d) “restrições no seguro desemprego e abono salarial”;²¹⁷ e) a reforma da previdência, aprovada em outubro de 2019, que, juntamente com o aumento dos anos de contribuição e maior idade, para efetivar a aposentadoria, dificultam o acesso a benefícios previdenciários em geral.

Eu sei que o pobre é cada vez mais sacrificado, que nem agora essa Reforma aí da Previdência, quem é que vai pagar o pato? É o pobre. Os colarinhos brancos? Bom... Eu ia me aposentar com 60 anos, tem que trabalhar mais dois, 62, meu Deus! (G).

E essa previdência que eles tão agora tentando firmar ali? Eu não sei se vai ser boa para o pobre, né, se parar para pensar, né?!

O pessoal vai ter que trabalhar mais, dizem que a gente vai trabalhar menos, mas a gente vai trabalhar mais e não vai conseguir se aposentar.

Se já trabalhava vai ter que trabalhar muito mais e nem sabe se vai tá vivo para poder se aposentar, sabe. E, daí, o pessoal acha assim, sabe: Ah! A nova previdência vai ajudar o trabalhador. Ah! É que não param para ler, para escutar um noticiário direito (I).

Mas o que eu vejo, assim, é que a coisa tá bem bagunçada. Nossa situação política hoje está dando bastante medo da gente, até da gente continuar vivendo. A maioria do pessoal está entrando em depressão, por causa de tudo que está acontecendo (J).

²¹⁶ *Ibidem*, p. 83.

²¹⁷ *Ibidem*, p. 84.

Além desses direitos trabalhistas, a desproteção social foi retirada enquanto direito social do povo brasileiro, igualmente com a aprovação, em dezembro de 2016, da Emenda Constitucional dos Gastos Públicos em vigor, por vinte anos, que resulta num congelamento das despesas totais do governo federal, significando que tais gastos não acompanharão o crescimento da renda e da população. Com isso, certamente, haverá sucateamento da saúde, da educação pública e da previdência social.

E a educação? A verba da educação foi tirada. Eu tento acompanhar um pouco das notícias né, porque, pelo que eu entendi, ele tinha tirado dinheiro da verba da educação para comprar as armas para liberar para o povo, né, que diz que tinha que liberar as armas para o povo, não era? Era para isso que ele tinha cortado as verbas da educação (I).

O que que é isso? Aonde nós vamos parar desse jeito?

Eu não penso só na parte do meu serviço, entende? Eu penso na educação, onde meu filho estuda; eu já estudei, sabe. Na época em que eu estudei não tava desse jeito. Claro, eu tenho hoje 30 anos, né, claro, tinha as dificuldades na época da educação lá, por falta de verba, isso e aquilo. O nosso governador, né, falou que ia melhorar, melhorar; que os pagamentos das professoras ia ficar certo, que não ia ter mais atraso e não sei o que, mas tá a mesma coisa (I).

*Sem direitos sociais universais e sem garantias de trabalho digno, como sobreviverá a maioria da população? Como continuar vivendo? Como não deprimir?
Quem ganha com o desmonte das políticas públicas e, logicamente, da não mais garantia de direitos sociais?
Não é a população trabalhadora em geral!*

Ao contrário, as pessoas em maior situação de vulnerabilidade estão sendo expulsas do acesso à educação, à saúde e à previdência social, que se tornarão bens comercializáveis por grandes empresas de Planos de Saúde, de Seguros e de Educação. Nesses *tempos sombrios* de desmonte de direitos de cidadania,

ciência, saúde, educação, segurança e outros serviços passam a depender, cada vez mais, dos investimentos privados.

Neste estágio, ele adota a política do desmonte do Estado em prol das privatizações de bens e serviços públicos, e a formação de uma reserva de mão de obra disponível.

No que se refere à saúde, sem falar de outras áreas necessárias à produção da existência humana, é um negócio promissor para os investidores e, dependendo do tipo de governo, destituir e minimizar a atuação do Estado favorece este sistema e a crença nesta doutrina.²¹⁸

²¹⁸ SOUZA José Neivaldo de. Covid-19 e capitalismo: uma visão. In: CASTRO, Daniel; DAL SENO, Danillo; POCHMANN, Marcio (org.). **Capitalismo e a Covid-19**. Publicação disponível para download gratuito no formato pdf. São Paulo: 2020b, p. 13. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

Empregos com “carteira assinada” são cada vez mais raros.

O mercado se torna superior e mais indispensável que as pessoas. Se você pode pagar terá saúde, educação e previdência, se não pode, será jogado à própria sorte, como sempre na história do capitalismo, e suas crises estruturais “são os mais pobres que, além de perder direitos, pagam a conta”.²¹⁹ E parece que muitos não têm qualquer incômodo com tal situação.

Em ressonância ao declarado especialmente nos capítulos 2 e 3, “a arrogância e o desdém com que os abastados encaram os menos afortunados – mesmo (em particular) quando rivalizam entre si para mostrar quem é mais caridoso [quem faz mais benesse] – são fatos notáveis da nossa condição atual”.²²⁰

Pois, então, sonhos e esperanças como tê-los em

Tempos de apatia e indiferença. Tempos de silêncio.

Em certa medida, aderimos (ou assumimos) à tese, segundo a qual não há mais cura para as síndromes decorrentes da modernidade. Dentre elas, a mesmice crônica (mais do mesmo), a auto-suficiência (podemos e temos tudo e mais um pouco) e a auto-referência (é assim que se faz).

Tais síndromes, em nosso ver, se espalham veloz e eficientemente por diferentes canais (mídia, por exemplo), contaminando o tecido social, ampliando as vozes dos que já se renderam ao “tudo está bem como está”, e desqualificando os

²¹⁹ *Ibidem*, p. 11.

²²⁰ HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 269. Acréscimos nossos.

que insistem em contrariar o *establishment* reabilitando, criticamente, o ideal utópico.²²¹

Confiamos que a “única esperança é que a humanidade veja o perigo antes que a podridão avance, e os danos humanos e ambientais sejam grandes demais para se recuperar”.²²²

Nesses *tempos rudes*, a esperança está em visualizarmos que

O momento que vivemos é um momento pleno de desafios. Mais do que nunca é preciso ter coragem, é preciso ter esperanças para enfrentar o presente. É preciso resistir e sonhar. É necessário alimentar os sonhos e concretizá-los dia a dia nos horizontes de novos tempos mais humanos, mais justos, mais solidários.²²³

Sonhar é fundamental para transformar o mundo!

O(a) catador(a) que sofre com preconceito, discriminação, invisibilidade, preserva o direito de sonhar? As falas mostram que sim: acreditam em construir essa utopia do possível, mesmo que a capacidade de sonhar venha sendo sacrificada e maltratada, diante da apatia, da indiferença, do silêncio ou dos comportamentos daqueles com poder para mudar com maior rapidez o que precisa ser mudado e aqueles que para manterem seus privilégios sobrepõem-se destrutivamente sobre a maioria.

²²¹ SOUSA, *op. cit.*, p. 15-16.

²²² HARVEY, *op. cit.*, p. 269-270.

²²³ IAMAMOTO, *op. cit.*, 2018, p. 17.

Considerações finais: a inacabada possibilidade de outras respostas

Finalizar um livro – especialmente quando é resultado de pesquisas de campo (de vários anos) e arcabouço teórico acumulado (refletido com os pares o que permitiu revisões, aprofundamentos, esclarecimentos e, do mesmo tamanho, dúvidas e questionamentos) é, quase sempre, iniciar outro, mesmo que fique no pensamento ou no desejo.

Afinal, faltaram tantos: aspectos que, diante dos enunciados e das interpretações efetuadas dever-se-ia tratar; diálogos dos entrevistados que mereciam ser apresentados e analisados; novos autores, dados e investigações descobertas no processo de construção do livro, que poderiam ajudar a compreender melhor o que objetivamos apresentar. Como registramos na *Introdução: porque contar histórias que não são de carochinhas*, “a atividade de pesquisa consiste na permanente retomada daquilo que foi, enquanto conhecimento, acumulado [...] uma vez que nenhum conhecimento é absoluto e definitivo, nem foi finalizado ou abrange todos os aspectos da vida social”.

Enfim, um livro deve ser entendido como algo que, apesar de ser finalizado está inacabado. O que não entendemos como ruim, pois quer dizer que muitos outros estudos, outras investigações e reflexões são indispensáveis. Estar inacabado expressa a possibilidade de “se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas”,²²⁴ que ficaram em aberto, o que não representa a possibilidade de encontrá-las a contento. Contudo, na tentativa de continuar

²²⁴ FREIRE, *op. cit.*, 2019, p. 51.

caminhando, empenhadas em apresentar outras respostas, construímos outro livro, em continuidade a este, denominado: *Tempos rudes: lutas e resistências na trajetória profissional de catadores e catadoras de resíduos de Caxias do Sul, RS*.

Nessa produção (in)acabada buscamos, pela opção teórico-metodológica escolhida e por necessidade de **respostas** às nossas **perguntas**, como pesquisadoras, mas, também, pelo “contrato de confiança”²²⁵ com os(as) entrevistados(as) “falar do falado, do dito e do não dito, do ouvido, do escutado. Falar do dito, do ouvido, do escutado”²²⁶.

Salientamos que “falar do dito não é apenas re-dizer o dito, mas reviver o vivido que gerou o dizer de agora, no tempo do redizer, de novo se diz. Redizer, falar do dito, por isso envolve ouvir novamente o dito pelo outro sobre ou por causa do nosso dizer.”²²⁷

No *dito*, no *não dito*, que *ouvimos*, que *escutamos* (relendo inúmeras vezes as transcrições dos depoimentos), tentamos reescutar o tom utilizado, a dor vivenciada, a opinião emitida em cada diálogo, procurando “se colocar em seu lugar em pensamento”²²⁸.

²²⁵ BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 9.

²²⁶ FREIRE, *op. cit.*, 2012, p. 8.

²²⁷ *Idem*.

²²⁸ Como nos orienta Pierre Bourdieu, “sem fingir anular a distância social [entre pesquisador e entrevistado, o pesquisador deve ser] capaz de *se colocar em seu lugar em pensamento*. Tentar situar-se em pensamento no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social para o *necessitar* a partir desse ponto e para *decidir-se* de alguma maneira por ele [...] não é executar a ‘projeção de si em outrem’” (BORDIEU, *op. cit.*, p. 699-700).

Tais *escutas* e seu produto, apesar do objetivo de as entrevistas centrarem-se nas experiências profissionais dos catadores e das catadoras, são “encharcados” de histórias de vida que vão muito além da execução de uma função.

Não poderia ser diferente, pois são gente e, como tal, em concordância com Pierre Bourdieu, reflexo das condições sociais de existência, dos condicionamentos, da trajetória, da formação, das experiências.²²⁹ São homens e mulheres, que, no cotidiano da atividade de coletar e selecionar material reciclável e reaproveitável e das relações familiares e sociais, juntam-se a outros tantos trabalhadores que apenas sobrevivem: “matando muitos leões por dia”, sem, no entanto, terem acesso à carne, ao couro e aos demais benefícios da luta empreendida contra os “leões”. Como aludimos anteriormente, mencionando o compositor Gonzaguinha, *toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas*.

Ou seja, mesmo que nossa opção centralize as análises na ocupação de catadores(as) há, de maneira geral, “uma subproletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, ‘terceirizado’, que marca a sociedade dual no capitalismo avançado [...]”.²³⁰ As mazelas da desigualdade social²³¹ atingem um contingente expressivo da população brasileira.

²²⁹ BORDIEU, *op. cit.*

²³⁰ ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Edição comemorativa 20 anos. 16. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. p. 49.

²³¹ Como ilustração acerca de um aspecto de desigualdade (renda) no Brasil, a Organização das Nações Unidas (ONU), através de pesquisa

A sociedade do desemprego e da precarização do trabalho (informalização e degradação do estatuto salarial) constitui o que podemos denominar de afetos do sociometabolismo da barbárie (novas formas de estranhamento e de fetichismo social e a constituição da subjetivação pelo medo). Nestas condições sócio-históricas específicas, tendem a *exacerbar-se a individualidade* de classe e o império da contingência salarial. De certo modo, a sociabilidade neoliberal, com seus valores, expectativas e sonhos de mercado e mais, com a exacerbação do fetichismo da mercadoria, tem contribuído para sedimentar os consentimentos dos trabalhadores assalariados às novas “metas” da produção [...]. É claro que estamos diante de um processo contraditório de construção de nova hegemonia do capital na produção, envolvendo nexos geracionais que tendem a resistir, mais ou menos, às novas implicações subjetivas [...].²³²

Nestes, *duros tempos* de “confuso amanhecer, de alma ofertante e angústias soffreadas injustiças e fomes e

recente, apresenta os seguintes dados: o 1% mais rico concentra **28,3%** da renda total do país. Ou seja, quase um terço da renda está nas mãos dos mais ricos. Já os 10% mais ricos no Brasil concentram **41,9%** da renda total e 40% dos mais pobres detêm **10, 6%**. Isso significa alta concentração de renda entre poucos (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (Pnud). **Além do rendimento, além das médias, além do presente:** as desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI. Relatório do Desenvolvimento Humano 2019 (Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf. Acesso em: 18 mar. 2021).

²³² ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade:** o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Editora Boitempo, 2011. p. 96.

contrastes”,²³³ neste Brasil contemporâneo de “zigzague de equívocos”²³⁴ contra aqueles que têm apenas seu trabalho como fonte de renda, na maioria das vezes, desacreditamos no futuro, em dias melhores. Não obstante, há “esperanças que malogram, mas renascem de sua cinza morna”.²³⁵

Destarte, nos descaminhos da arena brasileira atual – nesse *tempo de muletas* –, de desmonte da proteção social, de desemprego e de emprego precário, não é possível negar a “desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam”.²³⁶ Porém, concordamos com Paulo Freire que não é compreensível a “existência humana e a necessária luta de fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho”.²³⁷

Por isso, trazemos histórias, que não são de carochinhas, mas de marias e de joões, catadores e catadoras de carne e osso. Pessoas reais, que, apesar das agruras do trabalho, da discriminação recebida, da *desvalorização indiscriminada*, do desencanto com o Estado, com seus agentes e com muitas pessoas da sociedade que provocam o *não tem quem aguente; Ninguém aguenta*, em sua maioria, identificam a imprescindibilidade da atividade realizada e têm procurado manter sonhos e esperanças, se não para si, para seus filhos e netos: esperança necessária, mesmo que não

²³³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Canto brasileiro. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **As impurezas do branco**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.105.

²³⁴ *Idem*.

²³⁵ *Idem*.

²³⁶ FREIRE, *op. cit.*, 2012, p. 5.

²³⁷ *Idem*.

suficiente²³⁸ para alterar a situação de desigualdade e vulnerabilidade social a que são expostos.

*Esperança que sozinha “não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia”.*²³⁹

Afinal, não adianta nada apenas a esperança e o sonho, se a ela não for juntada a consciência e ação críticas: “Não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã”.²⁴⁰ Por isso, a esperança precisa apoiar-se em práticas concretas e objetivas. Não se pode imaginar que “a esperança sozinha [transforme] o mundo, e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo”.²⁴¹

Desencanto e esperança, lados diferentes da mesma moeda: *corda bamba equilibrista*. O segundo, precisa sair da *pura espera* para superar o primeiro, o desencanto. Esperança que ajuda a “**começar o embate, mas, sem o embate**, a esperança, [...], se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero”.²⁴² Não é simples nem fácil: “**mudar é difícil, mas é possível**”.²⁴³

Por conseguinte, a esperança e os sonhos devem ser transformados em possibilidades, que, como afirmamos, *não saem de uma suposta cartola mágica*. Então, o que fazer?

²³⁸ *Idem*.

²³⁹ *Idem*.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 5-6.

²⁴¹ *Idem*, *acréscimos nossos*.

²⁴² *Idem*, grifo nosso.

²⁴³ FREIRE, *op. cit.*, 2019, p. 31, grifo nosso.

As dificuldades de organização e de luta fazem parte da conjuntura mundial de todos os trabalhadores neste século XXI. Há uma vitória do individualismo contrário à participação e à organização coletivas. Experimentamos desinteresse e desmobilização social e política dos trabalhadores, resultado inclusive da precarização do trabalho, o que enfraquece reivindicações, a manutenção ou o avanço de direitos.

Alia-se a isso: a) o descrédito nas instituições representantes do Estado (Executivo, Legislativo e Judiciário), ideologicamente construído e reproduzido pelos meios de comunicação, pelo mercado e pelo próprio Estado, aderidos pela maioria da população; b) *fakes news*, “bola da vez” da cena contemporânea – pensadas e repassadas intencionalmente – desinformam e criam o caos político e social de descrédito em tudo e todos. Ao desqualificar reportagens, conhecimentos científicos e a opinião alheia legitimam a irracionalidade e o ódio ao outro. Aspectos que contribuem, acentuadamente, para a não organização de atividades de cunho coletivo.

Nestes *tempos rudes*, a falta de “novas formas” de organização e luta contra a barbárie é fato. A pandemia pela Covid-19, instalada desde o início do ano de 2020, têm demonstrado isso. Como diz Silva, vivenciamos absurdos e barbárie: “Vivemos em apatia, indiferença ou negligência? O que falta para que escolhamos melhor as nossas estratégias de sobrevivência? Ou, então, estamos à espera de qual barbárie que, enfim, nos mova a um sentido de autopreservação e solidariedade?”²⁴⁴

²⁴⁴ SILVA, Andrea Fraco Lima e. Desinformação. Do absurdo à barbárie: apatia e solidariedade em tempos de pandemia. **Le Monde**

Por conseguinte, experimentamos o crescimento da extrema direita com todas as suas bandeiras antidemocráticas e antidireitos universais; a dispersão das lutas políticas, em favor da classe trabalhadora; o descrédito nos partidos políticos e a idolatria a indivíduos “salvadores da pátria”; a apatia, por muitas vezes a indiferença, a descrença. Então, o que fazer? Como ter esperanças e sonhos, como se organizar na imprescindível luta?

Gostaríamos de ter respostas. Não temos.

É preciso encontrá-las, junto com tantos outros que querem transformar o atual status quo e acreditam que, apesar de difícil, é possível encontrar saídas, alternativas.

Sabemos que apenas na luta, na organização daqueles que precisam do trabalho para viver é possível manifestar o desagravo, o descontentamento, tornar visível a precariedade da vida. Isso se constitui em ato de rebeldia contra o que está destruindo homens e mulheres.

Temos, portanto, muitas dúvidas, mas uma certeza: “Não é na resignação, mas na rebeldia, em face das injustiças que nos afirmamos”.²⁴⁵ Manter sonhos e esperanças, lutar, diariamente, para se manter vivo é rebeldia.

Denunciar, através das exposições aqui realizadas, as mazelas da vida dos trabalhadores é, também, rebeldia.

Diplomatique Brasil. Acervo *on line*. 18 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/do-absurdo-a-barbarie-apatia-e-solidariedade-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

²⁴⁵ FREIRE, *op. cit.*, 2019, p. 31.

É imperativo ser rebelde, implementar sonhos e esperanças de uma vida melhor, porque os trabalhadores deste Brasil merecem; porque os seres humanos precisam plena humanidade para deixar de ser ou tornarem-se indiferentes e entupidos de ruindade. Precisamos de um modo de ser com “qualidade existencial”.²⁴⁶ Porém, é preciso mais: “A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente”.²⁴⁷ Precisamos de um ponto de chegada: a edificação de novos patamares civilizatórios, que acabem com as situações desumanizantes.

No atual momento histórico, urge atentar para o fato de que o “homem não pode ser eticamente bom, contando apenas com uma eventual coerência com os valores de sua subjetividade e, muito menos, com a obediência a preceitos divinos sobrenaturais”.²⁴⁸ É indispensável que o ser humano, para continuar fazendo jus às características que contemplam a chamada humanidade, rompa com a naturalização das relações sociais baseada na idolatria ao mercado que tem sido traduzida em barbárie, em detrimento da vida de muitos para salvar o poderio econômico de poucos.

Enquanto pesquisadoras, nossa pequena contribuição na organização da luta – entendendo pesquisa como prática

²⁴⁶ SEVERINO, Antonio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, set./dez. 2006, p. 621. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300013. Acesso em: 21 mar. 2021.

²⁴⁷ FREIRE, *op. cit.*, 2019, p. 31.

²⁴⁸ SEVERINO, *op. cit.*, p. 628.

social de conhecimento – se dá através das descrições, teorizações e interpretações realizadas, aspirando contribuir na visualização, por parcelas expressivas da sociedade, dos(as) catadores(as) como sujeitos com sentimentos, com dores, com potencialidades profissionais, políticas e sociais. Como cidadãos com direitos a: proteção social; salários que garantam o cumprimento das necessidades humanas básicas; espaços de trabalho qualificado; reconhecimento. Cidadãos que não querem ou precisam de ajuda filantrópica – avesso do mundo dos direitos – mas sim que a eles(as) sejam estendidas, de fato, as regras da equidade, da proteção e da justiça social, tão raras à maioria dos brasileiros, na atualidade.

Tornar visível quem são, como pensam, sentem, agem e resistem, é nossa singela colaboração para superação da discriminação, do estigma e dos demais contornos de *apartheid* social vivenciados por estes sujeitos: dando “lugar a outros espaços analíticos que tornem observáveis realidades novas ou que foram ignoradas e invisibilizadas”.²⁴⁹

Tomara tenhamos:

- cruzada a fronteira “que divide tão profundamente a realidade social que tudo o que fica do outro lado dela permanece

²⁴⁹ GENTILI, Pablo. Inventar outras ciências. Prefácio. In: MENESES, Maria Paula *et al.* (org. e apres.). **Boaventura de Sousa Santos**: construindo as epistemologias do Sul para um pensamento alternativo de alternativas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2018. p. 14. v. I. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia_Boaventura_PT1.pdf. Acesso em: 22 mar. 2021.

invisível ou é considerado irrelevante”,²⁵⁰ indo, em concordância com Pierre Bourdieu, “além das manifestações aparentes”,²⁵¹ evidenciando, pelo menos, alguns aspectos dos “verdadeiros determinantes econômicos e sociais dos inumeráveis atentados contra a liberdade das pessoas, contra sua legítima aspiração à felicidade e à autorrealização”,²⁵²

- atravessado “a tela das projeções geralmente absurdas, às vezes odiosas, atrás das quais o mal-estar ou o sofrimento se escondem tanto quanto se expressam”,²⁵³
- igualmente, a possibilidade de levar os(as) catadores(as) de Caxias do Sul “à consciência [de alguns dos] [de] mecanismos que tornam a vida dolorosa, inviável”.²⁵⁴ Sabemos que descrever, interpretar e explicar a realidade e suas infinitas contradições não resolve a questão da desigualdade, do preconceito, da desproteção social, nem organiza os sujeitos para as lutas necessárias, mas “não se pode anular o efeito que ela pode exercer, ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e , assim, se sentirem

²⁵⁰ *Idem.*

²⁵¹ BORDIEU, *op. cit.*, p. 735.

²⁵² *Idem.*

²⁵³ *Idem.*

²⁵⁴ *Idem*, acréscimos nossos.

desculpados”.²⁵⁵ Alia-se a isso a importância de dar a “conhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas”.²⁵⁶

Infelicidade, que por “não ser destino certo ou vontade de Deus,²⁵⁷ pode ser alterada. Não se está, com isso, negando o valor da fé e da religiosidade das pessoas, apenas que é nosso dever ético e profissional desafiar os grupos com os quais trabalhamos, para que “percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta”.²⁵⁸ E que essa não é obra de Deus, mas é obra de homens e mulheres que não se preocupam com o outro.

Paulo Freire, novamente nos representa:

Não posso proibir que os oprimidos com quem trabalho [...] votem em candidatos reacionários, mas tenho o dever de adverti-los do erro que cometem, da contradição em que se emaranham. Votar no político reacionário é ajudar a preservação do “status quo”. Como posso votar, se sou progressista e coerente com minha opção, num candidato em cujo discurso, faiscante de desamor, anuncia seus projetos racistas [homofóbicos e perpetuadores da desigualdade]?²⁵⁹

Temos ciência, em relação aos sujeitos de pesquisa, “do pouco que fizemos; acreditamos, contudo, que devem

²⁵⁵ *Idem.*

²⁵⁶ *Idem.*

²⁵⁷ FREIRE, *op. cit.*, 2019, p. 31.

²⁵⁸ *Idem.*

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 32, acréscimos nossos.

ter uma significação as respostas [destes sujeitos] que interromperam sua jornada e vieram conversar conosco de suas [dores, realidade profissional e social] e aspirações”.²⁶⁰

Temos compromisso moral, ético e político com “os depoimentos que homens e mulheres nos confiaram a propósito de sua existência e de sua dificuldade de viver”.²⁶¹ Isso torna-nos responsáveis pela defesa intransigente da possibilidade real e concreta de melhoria das condições e dos modos de trabalho e de vida destes: “Depois de descobrir carências, percebemos que elas nos comprometem. [...] Assumir uma visão operária do mundo é um exercício difícil, um limite que tentamos alcançar, um caminho a percorrer”.²⁶²

Parafraseando a fala de (I) *no calejar da vida, no cansar de um ombro, o outro vai ajustando*. Ser capaz de transformar *pedras*, de retorno financeiro indigno, preconceito que marginaliza, agride e violenta, expressas na forma de indiferença ou ruindade, em sonho e esperança, merece registro.

Equilibrar-se na “corda bamba” da sobrevivência diária, é coisa de artista – equilibrista. Responder à adversidade com trabalho e esperança (fé na vida, fé no que virá!) é coisa de marias e joões incansáveis protagonistas.

Homens e mulheres assim: inspiram e enobrecem a condição humana, especialmente em uma sociedade que

²⁶⁰ BOSI, *op. cit.*, 1981, p. 179, acréscimos nossos.

²⁶¹ BOURDIEU, *op. cit.*, p. 9.

²⁶² BOSI, *op. cit.*, 1981, p. 180.

tem primado pela desumanidade; ajudam a continuar acreditando na “possibilidade de mudar, vale dizer, [...] contra a força da ideologia fatalista dominante [do não tem jeito, do é assim mesmo], que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores”.²⁶³ A apatia, a descrença, o desânimo são ganhos dos e para os poderosos, pois desmobiliza.

Reafirmamos que os estratos das falas apresentadas – reflexos da construção de uma percepção de vida e de trabalho experienciada e sentida –, não deixa dúvidas de que o “mirante” utilizado para orientar as análises reforça os pressupostos de que: (1) o consumo desenfreado é uma ameaça à vida da maioria das espécies; (2) o trabalho do catador(a) é fundamental e protetivo ao meio ambiente, apesar disso não há o merecido reconhecimento social; (3) a desigualdade social – fenômeno econômico, político e cultural – é naturalizada e legitimada no Brasil. Isso resulta, inclusive, em desigual acesso e garantia de direitos sociais e civis, inserção ao mercado de trabalho e oportunidades, podendo ser traduzida como discriminação justificada, considerada por grandes parcelas da população como socialmente justa; (4) as imprescindíveis transformações da realidade social demandam que seja visualizado o que está encoberto, para que haja a probabilidade de alterar as interpretações equivocadas e

²⁶³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000. p. 43. Acréscimos nossos.

discriminatórias, em relação ao(à) catador(a) e sua atividade laboral.

É nesse contexto que os personagens centrais desta produção vão “costurando” suas vidas e elaborando as “teias” da sobrevivência!

Cada fio condutor deste emaranhado se entrelaça e forma nós que representam as dificuldades, o sofrimento, a desproteção, o descrédito quanto à relevância da função, a discriminação e o preconceito, resumindo: a precarização da vida. Ao mesmo tempo e, talvez, como uma das formas de resistência, esses “nós” fortalecem a conexão, a capacidade de ser solidário, de dividir dificuldades (e o pão de cada dia), de exercitar, com persistência, o direito inalienável à vida.

[...] a adaptação à dor, à fome, ao desconforto, [...] que o eu de cada um, como corpo e alma, experimenta é uma forma de resistência física a que se vai juntando outra, a cultural. Resistência ao descaso ofensivo de que os miseráveis são objeto. No fundo, as resistências – a orgânica e/ou a cultural – são *manhas* necessárias à sobre-vivência física e cultural dos oprimidos.²⁶⁴

A força intrínseca dessa resistência a esse emaranhado, surpreendentemente, alimenta sonhos e faz pulsar a esperança de outros, como a das autoras deste livro. Por isso, reafirmamos nossa suposição: apesar de um expressivo número de pessoas *serem indiferentes e outras tantas recheadas de ruindade, na mesma proporção há os*

²⁶⁴ FREIRE, *op. cit.*, 2019, p. 31, grifo do autor.

que resistem, os que não perderam a capacidade de se indignar, de se solidarizar com o outro, de se contrapor, de lutar contra a barbárie e suas formas de opressão e violência contra a vida, que contraria a racionalidade individualista e de perda do sentido da humanidade.

Sendo assim, desejamos, acima de tudo, que tenhamos conseguido, ao dar voz interpretativa a catadores e catadoras: apreender que são as formas de resistência que “nos preservam vivos”²⁶⁵; compreender o “*futuro* como *problema* e [a] vocação para o *ser mais* como expressão da natureza humana, em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa *rebeldia* e não para a nossa *resignação*, em face das ofensas que nos destroem o ser”.²⁶⁶ Tomara!

“Ninguém chega à parte alguma só [...]”²⁶⁷: “*eu sou mais um que vai somar, não vou, de forma alguma, diminuir nada*” (D)

²⁶⁵ *Idem.*

²⁶⁶ *Idem*, com acréscimo nosso.

²⁶⁷ FREIRE, *op. cit.*, 2012, p. 16.

Referências

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o “espírito do toyotismo” na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

AMARAL, Marta. **Da deslucidez**. 8. ed. Espírito Santo: Miraflores, 2013. Disponível em: <http://www.aemiraflores.edu.pt/joomla2/index.php/es-demiraflores/114-faca-la-um-poema>. Acesso em: 12 set. 2020.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Canto brasileiro. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **As impurezas do branco**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ANDRADE, Carlos Drummond de [1945]. **A rosa do povo**. 21. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Edição comemorativa 20 anos. 16. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

ARAÚJO, Luiza Ananda. **Desabafo de um catador** (poesia). Disponível em: <http://pimpmycarroca.blogspot.com/>. Acesso em: 1º set. 2020.

AULETE, Caldas. Aulete Digital. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Dicionário Caldas Aulete vs digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/carteirada>. Acesso em: 1º dez. 2020.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel**: a menina fula. São Paulo: Casa das Áfricas; Palas Athena, 2013.

BAPTISTA, Mytlan Veras. **Planejamento social**: intencionalidade e instrumentação. 3. ed. São Paulo: Veras, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 7. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2010.

BETTO, Frei. **Esperança em tempos distópicos**. 5 ago. 2017b. Disponível em: <https://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/125-esperanca-em-tempos-distopicos>. Acesso em: 29 mar. 2020.

BETTO, Frei. **Roubaram a esperança?** Gente de opinião, 20 ago. 2017a. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/freibetto/roubaram-a-esperanca-freibetto> . Acesso em: 29 mar. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BORGES, José Luís. **Cinco visões pessoais**. 4. ed. Trad. de Maria Rosinda R. da Silva. Brasília: UnB, 2002.

BORGES, Samantha da Silva Hassen; SILVA, Vera Lopes da. Um olhar para a desigualdade escolar em tempos de pandemia. **Carta Capital**, 25 maio 2020. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/um-olhar-para-a-desigualdade-escolar_em-tempos-de-pandemia/. Acesso em: 20 set. 2020.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leitura de operárias. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher 2017-2018** (Raseam). Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/publicacoes-1/SPMRaseamdigital.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

BRECHT, Bertold. **Perguntas de um trabalhador que lê** [1935]. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br> . Acesso em: 28 ago. 2020.

BUARQUE, Chico; BETHÂNIA, Maria. **Vai levando**. Composição de Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda. Álbum Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo. São Paulo: Philips Records, 1975.

CAJU; CASTANHA. **O pobre e o rico**. Álbum Professor de Embolada. Composição feita a partir de escritos efetuados por Carolina Maria de Jesus no livro *Quarto de despejo*, 1961. Rio de Janeiro: Trama, 2003.

CALVINO, Ítalo. **O caminho de San Giovanni**. Trad. de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMARDELO, Ana Maria Paim; STEDILE, Nilva Lúcia Rech; FERRI, Caroline; LUCAS, João Ignacio Pires. **Catadores de resíduos**: de papeleiros a protetores ambientais. Projeto de pesquisa. Financiado pelo CNPq. Universidade de Caxias do Sul, RS, jun. 2017/jun. 2020.

CARLOS, Roberto. **Amigo**. Composição de Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Álbum Amigo. São Paulo: CBS, 1977.

CARVALHO, Beth. **Tristeza**. Composição de Niltinho e Haroldo Lobo. Álbum Beth Carvalho ao vivo em Montreux. São Paulo: Sony Music Entertainment, 1987.

CASARA, Rubens R. R. Vamos falar de alternativas? **Revista Cult**. Além da Lei. 5 de dez. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/vamos-falar-de-alternativas/>. Acesso em: 21 dez. 2020.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaDescricao.jsf> . Acesso em: 1º set. 2020.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001. v. 13. (Coleção Primeiros passos).

CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Educ. Pesq.**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0245.pdf> Acesso em: 11 nov. 2020.

CORA CORALINA. **Assim eu vejo a vida**. [O poema inédito em livro], foi publicado pelo jornal Folha de S. Paulo - caderno “Folha Ilustrada”, edição de 4/7/2001. Disponível em: https://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-cora-coralina/#Poema_Assim_eu_vejo_a_vida_Cora_Coralina. Acesso em: 15 nov. 2020.

COSTA, Cláudia Moraes da; PATO, Cláudia. A constituição de catadores de material reciclável: a identidade estigmatizada pela exclusão e a construção da emancipação como forma de transcendência. In: PEREIRA, Cristina Jaquetto; GOES Fernanda Lira (org.). **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 99-122. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160331_livro_catadores.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

COUTINHO, Davison. O preso rico e o preso pobre. **Jornal do Brasil**, Em Pauta, 1º/2017 em 2 min read. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-presos-ricos-e-os-presos-pobres/> . Acesso em: 11 out. 2020.

CURY, Carlos Roberto Jamil; NOGUEIRA, Maria Alice. Prisão especial e diploma de ensino superior: uma aproximação crítica. **Revista Brasileira de Educação**, Espaço Aberto, jan./fev./mar./abr. 2001, n. 16, p. 105-115. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n16/n16a10.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça às bruxas**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREITAS, Ana Lúcia Souza. **Pedagogia da conscientização**: um legado de Paulo Freire à formação de professores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Trad. de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. Trad. de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GENTILE, Paola. José Saramago: "ideias claras, escrita clara". **Nova Escola**. 01 de outubro de 2003. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/950/jose-saramago-ideias-claras-escrita-claras>. Acesso em: 20 mar. 2021.

GENTILI, Pablo. Inventar outras ciências. Prefácio. *In*: MENESES, Maria Paula *et al.* (org. e apres.). **Boaventura de Sousa Santos**: construindo as epistemologias do Sul para um pensamento alternativo de alternativas. v. I. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2018, p. 14. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia_Boaventura_PT1.pdf . Acesso em: 22 mar. 2021.

GOMES, Luiz Flávio. Matou quatro pessoas e foi absolvido por ser rico. **Jornal JURID**. Disponível em: <https://www.jornaljurid.com.br/doutrina/geral/matou-quatro-pessoas-e-foi-absolvido-por-ser-rico> . Acesso em: 11 out. 2020.

GONZAGUINHA JÚNIOR, Luiz Gonzaga. **Comportamento geral**. Álbum Luiz Gonzaga Jr. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1973.

GONZAGUINHA, Luiz Gonzaga Júnior. **O que é, o que é?** Álbum Caminhos do Coração. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil, 1982.

GONZAGUINHA, Luiz Gonzaga Júnior. **Um homem também chora**. Álbum Alô, alô Brasil. Rio de Janeiro: Universal Music International Ltda., 1983.

GONZAGUINHA, Luiz Gonzaga Júnior. **Nunca pare de sonhar**. Álbum Grávido. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1984.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

IAMAMOTO, Marilda Villela. O serviço social na cena contemporânea. **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**, Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. p. 23, separação em itens nossa. Disponível em: <https://www.poteresocial.com.br/wp-content/uploads/2017/08/1.1-O-Servi%C3%A7o-Social-na-cena-contempor%C3%A2nea-%E2%80%93-Marilda-Vilela-Iamamoto.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

IAMAMOTO, Marilda Villela. O Serviço Social na cena contemporânea. In: **Serviço social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. Disponível em: <https://www.poteresocial.com.br/wp-content/uploads/2017/08/1.1-O-Servi%C3%A7o-Social-na-cena-contempor%C3%A2nea-%E2%80%93-Marilda-Vilela-Iamamoto.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

IANNI, Otávio. **A era do globalismo**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

IASI, Mauro Luis. Nem luto, nem melancolia. **Blog da Boitempo**. Publicado em 21/8/2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/08/21/nem-luto-nem-melancolia/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

JUSBRASIL. **Juízes estaduais e promotores**: eles ganham 23 vezes mais do que você. Notícias. Publicado por EduqOab há 4 anos. Disponível em: <https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/409959534/juizes-estaduais-e-promotores-eles-ganham-23-vezes-mais-do-que-voce>. Acesso em: 4 dez. 2020.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil – fotografias de Antonio Saggese. São Paulo: Editora 34, 2009.

KLIKSBERG, Bernardo. **Como enfrentar a pobreza e a desigualdade**: uma perspectiva internacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/miolo-Kliksberg-final.pdf> . Acesso em: 14 out. 2020.

KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva: consequências da reforma trabalhista. **Tempo social**, Revista de Sociologia da USP, v. 30, n.1, São Paulo, jan./abr. 2018, p. 77-104. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702018000100077. Acesso em: 20 dez. 2020.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Trad. de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ, 1999.

LYRA, Carlos; MIUCHA. **Sabe você**. Composição de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes. Álbum Vivendo Vinicius. São Paulo: BMG, 1999.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

MAAKAROUN, Bertha. **O negacionismo como arma de destruição durante a pandemia**. Psicanalista Christian Dunker recorre ao conceito da negação descrito por Freud para explicar ações políticas que buscam desmoralizar autoridades sanitárias e cientista. Estado de Minas. Pensar. 24/7/2020, atual. 24/7/2020 10. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/07/24/interna_pensar,1169615/o-negacionismo-como-arma-de-destruicao-durante-a-pandemia.shtml. Acesso em: 14 ago. 2020.

MACIEL, Sheila Dias. Investigações em torno da memória e do testemunho em *Lembrança de uma batalha*, de Ítalo Calvino. **Revista Rascunhos Culturais**, Coxim/MS, v. 5, n.10, p. 33-46, jul./dez. 2014. Disponível em: http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2015/08/10ed_artigo_2.pdf . Acesso em: 20 out. 2020.

MANFRIN, Flávio Antônio. O conceito de capital econômico, cultural e social em Pierre Bourdieu como elemento-chave no pensamento de Jessé Souza. *In*: FOLLMANN, José Ivo (org.). **Dialogando com Jessé Souza**, São Leopoldo, RS, Casa Leiria, 2018, p. 65-88. Disponível em: <https://olma.org.br/wp-content/uploads/2018/10/dialogando.pdf> . Acesso em: 15 ago. 2020.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MARTINS, Susana *et al.* A educação ainda é importante para a mobilidade social? Uma perspectiva das desigualdades educacionais da Europa do sul no contexto europeu. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 29, n. 2, p. 261-285, 2016. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/7920/7521>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo Editorial; Ed. da Unicamp; São Paulo: Campinas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

MIURA, Paula Orchiucci; SAWAIA, Bader Burihan. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 331-341, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/10.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 12 mar. 2017.

MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Epub, v. 234, p. 1-15, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782018000100276&script=sci_arttext. Acesso em: 28 dez. 2020.

MORBIDINI, Martina. Catador cidadão; trabalho digno. *In*: RIAL, Carmem (org.). **O poder do lixo**: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016. p. 65-98. Disponível em: <https://navi.ufsc.br/files/2017/11/OPoderDoLixoAbordagensAntropologicasDosResiduosSolidos-1.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020.

MURRAY Roseana. Poemas. *In*: MURRAY Roseana (Poemas). **MATIZES DUMONT** (Bordados). Nas entrelinhas. Residência no ar – Edições digitais, 2020. Disponível em: <http://roseanamurray.com/site/wp-content/uploads/2020/10/NAS-ENTRELINHAS-roseana-murray.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

NASCIMENTO, Milton. **Quem sabe isso quer dizer amor**. Composição de Márcio Borges e Lô Borges. Álbum. Pietá. Rio de Janeiro: Warner Music, 2002.

OLIVEIRA, Caroline. Com aulas remotas, pandemia escancara desigualdade no acesso à educação de qualidade. **Brasil de Fato**, São Paulo, SP, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/04/com-aulas-remotas-pandemia-escancara-desigualdade-no-acesso-a-educacao-de-qualidade>. Acesso em: 20 ago.2020.

OLIVEIRA, Laura Freitas de. Questão social e criminalização da pobreza: o senso comum penal no Brasil. **Revista Em Pauta**, Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 43, v. 17, p. 108-122, 1º sem. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/download/42505/29820>. Acesso em: 19 nov. 2020.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (Pnud). **Além do rendimento, além das médias, além do presente**: as desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI. Relatório do Desenvolvimento Humano 2019. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf. Acesso em: 18 mar. 2021.

REGINA, Elis. **O bêbado e o equilibrista**. Composição de João Bosco e Aldir Blanc. Álbum Essa Mulher. São Paulo: WEA Record, 1979.

REGINA, Elis. **Nada será como antes**. Composição de Milton Nascimento, e Ronaldo Bastos. Álbum Nada será como antes. Rio de Janeiro: Polygram, 1984.

REIS, José Claudio; GUERRA, Andreia; BRAGA, Marco. Ciência e arte: relações improváveis? **Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.13, supl.0, p. 71-87, out. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000500005. Acesso em: 18 dez. 2020.

RODA, Paco. A gestão neoliberal da pobreza. **Revista IHU online** – Unisinos, 3 jul. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580471-a-gestao-neoliberal-da-pobreza> . Acesso em: 18 dez. 2020.

SANTOS, Boaventura, Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. Disponível em: <https://www.cpalsocial.org/documentos/927.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

SANTOS, Lulu. **Como uma onda**. Composição de Lulu Santos e Nelson Motta. Álbum o Ritmo do momento. São Paulo: WEA Records 1983. Faixa 4.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SEGALLA, Vinicius. Furando a fila: promotores de SP pedem para receber primeiro a vacina da Covid. **Brasil de Fato**, São Paulo (SP), 2 dez. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/02/furando-a-fila-promotores-de-sp-pedem-para-receber-primeiro-a-vacina-da-covid> . Acesso em: 3 dez. 2020.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000300013 . Acesso em: 21 mar. 2021.

SILVA, Patrícia Costa e. A impessoalidade do individualismo sob o domínio da racionalidade técnica. Dialogando: **Revista Interdisciplinar de Filosofia e Teologia**, Quixadá, v. 3, n. 5, p. 97-118, jan./jun. 2018. Disponível em: https://www.revistadiologando.com.br/images/5/A_impessoalidade_do_individualismo_sob_o_dominio_da_racionalidade_tecnica_p.97-118.pdf . Acesso em: 20 dez. 2020.

SILVA, Andrea Fraco Lima e. Desinformação: do absurdo à barbárie: apatia e solidariedade em tempos de pandemia. **Le Monde Diplomatique Brasil**, acervo *on-line*. 18 dez. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/do-absurdo-a-barbarie-apatia-e-solidariedade-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 18 mar. 2021.

SOARES, Elza. **A Carne**. Álbum Do Cócix Até o Pesçoço. Composição de Marcelo Yuca, Seu Jorge, Ulisses Cappelletti. Salvador: Marianga, 2002.

SOUSA, Cidoval Morais de. Utopia ainda que tardia. *In*: SOUSA, Cidoval Morais de (org.). **Um convite à utopia** [Livro eletrônico], Campina Grande: EDUEPB, 2016, p. 15-28. Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Um-Convite-a-Utopia.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

SOUZA, Jessé. A gramática social da desigualdade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 54, fev. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n54/a05v1954.pdf> . Acesso em: 20 mar. 2019.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão a lava jato. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018a.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira**: quem é, como vive. 3. ed. Cols. André Grilo *et al.* São Paulo: Contracorrente, 2018b.

SOUZA, Jessé. **A guerra contra o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020. Recurso digital. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n8xsnc0>. Acesso em: 4 jul. 2020.

SOUZA José Neivaldo de. Covid-19 e capitalismo: uma visão. *In*: CASTRO, Daniel; DAL SENNO, Danillo; POCHMANN, Marcio (org.). **Capitalismo e a Covid-19**. Publicação disponível para download gratuito no formato PDF. São Paulo: 2020b, p. 11-18. Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

STABILE, Arthur. Vítima inocenta o suspeito, mas Justiça ignora e mantém jovem preso sem prova. **UOL Notícias**, Ponte Jornalismo, 8 nov. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/08/heverton-enrique-presos-sao-paulo-roubo-carro-ponte.htm> . Acesso em: 11 out. 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TELLES, Vera da Silva. Prefácio. *In*: KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil – fotografias de Antonio Saggese. São Paulo, Editora 34, 2009. p. 9-17.

VELOSO, Caetano. **Dom de iludir**. Álbum Totalmente Demais. São Paulo: Philips Records, 1986.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e assistência social**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2016.



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 100 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1000 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:



“Uma das promessas do mundo que emergiu do mundo do pós-guerra, com as declarações de direitos humanos e organizações internacionais, voltadas à sua proteção, é o pleno desenvolvimento das sociedades, que têm como um de seus principais indicadores, o fim do desemprego, o trabalho estável, seguro, digno e bem-remunerado. Ironicamente, a maior parte das pessoas vive hoje de meios de subsistência precários, sob todos os aspectos. A insegurança material e simbólica e a indignidade vivida pelos trabalhadores precários se refletem sobre sua identidade. A partir de valores que remontam a uma história oligárquica, sempre (re)legitimada pela racionalidade neoliberal imperante, por uma lógica concorrencial, em que a disputa se dá fora da lei, esses homens e mulheres, cuja tarefa é essencial à vida contemporânea, são amplamente percebidos como “subgente”. Essa identidade emerge como uma segunda condenação: trata-se de oprimir aquele que é oprimido, porque é oprimido.”

Clóvis Eduardo Malinverni da Silveira

ISBN 978-65-5807-120-4



9 786558 107120 4

